

maio - junho

## O PLEITO DE 3 DE MAIO

A primeira observação que acóde, sobre o pleito de 3 de Maio, é, naturalmente, o interesse que despertou. A não ser a massa dos displicentes — que continuam, hoje em dia, com o mesmo scepticismo de outrora e para os quaes não representou esse pleito senão um episodio sem importancia, igual a qualquer eleição para a renovação do Conselho Municipal, — a não ser esse nucleo inextirpavel de indifferentes e scepticos, todos os brasileiros conscientes se empenharam nelle como em qualquer coisa de realmente serio e mesmo grave. Recebida a principio com desconfiança e no meio da incredulidade geral, só pouco a pouco se impoz a idéa de sua realização, e á medida que se approximava o fim do alistamento é que cresceu o interesse pelo mesmo. O numero de votantes, portanto, ainda é muito pequeno e a percentagem de eleitores, mesmo nos grandes centros, ainda está longe de corresponder á população alphabetizada. As pugnas politicas continuam, por conseguinte, a travar-se entre minorias, deixando de lado as grandes massas da população brasileira. E' esse um dos phenomenos importantes de nossa vida social, que precisa ser encarado como preliminar a todo estudo do problema brasileiro. O preconceito contra o analphabetismo deturpa a comprehensão do Brasil em muita gente que pretende orientar os destinos da nacionalidade. O analphabeto é considerado um paria, sem direitos civis e, muitas vezes, sem direitos naturaes. Para essa mentalidade protestante e maçonica que anima, por exemplo, a Cruzada Nacional contra o Analphabetismo, que encontrou num primario como o sr. Washington Pires o mais entusiastico apoio, moral e material, — é a cartilha o unico padrão de dignidade do povo. O analphabeto, para elles, é a mancha do Brasil, é o indigno, é o escravo, é o inutil. Saber ler e escrever é a condição, não só para ser brasileiro, mas ainda para ser homem. Tudo mais, character, convicções, trabalho, qualidades moraes, habilidades technicas, tudo é secundario. A cartilha é que abre as portas da humanidade e da nacionalidade a essa pobre massa humilhada que os bonzos do alphabetismo desprezam soberanamente,

emquanto não sabem rabiscar o nome e soletrar as phrases da cartilha.

Não queremos aqui fazer a apologia do analphabetismo. A Igreja Catholica tem dado ao longo da historia, e nós brasileiros bem o sabemos folheando as paginas do nosso passado, onde os chronistas como Simão de Vasconcellos nos contam que ao lado de cada capella se abria sempre uma "aula", — a Igreja Catholica tem dado sempre o exemplo, não só de educar mas de ensinar, como sendo a sua tarefa primordial. A fabula, inventada pelos nossos inimigos e repetida mecanicamente pelos Pintos Servas da nossa semi-cultura patricia, de que a Igreja difficulta a alphabetisação das massas para mante-las sob sua tutela, — já está hoje fartamente desmentida pelos factos mais notorios da historia e as affirmações mais explicitas de nossa doutrina. O que a Igreja porém não faz é acreditar que a dignidade do homem é apenas funcção da sua cultura e que um analphabeto é moralmente inferior pelo proprio facto de não saber ler e escrever.

E o que nós catholicos não devemos fazer é desdenhar das grandes massas anonymas que, — por ignorarem esses rudimentos de leitura e escripta que essa Cruzada Protestante contra o Analphabetismo, do pastor Gustavo Armbrust, pretende disseminar amplamente, de mistura com o espirito anti-catholico que secretamente a anima — são condemnadas ao mais radical ostracismo politico. E' uma forma "civilizada" de escravidão politica, que não figura nos Codigos a não ser em paragraphos laconicos como o do Codigo Eleitoral que impede os analphabetos de votarem. De facto essa prohibição se justifica. Mas o voto é uma expressão de consciencia, de bom senso, de opinião. E isso tanto póde um analphabeto ter, como não ter um alphabetizado. Visitando uma secção eleitoral de Madureira, no dia 3 de Maio, e perguntando a um eleitor qual *a sua opinião* sobre os candidatos mais cotados na secção, respondeu-nos elle textualmente: "Eu lá tenho opinião"... E' mister, pois, ter sempre em mente que a população *politica* da nação é uma minoria irrisoria, que representa pouco mais de uma quadregesima parte da população total.

Esse phenomeno, como diziamos, deve ser levado em conta, preliminarmente, em qualquer estudo dessa "realidade brasileira", hoje tão em voga. As eleições de 3 de Maio não foram feitas pelo Brasil de facto e apenas por uma minoria que representa imperfeitamente a famosa "realidade brasileira".

Essa é uma primeira filtragem do Brasil real, que devemos levar em conta em nossos prognosticos sobre a Constituinte. Mas uma segunda filtragem, ainda mais cerrada, se opera entre o eleitorado votante e os candidatos votados. Estes representam, em geral, o ambiente das classes cultas

ou semi-cultas, das nossas profissões liberaes. E estas ainda se encontram, em materia de pensamento, no mais vasto confusionismo. E' certo que as duas tendencias dominantes e positivas do pensamento moderno — que representam a logica da verdade e a logica do erro, — isto é — o catholicismo e o communismo, já conseguiram, mesmo aqui no Brasil, attrahir para si ou para proximo de si a massa dos liberaes, dos scepticos, dos hesitantes. De modo que a zona cinzenta, em torno do pólo branco do catholicismo, — e a zona rosea, em torno do pólo rubro do communismo, — já constituem duas massas consideraveis de opinião no seio dessas classes *liberaes*, que vão fornecer a materia prima humana da Constituinte. Mas a maioria que virá, muito provavelmente, vae ser de homens sem orientação religiosa ou philosophica segura e apenas sympathizantes com o pólo branco ou o pólo rubro, e tendendo ao nacionalismo fascista e racista, ou ao extremismo mexicano, espanhol ou russo.

Deante desse quadro da sociedade brasileira contemporanea é que se delineou como dupla a tarefa da Liga Eleitoral Catholica:

- 1.º — despertar os catholicos da indiferença em que viviam, em face dos problemas politicos e
- 2.º — obter dos partidos e candidatos indifferentes ou hesitantes, em materia de orientação social superior (problemas de familia, educação, religião) compromissos formaes de votarem com a doutrina social catholica, que coincide, felizmente para nós, com a tradição historica brasileira e com uma das renovações mais modernas do pensamento universal.

Foi em torno dessa dupla finalidade que girou, nesses ultimos seis mezes de lutas, a actuação da Liga Eleitoral Catholica, centro de todas as nossas actividades sociaes nesse periodo.

E já agora podemos dizer que a primeira foi, em grande parte, alcançada. Apesar de todos os obices que se apresentaram, da precipitação e das difficuldades do alistamento, da lentidão com que a principio corresponderam ao appello das mais altas autoridades ecclesiasticas, da falta de recursos materiaes com que luctamos, — o facto é que o alistamento da Liga em todo o Brasil foi o mais coordenado, o mais disciplinado e o mais numeroso si attendermos a que se trata de uma instituição isolada. Todos os partidos tinham ambitos *regionaes*. Só a L. E. C. manteve, do primeiro ao ultimo dia, o seu character verdadeiramente *nacional*, trabalhando uniformemente em todo o Brasil com a sua organização em Juntas de ambito decrescente — nacional, estadual, regional, local — e coordenando assim, ao mesmo tempo com

unidade e variedade, todo o corpo catholico nacional, do Acre ao Rio Grande, em torno de um programma de reivindicações minimas, que foram e são o nosso *on ne passe pas*.

E foi um espectáculo inedito na vida politica e na vida religiosa da Nação. Mantendo-se estrictamente alheia ás lutas partidarias, — o que nenhum politico profissional ou amator acreditava possivel e o que muitos catholicos mesmo duvidavam que fosse viavel, — reduzindo as suas reivindicações áquillo que só os catholicos podiam exigir, pois o commodismo e o "conchavismo" ambiente cederiam em tudo ás tendencias dissolventes do esquerdismo, — pôde a L. E. C. despertar realmente a somnolencia civica dos catholicos. E acredita que alcançou tambem a sua outra finalidade, isto é, dar á Constituinte certa unidade doutrinaria.

A acceitação, por parte de todos os partidos filiados á União Civica Nacional, por parte da Frente-Unica paulista, e dos grandes partidos mineiros e gauchos, alem de numerosos independentes ou opposicionistas em todos os Estados, — a acceitação das nossas exigencias minimas leva a crer que o nosso segundo objectivo tambem será alcançado.

Sem essa base moral e tradicional que impuzemos como exigencia basica do eleitorado catholico em todos os Estados, — nenhuma unidade moral e intellectual corrigiria o individualismo doutrinario que, inevitavelmente, vae dividir os Constituintes.

Ainda é cedo para affirmarmos si esse nosso segundo objectivo foi realmente alcançado. Mas, ainda mesmo sem os resultados finaes da eleição e apenas avaliando pelos compromissos moraes assumidos por partidos e candidatos, — tudo leva a crer num resultado favoravel. E, si assim fôr, abre-se para nós então a terceira tarefa que succede ás anteriores: a de collaborar, directa e indirectamente, na Constituinte, para que essa unidade espiritual minima, que teremos conseguido obter, apesar de toda a confusão moral e intellectual moderna, venha realmente traduzir-se em uma Lei Basica coerente comsigo mesma e adequada ao Brasil.

Atravez das duas filtragens a que acima alludimos, temos de zelar por que os membros da Constituinte, apesar de toda a variedade de opinião que representam, da precipitação de muitos compromissos, ou da superficialidade do seu apoio ás linhas mestras das bases moraes da Constituição, — venham realmente a reflectir não o Brasil de superficie, mas o Brasil de verdade, não os seus defeitos mas as suas inegalaveis qualidades moraes profundas.

Essa tarefa espiritual e intellectual, de uniformizar, quanto possivel, as dissidencias doutrinarias da Constituinte, de seus membros entre si e delles com aquella grande massa esquecida e *real* que constitue o *cerne da nacionalidade*, como diziam Euclides da Cunha ou Affonso Arinos — essa tarefa

é que incumbirá agora aos catholicos brasileiros mais consci-  
entes de sua missão espiritual e nacional.

Eis, ao que nos parece, os resultados, tangiveis ou pre-  
visiveis, da grande campanha politica em que se empenharam,  
de toda alma, os catholicos brasileiros, sob a direcção supre-  
ma desse grande chefe que é o Cardeal D. Sebastião Leme,  
cuja visão superior, cuja prudencia, cuja perspicacia, cujo  
conhecimento dos homens e das coisas brasileiras e sobretudo  
cuja intensa vida sobrenatural têm sido nessas horas agita-  
das e difficeis a bussola da Igreja brasileira e portanto o gran-  
de factor espiritual para a reintegração pacifica da nacio-  
nalidade em uma ordem legal justa e duradoura.

Sem a Liga Eleitoral Catholica, ou com uma Liga parti-  
daria que dêsse vôo ás ambições politicas individuaes, esta-  
riamos hoje em vespervas de uma Constituição inspirada nos  
moldes da infeliz republica espanhola.

Com a orientação prudente e realista, que a L. E. C. se-  
guiu, temos todos os motivos de crer que, se uma revolução  
qualquer não alterar violentamente a ordem actual das coi-  
sas, possuiremos uma legislação que defenda a verdadeira  
consciencia do povo brasileiro e permitta, a nós catholicos  
militantes, intensificar, por todos os modos, o nosso aposto-  
lado no campo social e muito particularmente nas duas ta-  
refas fundamentaes do momento: a organização christã das  
classes operarias, para a sua elevação *social* e a catechese  
christã das classes intellectuaes para sua elevação *moral*.

# POSSESSÃO, HISTERIA E EXTASE

PE. J. DE CASTRO NERY

A Nina Rodrigues, e ao Instituto Bahiano que tomou o seu nome, deve a sciencia no Brasil não poucos trabalhos de monta. Embora solidamente familiarizados com a litteratura scientifica da Europa, taes autores se compenetraram bem cedo de que era mistér chegar-se mais e mais ao *nosso*, tentando roubar ao proprio insulamento do ambiente o segredo da sua originalidade. Isso de se citarem allemães ou inglezes a proposito de factos ou realidades da Amazonia ou dos pampas deveria ser tomado lá fóra por uma grossa pilheria de brasileiros. E quanto a nós, a escassez de obras nacionaes em terrenos pacificamente nossos, deveria ser considerada como prova de inercia intellectual e de horror congenito a todo esforço especializado.

Eis porque não podemos deixar de applaudir e encorajar os continuadores de Nina Rodrigues, entre os quaes se tem salientado ultimamente o dr. Arthur Ramos, docente livre de Clinica Psychiatrica da Faculdade de Medicina da Bahia e medico legista do mencionado Instituto. Elle deu-nos successivamente um forte estudo acerca das relações entre *Primitivo e loucura*, mais outras contribuições, de igual importancia, ao exame da mithologia afro-bahiana (1). Vamos occupar-nos com o ultimo dos seus escriptos que obedece ao thema: *A possessão fetichista na Bahia*, Bahia, 1932.

O dr. A. Ramos examina detidamente os chamados "estados de santo" dos cadomblés da Bahia, as manifestações do orixá fetichista num paciente iniciado ou não. Faz ves que a possessão é provocada e conseguida por meio de praticas evocativas especiaes, em que tem larga parte os "paes" ou "mães de terreiro". A pessôa que se deixou apoderar pelo espirito dá-se o nome pittoresco de "cavallo do santo", —

---

(1) — *Os horizontes mithicos do negro na Bahia*, Arch. do Inst. Nina Rodrigues, Abril, 1932, *Os instrumentos musicaes dos "cadomblés" da Bahia*, Bahia Medica, Agosto, 1932; *O milho de Yemanjá e suas raizes inconscientes*, Bahia Medica, Setembro, 1932.

expressão essa que não é unicamente bahiana, mas se encontra entre os indígenas tripolitanos (2).

A par da possessão espontanea que attinge, por vezes, paroxismos extraordinarios, é estudada a possessão provocada, onde entram em jogo, como elementos importantes, as cantilenas monotonas dos negros e a cadencia excitante dos atabaques.

O autor compara depois as manifestações fetichistas da Bahia com as que elle chama "religiões primitivas". Naturalmente não foi sua intenção tratar pelo meudo das variedades historicas do assumpto. Assim, para não allegar mais que um exemplo, a oribasia grega, maxime do vale do Tmolos. Tambem ahi a musica ruidosa predispunha os coribantes á alienação, sons violentos de valderões de cobre desenhavam-se por sobre o surdo ribombar dos cimbalos. Excitado por essa melopéa, o bando festivo dançava, aos gritos, num corrupio cada vez mais veloz; as mulheres, sobretudo, mal europadas nas pelles de raposa, agitavam os cabellos onde apontavam chifres de touro, e brandiam punhaes mal disfarçados sob o tufo das heras. Dançavam até a crise final, da "loucura sagrada", em que rasgavam a fio de dentes as postas de carne crua e cuidavam ouvir os mugidos subterraneos de Hades (3).

A parte mais contestavel do seu trabalho é a que se refere á comparação da possessão demoniaca com histeria, tal qual a concebeu a escola de Salpêtriere. O dr. A. Ramos cozinha na mesma caldeirada as encarnações do Appolo delphicos gregos, as bachantes de Dyonisio, os espiritos impuros da Biblia, o diabo da idade média e a legião dos espiritos kerdécistas contemporaneos. Parece-nos um magnifico "puchero". Mas ponhamos de parte estas miudezas. O autor ainda é da epoca em que se considerava a idade média "uma longa noite", uma "quadra de superstição e de desespero", "de maldição e de dor". Deixemo-lo nesse doce anacronismo. Não foi certamente a escola de Charcot quem ensinou aos observadores a prudencia nestas questões obscuras. Já a colleção dos hippocratides, no memoravel *De morbo sacro*, estabelecia um

---

(2) — A locução "cavallo de kuri", a que o autor se refere, parece-me fortemente impregnada de orientalismo. E' sabido que o grego possui o vocabulo "kurios" (senhor) e o arabe, creio que com significação aproximada, "Curi". Dada a remanescencia oriental na Tripolitania, não é para admirar o agregado daquellas duas palavras.

(3) — Poderia ter introduzido ainda ou achado um modesto lugarzinho para o Terror, o Panico, as Erinias e a perniciosa Até que ensandecem os canticos da *Illiada* (XIX, 87; XIX, 91-96, IX, 507, XVI, 805); outro para o Destino, a Parca, a Vingança, a Peste que tempesteiavam pela *Teogonia* de Hesiodo, de cambulhada com Gerião Cerbero, a Hidra e as potencias do Erebo (verso 211-227; 295-302), um terceiro mais humilde ainda para o Edimmu e Utukku dos assirios.

profundo scepticismo acerca de certas formas perfeitamente naturaes da enfermidade. Os seguintes topicos não deveriam escapar ao illustre medico bahiano: “Penso que esta doença vem da divindade com todas as outras... Ellas têm todas uma causa natural, sem que o que nenhuma enfermidade se poderia produzir”. E noutro logar: “Não, a epilepsia não é divina. Não é digno da divindade enxovalhar o corpo de um homem. A impureza não dimana da pureza”. — O autor do opusculo sobre a possessão, na Bahia, que soube citar um trecho tremebundo do Ritual Romano sobre os exorcismos-despachos provavelmente não reparou que o mesmo documento obrigava o exorcista a um exame previo do paciente e não confundir a possessão authentica com as formas morbidas vulgares. “De inicio — diz o capitulo *De exorcizandis obsessis a daemonio* (4) — não creia facilmente que alguém está possesso do diabo, mas tenha presentes as marcas por meio dos quaes o obsessado se differencia dos que padecem do figado ou de qualquer outra enfermidade”. Isso naturalmente não estava no seu Oesterreich. Pela mesma maneira, Charcot e Richer (5) só conheciam o Ritual, atraves de L. Figuier, *Histoire du merveilleux*, p. 29.

Outros documentos, igualmente anteriores á escola de Salpêtrière, discerniam as possessões e as doenças. O trabalho medieval de Levinus Lemnius, sob o titulo *De occultis naturae miraculis* (I, II, c. II), procura explicar certas anormalidades que hoje chamariamos demoniacas pela mera corrupção dos humores; o theologo Thyrée, que publica o seu livro *De daemoniacis* por volta de 1598, distingue signaes certos, duvidosos e provaveis da possessão; Bento XIV, no *De servorum beatificatione et canonizatione* (IV, p. 1, cap. XXIX, n. 5) assigna as seguintes declarações: “Muitas pessoas são chamadas possessas sem que o sejam de facto; ou porque fingem sê-lo... ou porque os medicos sentenciam como possessas pessoas que o não são... Por isso os thelogos e os medicos mais sensatos fazem observar que é mister ponderar e examinar os signaes. antes de pronunciar que alguém é possesso do demonio”...

Daqui, no emtanto, á negação da realidade demoniaca vae muito andar. A menos que se destrua todo o valor das documentos humanos (e nesta hypothese as observações de Charcot e de seus discipulos seriam vaporosas) as dezoito

(4) — *In primis, ne facile credat, aliquem a daemonio obsessum esse, sed nota habeat ea signa, quibus obsessus dignoscitur ab iis, qui vel atrabile, vel morbo aliquo laborant. Signa autem obsidentis daemonis sunt: ignota lingua loqui pluribus verbis, vel loquentem intelligere distantia, et occulta patefacere; virus supra aetatis seu conditionis naturam ostendere; et id genus alia, quae cum plurima concurrunt, majora sunt indicia.*

(5) — Charcot e Richer, *Les démoniaques dans l'art*, p. 97.

vezes em que a possessão é commemorada no Evangelho (6) garantem-nos a authenticidade da intromissão de um ser sobrenatural no corpo de um homem. Longe de desaparecer da historia, após a morte de Christo, o endemoniamento é assignalado nos actos dos Apostolos e nos escriptos dos Santos Padres. Em todos, a possessão se distingue da mera enfermidade. *Dato non concessio* que estas allegações são demasiado remotas para que se possam averiguar, ainda restam os depoimentos dos missionarios contemporaneos, todos contestes na verificação do demonismo entre os gentios. O dr. A. Ramos, que conhece e cita a obra de Calmeil (7), bem poderia dar-se ao incommodo de reler o tomo segundo, desde a pagina 417 e seguintes, essa extranha carta de Lacour ao dr. Winslow, em que um possesso da provincia de Cham, no reino da Cochinchina, *fala correntemente o latim*, e, sob o comando do missionario, *se transporta pelo ar ao tecto da igreja, onde permanece*, até que lhe ordenem a descida. Estar assim suspenso, no ar, sem apoio, é bem difficil de explicar pela mera enfermidade, sem concurso de uma força sobrenatural.

O medico legista do Instituto Nina Rodrigues attribue ainda a São Felipe Neri uma scena de cura demoniaca pintada por Andréa del Sarto. Muito embora o mencionado afresco não represente o fundador dos Oratorianos, mas simplesmente a São Felipe Benizi (o que naturalmente não está no sr. Chacot e Richer), a citação desse nome vem rememorar a prudencia com que agiam certos homens de Deus neste problema das possessões. O processo da vida de São Filipe Neri revela uma grande cautela no acto de distinguir a possessão da mera enfermidade. O santo não tentava o exorcismo liturgico sem que primeiro examinasse o paciente. Muitas vezes teve que se declarar, como um puro charcotiano, pela melancolia, debilidade mental ou afecção uterina das pacientes (8). Outras, após um inutil ataque ao demonio, o enfermo era curado por uma simples oração. Onde estaria o hypnotismo da Escola da Salpêtriere?

A identificação da possessão com a histeria em que pese aos estudos do sr. A. Ramos, parece-me uma these fatalmente destinada ao esquecimento. Charcot não conseguiu sinão

(6) — Marcos, I, 23-28, Lucas, IV, 33-37; Matheus, VII, 16; Marcos, I, 32-34; Lucas, IV, 40-41; Marcos, I, 39; Matheus, IV, 24; Lucas, IV, 42-44; Matheus, VIII, 28-34; Marcos, V, 1-20; Lucas, VIII, 26-39; Matheus, IX, 32-34; Marcos, III, 10-12; Lucas, VI, 18-19, Lucas, VIII, 21; Matheus, XII, 22-45; Marcos, III, 20-30; Lucas, XI, 14-26; Lucas, VIII, 2; Matheus, X, 1-8; Marcos, VI, 7, 12, 13, Matheus, XV, 22-28; Matheus, XVII, 14-21; Marcos, IX, 37-39; Lucas, X, 17-20; Lucas, XIII, 11-17; Lucas, XIII, 32; Marcos, XVI, 17. E outras passagens dos Actos dos Apostolos.

(7) — Calmeil, *De la folie considerée sous le point de vue pathologique*, etc. Paris, 1845.

(8) — *Acta Sanctorum*, maii, tomus VI, p. 491, n. 100, p. 607.

aproximar os caracteres accidentaes do demonismo com as formas morbidas do hysterismo. As convulsões, os esgares, os ululos, as attitudes clonicas ou passionaes não bastam para confundir duas series de phenomenos tão dessemelhantes na sua etiologia. O poliglotismo, as suspensões no ar, a força inaudita dos demoniacos marcam condições que se não verificam no hysterismo.

Demais, confundir estas duas figuras de signaes parece algum tanto como a somma de duas escuridões.

Da possessão ficou dito que não é facil reconhecer sem exame maduro. Da historia cabe falar outro tanto. Continuamos ainda no repetido conceito de Laségue, segundo o qual "uma boa definição de histeria não se deu nem se dará jamais". As concepções de Charcot, a de Janet, a de Déjérine, a de Babinski e as mais modernas ainda, as do dia de hoje (9), se succedem com rapidez de pasmar. Ellas provam, pelo menos, a instabilidade do terreno, o desnorteador das manifestações que se encontram sob o nome de histeria.

Em apoio da sua these o dr. A. Ramos traz a baila a historieta das possessas de Loudun e o romancelho dos convulsionarios de São Medardo. Ora, quanto ao primeiro, Soror Joanna dos Anjos e as sete endemoniadas do convento, bem que se lhes possa até certo ponto accusar de uma certa fragilidade no sistema nervoso, apresentam signaes que se não podem conciliar com o puro hysterismo. Evidentemente, ficaram os corpos suspensos acima do solo por muito tempo, falaram-se idiomas inteiramente desconhecidos pelas freiras, são phenomenos que os Charcot e Richer daquem e dalem-mar procurarão embalde identificar com os symptomas perfeitamente morbidos da histeria. Acaso os medicos da Salpêtriera teriam conseguido provocar nas suas pacientes de enfermaria a suspensão dos corpos a alguns centímetros acima do assoalho? Demais a malsinada Soror Joanna revela em todos os actos da sua vida, apezar da crise demoniaca, caracteres de lucidez, de firmeza de decisões, de nobreza de alma (10) que não se encontram no pavilhão dos histéricos.

Dos convulsionarios de São Medardo a historia é mais encipoada ainda. Os phenomenos curiosos acontecidos após a morte do jansenista François de Paris têm muito de histeria e de epilepsia, muito de charlatanismo, mas alguma coisa que se não póde explicar, na etapa actual do saber, pela simples indicação pathologica. Boa parte das informações hão de ser acolhidas com reserva porque partem de sectarios empenhados na approvação da sua heresia; outras, fazem

(9) — V. Henrique Roxo, *Modernas acções sobre doenças mentaes*, p. 140 ss.

(10) — V. A. *Autobiographie* de Soror Joanna, escripta em 1642. Cf. Henri de Fouqueray, *Histoire de la Compagnie de Jesus en France*, t. V, Paris, 1925.

pensar claramente no valor da suggestionabilidade quando esta se propaga num meio ductil como as multidões. Afastando a hypothese da intervenção divina, — que se não poderia coadunar com indecencias praticadas então, como explicar, por exemplo, sinão pela acção diabolica, o facto de Maria Sonet ficar suspensa ao de cima de uma enorme braseira “o tempo necessario para assar um naco de carneiro”; a suspensão no ar de *Mlle. Ihivenet* e a incomprehensivel insensibilidade de *Nisette* e de *Marguerite-Catharine Iurpin*? (11).

Assim filiado á escola de Charcot, não admira que o autor do “A possessão fetichista” force uma nova identificação, a do extase com a histeria. A prova tem-na nas attitudes passionaes communs a mysticos e histericos. Mas contra este modo de ver apresentam-se as seguintes razões. Não me consta de artistas que haja pintado ou photographado os santos quando mergulhados no seu extase divino. As posturas, pois, dos mysticos são mais ou menos idealizadas pelos retratistas. Si acaso coincide com as photographias dos histericos em transe, isso se deve provavelmente a circumstancias fortuitas. Não possuindo o artista o modelo mystico, lança mão dos que a doença lhe apresenta e que ao parecer se avizinham do typo desejado. A semelhança, portanto, das attitudes pintadas tem um mero valor artistico, não scientifico. A irreductibilidade dos dois estados se torna cada vez mais marcada á medida que se examinam com imparcialidade os effeitos de ambos. No extase histerico (chamemo-lo assim para contentar a escola) há, de accordo com o testemunho dos medicos, e do proprio Charcot, um encurtamento do campo da consciencia e uma redução das forças intellectuaes e volitivas. Ora, no extase mystico, da-se exactamente o contrario: um alargamento do campo da consciencia, uma plenitude de luz. No histerismo, si acaso brotam palavras dos labios da enferma, estas são desconexas ou denotam um enfraquecimento do poder coordenador; no extase mystico se executam verdadeiros tratados de asceticas, onde os theologos mais exigentes não encontraram nada contra a doutrina professada.

---

(11) — Cf. Carré de Montgeron, *La verité des miracles operés para l'intercession de M. de Paris démontrée contre M. l'archevêque de Sens* Utrecht, 1737; Paul Dudon, S. J., *Le Fanéisme*, in *Revue Gorini*, 1908-1914; Louis Lataste, O. S. B., *Lettres théologiques aux écrivains défenseurs des convulsions et autres prétendus miracles du temps*, Avignon, 1739. P. F. Mathieu, *Histoire des Miraculés et des convulsionnaires de Saint-Médard*, Paris, 1864. Barbier, *Chronique de la Régence et du règne de Louis XV (1718-1763)*, t. II, p. 525; Picot, *Mémoires pour servir á l'hist. eccl. pendant le XVIIIe siècle*, ed. Paris, 1815, H. Blanc, *Le merveilleux dans le jansenisme*, I, III, Paris, 1865. Para a comparação com factos analogos: H. Blanc, *De l'inspiration des Camisards*, Paris, Plon, 1859; J. Chapman, *Christian revivals*, London, 1860.

E' conhecido o famoso *Dialogo* de Santa Catharina, composto durante um extase. Em ultimo logar, o nevropatha sae do seu estado somnambulico deprimido, mental e physicamente, com novas tendencias para o desequilibrio nervoso. O mistico, pelo contrario, remoça e sente um poderoso appetite de acção. Eis a palavra de Santa Theresa: "Muitas vezes o corpo enfermo e cheio de dores, antes do extase sae delle cheio de saude e admiravelmente disposto para a acção" (12).

Psychologos mais avisados têm feito justiça aos mysticos catholicos. De Santo Ignacio de Loyola, que não escapou á vassoura de Charcot, disse o grande e insuspeito William James (13) que era "um dos maiores homens de acção que o mundo conheceu"; e Th. Ribot, igualmente imparcial neste assumpto, a respeito de outro santo diz o seguinte: "Francisco Xavier, que um historiador protestante chama de Alexandre dos missionarios, está todo inteiro na sua divisa de conquistador: "*amplius*" (14). Tal não impediu que outros scientists continuassem á procura de quadros nosologicos onde encaixar o misticismo. Si Charcot conchava extase com histeria, com um *aplomb* imperturbavel (15), já não acontecerá o mesmo com Pierre Janet que avança para a catalepsia, depois recua para a histeria, para pousar, sabe Deus por quanto tempo, na psycasthenia. Não serão mais felizes os seus confrades naturalistas. Godfernaux alludirá, de rosto muito serio, a uma certa hipertensão da canesthesia, emquanto o impagavel professor da Escola de Psychologia, o dr. Binet-Sanglé, como si pronunciasse palavras de cabala para circulos de iniciados, vae pontificando sobre "hierosincrothemas parochiaes, provinciaes, ethicos e internacionaes" (16).

Quero terminar este estudo com tres citações de Bergson, tanto mais validas quanto maior é a reputação do philosopho e tanto mais uteis aqui quanto mais destituídas de suspeição. "Quando se toma na sua embocadura a evolução interior dos grandes mysticos, é licito perguntar como podem ser elles assimilados a enfermos. Certo, vivemos num estado

(12) — *Vida de Santa Thereza, escripta por ella mesma*, capitulo XX.

(13) — William James *L'Experience religieuse*, p. 351.

(14) — Th. Ribot, *Essai sur les Passions*, Paris, Alcan, 1923, 5éme, p. 109.

(15) — Charcot-Bourneville *sur les Leçonles maladies du systeme nerveux*, Paris, Bourneville-Regnard, *Iconographie photographique de la Salpêtriere*.

(16) — Pierre Janet, *L'automatisme psychologique*, Paris, Alcan, 1930; 10éme; *Nevroses et idées fixes*, Paris, Alcan, 1924, 3éme; *Les nevroses* Flammarion, 1930, onzième mille; e sobretudo o ultimo *De l'angoisse a l'extase*, Paris, Alcan, 1926, 2vs. — Binet-Sanglé, *Les prophetes juifs*, Paris, Dujarric, 1905; *Les lois psychologiques du développement des religions*, Paris, Maloine, 1907; *La folie de Jesus*, Maloine, 1911, 3éme.

de equilibrio instavel, e a saude média do espirito, como aliás a do corpo, é coisa penosa de definir. Ha, no entanto, uma saude intellectual solidamente assentada, excepcional, que se pode reconhecer sem trabalho. Ella manifesta-se pelo gosto da acção, a faculdade de se adaptar e de se readaptar ás circumstancias, a firmeza irmanada a ductilidade, o discernimento prophético do possivel e do impossivel, um espirito de simplicidade que triumphá das complicações, enfim um bom senso superior. Não é isto precisamente que se encontra nos misticos de que falamos? *E não poderiam elles servir á definição propria da robustez intellectual.* E pouco mais abaixo, respondendo á concepção de Janet: "Mas ha estados morbidos que correspondem a estados sãos: estes não são menos sãos e os outros morbidos. Um louco crer-se-á imperador; por seus gestos, palavras, e actos elle dará um andamento systematicamente napoleonico, e tal será justamente a sua loucura: sairá dahi alguma cousa contra Napoleão? *Poder-se-ha outrosim parodiar o misticismo, e se terá uma loucura mistica: seguir-se-á dahi que o misticismo seja loucura?* E sobre a distincção do anormal e do morbido: "O que é simplesmente anormal pode duplicar-se no que é, ás claras, morbido; corre-se o risco de deslocar as relações habituaes entre conscientes e inconsciente. Não é mister, pois, espantar-se si acaso perturbações nervosas acompanham por vezes o misticismo; encontramos tambem noutras formas do genio, maximo entre os musicos. Não se devem enxergar aqui mais que accidentes. *Aquelles que pertencem mais á mistica do que estes á musica*" (17).

---

(17) — H. Bergson, *Le deux sources de la morale et de la religion*, Paris, Alcan, 1932, pp. 243 e ss.

# O DIREITO NATURAL DE PROPRIEDADE

J. VIEIRA COELHO

- A) O Direito de propriedade é um direito natural;  
B) Mas só emquanto propriedade humana e emquanto direito natural e secundario.**

Accentuou Luis Le Fur a importancia cada vez mais crescente que certos problemas theoreticos, fundamentaes vêm tomando no movimento juridico actual. A tendencia caracteristica dos nossos tempos lhe pareceu ser num sentido de deslocamento das questões de ordem economica, internacional, religiosa, que, até ha bem pouco tempo se moviam quasi exclusivamente do plano politico para o plano juridico. E poder-se-ia completar a observação dizendo que o interesse que, hoje em dia, se abre para a sciencia pratica por excellencia, que tal é o Direito, se manifesta naquelles problemas de mais desinteresse immediato, naquelles problemas fundamentalmente theoreticos.

Sem difficuldade nenhuma foi-se admittindo, levado muita vez pela amarga lição da experiencia, que era possivel existir, protegido pelo poder coercivo do Estado, um direito injusto, pois que, ao menos praticamente — e o Direito é uma norma pratica — na concepção positivista do Direito este se confunde com a lei. Ainda mais, fôra licito perguntar: — si uma lei má cessa de ser direito, qual é o gráo de injustiça que deveria ella attingir para cessar de ser direito? si uma lei não corresponde a consciencia juridica de uma sociedade, e, por isso, não merece ser respeitada, quantas transgressões serão precisas para que se possa dizer que desobedecer a lei não é um crime mas um direito? si se pode affirmar que uma lei é injusta, qual é o criterio existente para se fazer essa affirmação, ou para transformar esse direito injusto numa realização de justiça?

Toda a critica que se fizer a uma experiencia juridica manifestada em qualquer tempo, ou em qualquer lugar, confirma aquella profunda observação de Rudolf Stammler de

que a experiencia do direito suppõe já um conceito — universalmente valido — do direito.

Os proprios juristas positivistas como Duguit e Bonnard, Gurvitch e Dabin si não acceitam o nome "direito natural" como expressão de um conceito especificamente juridico, affirmam, entretanto, que não deve haver um direito injusto, que ha um direito objectivo, que ha um direito natural moral ainda que não um direito natural juridico.

Bem que tinha razão Bluntschil assegurando que a questão do conceito do direito constitue a base de toda a doutrina juridica. Entretanto o conceito do direito envolve dois outros problemas preliminares e fundamentaes, sem cuja solução será inutil definir o direito:

1) — Existe, effectivamente, um conceito geral, immutavel, do direito valido para todos os homens e para todos os lugares?

2) — Caso elle exista, como pode nascer em nós um tal conceito?

Não nos deteremos, *brevitatis causa*, demasiadamente, nessas questões, na primeira das quaes reconhecemos uma grande questão metaphysica. Em todo o caso, com relação á primeira, podemos dizer, repetindo os moralistas, que si não houver um conceito immutavel e geral do Direito será impossivel não só toda a *Philosophia* do Direito, como toda a *Historia* do Direito, como até todo o Direito comparado. Sem um termo de comparação, sem um direito objectivo, ainda que no sentido do positivismo de um Duguit, sem um conceito de Direito universalmente valido, ainda que no apriorismo formal de um não-kantiano como Rodolpho Stammler, nem a *Philosophia*, nem a *Historia*, nem o Direito comparado se entenderão.

Agora, como se formou em nós esse conceito de Direito, universal e immutavel?

A resposta poderão nos dar a psychologia e a *Historia*.

Antes de tudo e depois das primeiras sensações apparecem, na intelligencia, as evidencias espontaneas. O todo é maior do que as partes. O ser não é não ser. Nada pode ser e não ser ao mesmo tempo sob a mesma relação. Etc. E, mais tarde, ao lado dessas evidencias propriamente metaphysicas outras evidencias de ordem moral: o bem, o mal, etc.

Deve ficar bem claro, como uma observação opportuna, que essas evidencias não são idéas innatas, mas conceitos abstraídos da experiencia sensivel. *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu* (1).

1—Aqui nos approximamos da *Psychologia*, á qual incumbe resolver o problema idiogenico. Resumiremos assim a ideogenia thomista nas quatro proposições (Mercier):

a) — A intelligencia é uma potencia passiva — intellecto potencial — que uma acção extrinseca deve determinar á intellecção;

Todos os homens conhecem essas verdades de ordem geral. O justo e o injusto; o dever e a consciencia; o bem e o mal, tudo isto accode, igualmente, a todos os espiritos, por menos cultos e pouco civilizados, no primeiro dia em que tomaram posse do uso da razão.

Todos os homens — como diz Viktor Cathrein — têm uma idéa clara do Direito. Todos sabem o que é direito e o que não é direito. Mas nem todos possuem um conceito distincto do Direito; nem todos são capazes de decompor este conceito em seus elementos simples. Aliás essa é a tarefa da Philisophia do Direito.

Poder-se-ia bem ver como o sentimento do Direito — e eu estou chamando sentimento, aqui, a essa idéa clara mas não distincta do Direito — existia até nos selvagens brasileiros quando se revoltavam contra a escravatura e a usurpação dos seus haveres, levadas a effeito pelos primeiros colonizadores. (“As Cartas Jesuiticas”, “Cartas do Brasil”, do Padre Manuel da Nobrega e “Cartas avulsas — editadas em 1931 pela Academia Brasileira de Letras estão cheias de exemplos dessas revoltas e dessas queixas dos indios). E o proprio Viktor Cathrein no seu livro — Direito, Direito Natural, e Direito positivo, refere como se manifestavam entre os selvagens da America e da Australia as revoltas oriundas das offensas aos direitos de liberdade e de vida praticadas pelos povos conquistadores.

Tres sentidos pode ter — segundo explica Cathrein — (Philosophia Moral) o vocabulo Direito:

Ou o Direito é um *objecto de justiça*, e nesse caso significa o *seu*, o justo (sendo a justiça a virtude que inclina a vontade a dar a cada um o que é seu; e vindo a ser o *seu* aquillo que é destinado á exclusiva vantagem de alguém, aquillo que a uma pessoa deve pertencer para que possa realizar o seu fim immediato. Não se faz necessario nem dizer que esse conteu-

b) — a determinação da potencia intellectiva á intellecção tem uma dupla causa efficiente: a imaginação é uma força abstractiva e imaterial, intellecto activo;

c) — quando a potencia intellectiva se acha de posse de um determinante conceitual, passa da potencia ao acto, e entende, isto é, diz a si mesma o que a coisa é:

d) — a intelligencia conhece a principio directamente as quiddidades das coisas sensiveis, ella não se conhece a si mesma sinão pela reflexão (pg. 48, t. II *Psychologie* — Mercier).

As idéas geraes — tempo, espaço, vida, morte, direito, moral, etc. com certeza são tiradas da experiencia. Uma idéa innata não pode haver, e a prova é que o cego de nascença não faz idéa da luz e o surdo não tem idéa do som. As idéas geraes vivem numa esphera elevada de abstracção, dahi a difficuldade de explicação, pela maioria dos homens, dessas noções.

*Quid est ergo tempus? si nemo ex me quaerat, scio: si quaerenti explicare vellim, nescio.* (S. Agt. — Conf. XIV, I).

do da justiça é encontrado, semelhantemente, assim na justiça commutativa, como na justiça distributiva e na justiça legal;

Ou o *Direito é uma norma de justiça*: Direito no sentido objectivo. E' o que Cathrein preferia chamar Direito normativo ou preceitivo;

Ou o *Direito é um poder moral*: Direito no sentido subjectivo. E equivale ao que Cathrein entendia melhor chamando Direito dominativo ou utilitario.

Pois bem, o Direito Natural tem de ser explicado e compreendido dentro dessas tres cathegorias ou sentidos geraes do Direito.

No sentido objectivo o Direito Natural se entenderá como um conjuncto de normas. O conteudo dessas normas — constituindo o Direito Natural no primeiro sentido — pode-se resumir nos dois preceitos juridicos: dar a cada um o que é seu e não prejudicar a ninguem, *suum cuique tribuere, neminem ledere*. Finalmente, no sentido subjectivo o Direito Natural é o poder moral de agir conforme essas duas normas de justiça.

Aquelles dois principios (*dar a cada um o que é seu e não prejudicar a ninguem*) que do plano da moral se desprendem para constituir a ordem juridica, são susceptiveis de consequencias immediatas e necessarias que poderão, legitimamente, ser chamadas tambem Direito Natural. Por exemplo: *não matar, não roubar, não enganar* são normas que decorrem immediata e necessariamente dos dois principios *dar a cada um o que é seu, e não prejudicar a ninguem*. São pois, normas de Direito Natural.

Evidentemente, naquelle primeiro caso — e para exemplo basta esse primeiro caso — o *não matar* equivale a não tirar de cada ser vivo aquillo que lhe pertence como proprio, que é a vida. E assim por deante.

Tudo o que se pode deduzir — independentemente da revelação sobrenatural e de qualquer norma positiva divina, ou humana — pertence ao Direito Natural em sentido proprio.

Santo Thomaz de Aquino explica de que modo se podem fazer essas deducções do Direito Natural: *est de ratinoe legis humanae quod sit derivata a lege naturae. . . et secundum hoc dividitur jus positivum in jus gentium et civile secundum duae modos quibus aliquid dirivatur a lege naturae. Nam ad jus gentium pertinent ea quae derivantur ex lege naturae sicut conclusiones ex principiis; ut justae emptiones, venditi ones et alia huiusmodi, sine quibus homines ad invicem convivere non possunt quod est de lege naturae, quia homo est naturaliter, animal sociale. . .*

*Quae vero derivantur a lege naturae particularis determinationes pertinenti ad jus civile, secundum quod quaelibet civitas cibi accommode determinet* (Sm. Th. I, II, q. 95, a. 4).

Tem dado lugar esse trecho a alguns desintendidos na compreensão do que seja *jus gentium* no sentido de lei positiva, como, inquestionavelmente, foi o empregado pelo grande doutor da Igreja.

Santo Thomaz entretanto, nada, mais estava fazendo do que repetindo o pensamento dos jurisconsultos romanos.

Os romanos distinguiam o *jus civile*, que era o seu Direito nacional romano; Direito quiritário, e o *jus gentium* que surgiu dos edictos do *praetor peregrinus* e tornou-se o Direito commum de todos os homens capazes de Direito, uma especie de Direito mundial romano. Ora, comprehende-se que um Direito que abrangia todos os homens devesse estar muito proximo do conceito de Direito Natural, direito derivado da natureza das coisas, especificamente da natureza humana. E dahi uma certa confusão dos jurisconsultas romanos ao estabelecerem conceitos dos dois direitos, *jus naturale et jus gentium*.

Os commentarios de Gaio (2) não deixam duvida quanto á identidade das duas noções entre alguns jurisconsultos romanos. Eu digo alguns porque ao contrario dessa opinião de Gaio se encontra no Digesto uma distincção, feita por Ulpiano, e reproduzida por Justiniano nas Institutas, realmente mais subtil, entre os dois direitos. Direito Natural seria então aquellas disposições que a natureza collocou em todos os animaes. O *jus gentium* sendo o conjuncto das disposições que dizem particularmente respeito ao genero humano. *Jus naturale est quod natura omnia animalia docuit. Nam jus istud non humani generis proprium sed omnium animalium. . . Hinc descendit maris atque feminae conjugatio, quam nos matrimonium appellamus, hinc liberorum procreatio et educatio, videmus enim cetera quoque animalia istius juris peritia. § 4.º eod: jus gentium est, quo gentes humanae utuntur, quod a naturali recedere facile intelligere licet, quia illud omnibus animalibus hoc solis hominibus inter se commune est.*

Pelo que, podemos affirmar que na linguagem dos juristas romanos o *jus gentium* significava aquella parte do Direito (positivo) que continha exigencias racionaes, que, em substancia, se pode derivar dos principios geraes do Direito Natural. Pertencia pois, *materialiter* tanto ao Direito positivo como ao Direito Natural. (Particularmente a este emquanto conclusões necessarias e immediatas dos principios juridicos

---

2—*Omnes populi qui legibus et moribus reguntur, partim suo proprio, partim communi omnium hominum jure utuntur. Nam quod quisque populus ipse sibi jus constituit, id ipsius proprium est vocaturque jus civile, quasi jus proprium ipsius civitatis. Quod vero naturali ratio inter omnes homines constituit, id quid omnes populos peraeque custoditur vocaturque jus gentium, quasi quo jure omnes gentes utuntur. Populus itaque romanus, partim suo proprio partim communi omnium hominum jure utitur* (Gaii Instit. . . Com. pr).

Naturaes — cfr. Viktor Cathrein, *Philosophia Morale*, v. ital. Enrico Tommasi, vol. I, pg. 648).

Melhor fôra, penso eu, já que em Direito moderno não se pode mais admittir aquella divergencia hierarchica entre os dois direitos — Direito nacional e Direito universal — estabelecer, sem reservas, que as prescripções de direito que se derivarem, por deducções necessarias, dos principios do Direito Natural se incorporem ao mesmo direito Natural, constituindo isso o que se poderá chamar de Direito Natural secundario; emquanto que aquellas outras prescripções que se tiverem originado de uma especificação ulterior vão fazer parte do *jus civile*.

Deste, com effeito, serão aquellas quasi conclusões tiradas dos principios da lei natural, não segundo uma necessidade absoluta *non secundum absolutam sui rationes* mas em consequencia de um *quase silogismo* de que sendo “a maior” aquelles principios “a menor” consiste na materia fornecida pelos dados sociaes (Renard).

A distincção que na opinião de Cathrein ocorre na *Philosophia* de Santo Thomaz — que usa geralmente a palavra direito em dois sentidos: no sentido de lei, em primeiro lugar, e, *secundariamente*, no sentido de *justum* entre o *jus gentium* no primeiro sentido de lei (que deveria então pertencer ao direito positivo) e *jus gentium* no sentido de *justum* (que seria então puro Direito Natural) — serve apenas para mostrar que o Direito positivo pode conter regras de Direito Natural e regras que nascem dos dados sociologicos no sentido de Paulo Bureau, sob a orientação de outro principio que não o *justum*.

Tem talvez um alcance não previsto esta observação de Cathrein sobre a *Philosophia Moral* de Santo Thomaz. Atravez della nós percebemos como se deverá entender o *positivismo* (3) de um jurista como João Dabin. O Direito moral e o Direito especificamente juridico do professor de Lovaine, parece-me encontrar o motivo de sua distincção nesse trecho de Cathrein — que, sem constestação possivel, reflecte fielmente o pensamento de Santo Thomaz — o qual reconcilia o mais apparente que real positivismo de Dabin com o tradicionalismo da moral thomista. Sem tempo nem espaço para maiores explicações poderemos desde já declarar que o *sentido legal*, que Santo Thomaz observa no Direito, justifica o Direito especificamente juridico daquelle illustre professor. O Direito positivo define-se assim: “o conjunto — mais ou menos coherente, mais ou menos completo — das regras de

3—*C'est à tort qu'on a accusé de positivisme l'assimilation traditionnelle. Il ne s'agit, en réalité, ni de positivisme au sens philosophique du terme, ni meme de positivisme juridique*” (Pg. 8, *La Philosophie de l'ordre juridique positif*, Jean Dabin).

conducta editadas pela autoridade publica sob a sancção de uma coacção exterior prevista e organizada pela mesma autoridade (coacção publica) com o fim de realizar nas relações humanas uma certa ordem — para melhor explicar: a ordem mais favoravel ao bem commum” (*La Philosophie de l'ordre juridique positif* — Jean Dabin, pgs. 34-35).

Ninguém deixará de ver ahí uma definição equivalente aquella dada por Santo Thomaz á lei: *quaedam rationis ordinatio ad bonum commune, et ab eo, qui curam communitatis habet, promulgata* (I, II, q. XC, art. 4) .O direito positivo é um conjuncto de regras de conducta editadas pelo poder publico revestidas de um apparelho de coacção

Não ha direito juridico sem coacção, ou, pelo menos, sem uma tendencia á coacção visando ao bem commum. Comprehende-se, pois uma distincção entre o Direito moral, que é o mesmo Direito Natural e o Direito positivo assim explicado:

Estabelecida a distincção duas questões se levantam:

1.º) — O Direito positivo encontra em algum elemento de si mesmo a sua justificação e a sua força obrigatoria?

2.º) — Obedece a regra positiva, em sua elaboração, a um methodo objectivo?

E eu penso que a resposta a dar-se a ambas as questões, em face da definição de lei de Santo Thomaz, só poderá ser uma resposta affirmativa.

Com effeito, não está na definição de lei o conceito de justiça. O elemento caracteristico e definidor da lei é o commum, emquanto que no Direito Natural é a justiça. Quando o Estado estabelece a norma *não matar* e rodeia essa norma das sancções mais graves, o Estado, isto é, a autoridade publica de que o Direito positivo é a emanação, terá promulgado essa lei só porque tal norma tambem se encontra no Direito Natural? ou, antes, essa promulgação se terá realizado porque ella se fazia necessaria em vista do bem commum? A prova de que a verdade se encontra na segunda opinião vem a ser a constatação de que nem toda norma de Direito Natural constitue Direito positivo (por exemplo, a inexigibilidade das obrigações naturaes de que toma conhecimento o nosso Direito Civil no art. 970 do Cod.); assim como ha normas de Direito positivo que não são normas de Direito Natural (por exemplo, a hypothese classica da assistencia maritima consagrada na convenção de Bruxellas, de 1910, art. 8). Que perspectivas se não rasgam aqui em puro dominio do Direito positivo consagrando principios que o Direito natural não pode consagrar pois que elle apenas se constitue de obrigações de justiça! O bem commum pode, ás vezes, depender de um acto de caridade.

E' então que podemos reproduzir aquelle bello trecho de Santo Thomaz: *Non autem sufficit pacem et concordiam inter homines per justitiae praecepta conservari, nisi ulterius inter eos fundetur dilectio. Per justitiam sufficienter hominibus providetur, ut unus alteri non inferat impedimentum: non autem ad hoc, quod uni ab aliis inferatur auxilium in his quibus quibus nullus ei tenetur non reddit. Oportuit igitur ad hoc, quod se invicem homines adjuvarent, etiam praeceptum mutuae dilectionis hominibus superinduci, per quam unus alio auxilium ferat, etiam in his in quibus ei non tenetur secundum justitiae debitum.* (Summa contra gentiles liber III, caput. CXXX, pg. 485).

Está claro que a lei que se promulga em funcção do bem commum não pode ser o absurdo *quod principi placuit*. Não. O proprio direito natural, a justiça e a moral representam seu papel na elaboração juridica. Todo o livro de Dabin é a melhor justificação da possibilidade de uma *philosophia da ordem juridica positiva*. A materia comporta explicações e explanações muito mais largas. Mas tudo quanto se disse foi apenas um simples parentese á margem do direito natural, sem minucias nem profundezas.

Luiz Le Fur (*Archives de Philosophie du Droit*, N. 3-4, 1931) queixa-se de que em grande parte as divergencias do direito se originem de meras questões de terminologia. Será meritorio todo esforço no sentido de evitar as expressões dvidosas e as noções indefinidas.

Assim, quando eu disse que o direito natural podia ser encarado ou como aquelles dois principios de justiça: *dar a cada um o que é seu e não ofender a ninguém*, ou como o conjunto de todas as consequencias que se pudessem tirar desses principios immediata e necessariamente, chamei aos dois direitos natural primario e direito natural secundario respectivamente. Para evitar confusão e amphibiologia, necessaria se faz uma explicação.

Os padres da Igreja e os philosophos da Idade-Media anteriores a Santo Thomaz de Aquino, dividiam tambem em duas partes o direito natural. Para elles se deverá distinguir entre o direito natural *in statu naturae lapsae* e direito natural *in statu naturae integrae*, ou seja, antes e depois de peccado original. Alguns autores, citando os padres e aquelles philosophos medievaes, costumam denominar aquelles dois modos ou tempos do direito natural de direito natural fundamental ou primario e direito natural secundario.

O direito de propriedade, o poder politico e a escravidão eram vistos como consequencias da *Queda*, como noções, pois, de direito natural secundario.

Santo Thomaz de Aquino, fiel ao ensino de Aristoteles, não reconheceu a legitimidade dessa distincção *quia homo*

*naturaliter est animal sociale unde homines in statu innocentiae socialiter vixisset* (S. th. I, XCVI. a. 4, pg. 744) (4).

## DIREITO DE PROPRIEDADE

O direito de propriedade é faculdade de exigir uma coisa ou della dispor, e usar exclusivamente como propria (V. Cathrein, *Philosophie Morale*, tomo segundo, pg. 136).

Dessa noção geral de propriedade que se approxima da definição classica: *dominium est jus utendi fruendi et abutenti re sua quatenus juris ratio patitur*, dois elementos se hão de destacar. O primeiro é o significado da expressão *re sua*. O segundo elemento é o caracteristico mesmo da propriedade: a sua exclusividade. Com effeito, a propriedade caracteriza-se pelo exclusivo interesse ou pelo menos por uma tendencia ao exclusivo interesse do sujeito do direito.

Leon Duguit, analizando as transformações geraes que vem soffrendo o direito privado, desde o Codigo de Napoleão, impugna a definição classica da propriedade uma vez que esta é uma instituição juridica que evolue de accordo com as necessidades economicas mutaveis, atravez do tempo e do espaço, não permittindo a fluidez dos estados sociaes uma noção em termos definitivos.

A definição, entretanto, que se deu, está certa. E o erro de Leon Deguit do qual é responsavel o seu positivismo exaggerado — foi não prestar attenção ao discernimento que é preciso fazer-se entre o universal e o particular, o substancial e o accessorio. O seu erro, em primeiro lugar, foi um grosseiro erro de metaphysica. Em segundo lugar, foi não ter visto uma distincção a se fazer igualmente entre propriedade privada e propriedade humana (No sentido que lhe deu o P. Perés Gargia, O. P. no seu livro "*De functionis socialis proprietatis privatae apud div. Thomam Aquinatem*").

Certo que, absoluta em principio, a propriedade *privada* não é simplesmente restricta por encargos extrinsecos em razão das exigencias da vida social, mas ainda intrinsecamente (obrigações inherentes ao dominio — enciclica *Quadragesimo Anno*, trad. Centro D. Vital de S. Paulo). O direito de propriedade é ordenado a outro fim que não o gozo exclusivo do proprietario (G. Renard *La theorie de l'Institution*, pg. 505). E a historia, passada ou presente, está ahí para confirmar que

---

4—*C'est seulement au XIII siecle que la découverte de la morale et de la politique d'Aristote introduit dans la pensée chrétienne une conception plus nuancée de la nature humaine... Aristote, étranger à toute idée de déchéance, trouve de la nature de l'organisation sociale.* (pg. 329, II, *L'Etat ou la politique*, J. Leclerco).

nem sempre, em direito positivo, dominou a concepção romana, absoluta, da propriedade (5).

Mas como quer que o conceito positivo de propriedade se transforme e varie, a sua idéa característica permanece immutavel.

Si a propriedade não fosse o exclusivo uso e gozo de uma coisa, si ella não tivesse como fim proximo offerecer ás varias pessoas physicas ou moraes os meios necessarios ao seu desenvolvimento e manutenção, esse direito seria outra coisa, teria outro nome mas não era o direito de propriedade. Sob este aspecto, diz Cathrein, o direito de propriedade, como todo direito que tem a sua base na justiça commutativa possui uma tendencia egoista. Isso não quer dizer que a propriedade, visando ao desenvolvimento do homem, seja indifferente ao bem da sociedade. Todo direito, como observa Le Fur, no livro citado, é ao mesmo tempo, social e individual. Si o homem é naturalmente um animal gregario, nenhuma instituição sua poderá visar a destruir a sociedade.

Uma distincção previa, como aconselha Hitze (*Capital et travail*, pg. 90), devemos fazer: entre o direito de propriedade *in abstracto* e o direito de propriedade *in concreto*. *In abstracto*, a propriedade pertence a todos os homens. Todos e cada um dos homens precisam da terra com os seus productos para realizar o seu destino, para desenvolver as suas faculdades corporaes e intellectuaes. Foi nesse sentido que Belloc escreveu: *Man, like every other organism, can only live by the transformation of his environment to his own use. (The servile state, pg. 11)*. O direito de propriedade *in abstracto* é um direito de propriedade *in potentia*. Para tornar-se em acto, para tornar-se em direito concreto, elle deve passar á realidade por meio de uma apropriação positiva de uma coisa

---

5—A sessão V — a vida economica — da Constituição de Weimar, dá impressão de que o mundo entra a marchar no sentido opposto ao individualismo do direito romano. Si bem que caibam os justos reparos de Jhering e Geny de que no Direito Romano a propriedade não era absoluta como a entendeu a maioria dos seus commentadores, todavia os 14 artigos de que se compõe aquella secção da Constituição do Reich se distanciam do conceito: *Jus utendi, fruendi et abutendi*, em ordem a se poder dizer que hoje se processa um movimento no sentido inverso ao daquelle direito:

Art. 151 — A vida economica deve ser organizada conforme os principios da justiça e com o fim de garantir a todos uma existencia digna do homem...

Art. 153 — A repartição e utilização do solo são fiscalizadas de maneira a impedir os abusos e com o fim de assegurar a todo allemão uma habitação sadia, e a todas as familias numerosas um bem de familia, comportando uma casa e uma exploração correspondente as suas necessidades...

... O proprietario territorial tem para com a sociedade o dever de cultivar e de explorar o solo. O super-valor (*mehrwert*) que não

determinada. A legitimidade dessa propriedade *in concreto* provem, em primeiro lugar da legitimidade natural e irrecusavel da propriedade *in abstracto*. Em segundo lugar, da legitimidade tambem natural da *occupação* e da *especificação*, dos modos originarios bem como dos modos derivados de aquisição, ou, em resumo, da necessidade da *personalização dos resultados do esforço* na forte expressão de Georges Valois (*Le économie nouvelle*, pg. 179).

Ainda continua Hitze, fazendo uma distincção no direito de propriedade em sentido concreto: Assim é que distingue nelle dois elementos um ideal e outro real. O primeiro deriva do direito natural. O segundo, reveste-se de um caracter positivo, fortuito e accidental, variando segundo os tempos e os lugares. O elemento que constitue o nucleo ideal da propriedade é isso que poderemos chamar de propriedade humana. A propriedade humana virá, assim a ser a propriedade daquelles bens indispensaveis á vida do homem sobre a terra.

Qualificando á propriedade de cathegoria historica, o socialismo de um Duguit tem, sob esse aspecto, *real*, plena razão. Não é doutro modo que fala o Santo Padre Pio XI: *Que variedade de formas concretas não revestiu a propriedade desde a forma primitiva dos povos selvagens, de que ainda hoje ha vestigios, até á forma de propriedade dos tempos patriarcaes, e depois, successivamente, desde as diversas formas tiranicas — usamos esta palavra no seu sentido classico — através das feudaes e logo das monarchicas, até as formas existentes na Idade — moderna —* (Allocução aos membros de Acção Catholica Italiana, 16 de Maio de 1926). Nesse sentido ainda é que se podem imaginar aquellas restricções e aquelles encargos cuja verificação enche tantas paginas de Leon Duguit. Mas não ha contradição nenhuma em se dizer que o direito de propriedade é *per se* illimitado: aquellas medidas que a autoridade publica pode tomar para moderar-lhe o uso e harmoniza-lo com o bem commum não o contradizem pois que não se fundam, como observa Cathrein, sobre um titulo da justiça commutativa (6).

---

for devido ao trabalho ou aos esforços deve aproveitar á collectividade. (V. *Les constitutions de l'Europe Nouvelle*, B. Mirkine-Guerzevitch)

6—O Direito Natural resume-se naquelles dois principios de justiça e nas consequencias necessarias que delles decorrem. O Direito Positivo visa apenas ao bem commum. São, pois, dois direitos com intenções proprias.

A propriedade privada daquelle excedente da propriedade humana, representando uma *superabundancia*, não é de Direito Natural, mas de exclusivo Direito Positivo.

A propriedade humana é um direito absoluto e exclusivo. A propriedade privada é um direito mutavel e relativo. Ao Estado

Fixemos de quanto se disse da *propriedade humana* o seu principio e o seu limite: o principio da propriedade humana se encontra na constatação de que todos os homens, cada um delles, são providos de um direito de adquirir, como proprios, os bens materiaes necessarios ao cumprimento do seu destino. O limite da propriedade humana vae até aquella quantidade de riquezas que exigem as necessidades da vida (7).

---

incumbe a sua disciplina (sempre em vista do bem commum — o Estado, por outro lado, não poderá nunca abolir a propriedade privada, pois que o fundamento desta é a propriedade humana, que, como Direito Natural, é anterior ao Estado e á sociedade).

A autoridade publica, quando regula o uso dos bens particulares e os harmonisa com o bem commum, não está criando, ou impondo, uma obrigação já de justiça commutativa, apenas estabelecendo obrigações de natureza puramente juridica. Justifica-se, pois, o que está escripto no texto. A disciplina a que o Estado sujeita o direito de propriedade não contradiz o direito illimitado, melhor diria absoluto da propriedade humana. O Estado não pode trazer encargos em nome de nenhum principio para restringir a propriedade humana. Aquillo que o proprietario possui com este titulo, pode usar e abusar sem restricções juridicas, nem encargos sociaes. Ninguém pode prohibir que um mendigo jogue fóra o pão que lhe mata a fome, nem mesmo na hypothese de que esse pão pudesse matar a fome, de outros pobres. Nesse sentido é que está escripto que o direito de propriedade é absoluto e illimitado. Mas somente no caso da propriedade humana, é que, em rigor, se pode falar em propriadade. Somente ella é verdadeiramente uma *res sua*. . . (A Economia liberal erra muito por excesso de abstracção. . . *Entre la grande et la petit propriété, il y a une difference qualitative: celle-ci est de droit naturel, celle-lá de "droit des gens"* — seria melhor "direito positivo" — *celle-ci est affectée au service de l'individu et de la famille; celle-lá doit tourner, en définitive, au bien des "pauvres"; il y a en elle un element de "richesse sociale"*. (Pag. 530, *La Theorie de l'Institution*, Georges Renard). . . Entre a propriedade privada e a propriedade humana não ha differença de mais ou de menos, que se pode destruir com a simples applicação de um coefficiente. . .

7—O padre Péres Garcia emprega tres argumentos para demonstração da propriedade humana. (Seus argumentos são de pura razão. De ordem metaphysica, não de ordem sobrenatural. E um aviso em tempo aos que, por ignorancia ou qualquer outra coisa, confundem ordem metaphysica — que é de razão, simplesmente, e ordem theologica — que comprehende o sobrenatural).

a) — A propriedade humana deriva do *dominio* de Deus sobre todas as cousas;

b) — A propriedade humana é consequencia da *providencia* de Deus sobre os homens;

c) — A propriedade humana é exigida pela *justiça* de Deus na ordem que rege os homens e as coisas.

O dominio que tem Deus sobre todas as coisas é incompativel com um absolutismo de um direito de uma criatura sobre qualquer coisa. Com Santo Thomaz é preciso discernir entre a *natureza* e o *uso* das coisas. Sobre o primeiro aspecto todas as coisas pertencem a Deus, que só concedeu aos homens o seu uso (Approxima-se disto a argumentação que desenvolve Hitze sobre o direito de propriedade

A propriedade humana não é um simples *substractum* á propriedade privada. Certo que a propriedade privada cumula esse minimo indispensavel de bens de accordo com as restricções e com os alargamentos do direito positivo, que se justificam pela orientação desse direito ao bem *commum*.

A Geographia, a Historia, a Geologia, a Technica, os costumes, todos os factores sociaes, emfim, ou os dados reaes historicos que estão na base de todo *systema juridico*, como quer Geny, podem influir na elaboração do direito positivo para submeter a propriedade privada a certas normas de restricção ou de extensão. Mas, debaixo dessas normas, sustentando o direito positivo de propriedade, acha-se o direito natural da propriedade humana. Na elaboração da lei que a consagrou, o dado racional foi a noção desse direito natural.

Não é, porém, só essa a funcção da propriedade humana no universo juridico. Ella não se põe só para o effeito de justificar a propriedade que o direito natural reconhece. Todo homem possui aquelle minimo de bens, sem o qual não po-

---

*in abstracto. Dicendum quo res exterior potest dupliciter considerari. Uno modo, quantum ad e jus naturam, quae non subjacet humanae potestati, sed solum divinae, cui omnia nutum obediunt. Alio modo quantum ad usum ipsius rei, et sic habet homo naturale dominium exteriorum rerum, quia per rationem et voluntatem potest uti rebus exterioribus ad suam utilitatem, quasi propter se factis.* E ainda: "Deus tem o dominio principal sobre todas as coisas E Elle ordenou que todas as coisas, segundo a sua Providencia, sirvam para o sustento corporal do homem; e é por isso que o homem tem dominio natural sobre as coisas quanto ao poder de usa-las," (St. Th. II, II q. 60 art. 1).

Georges Renard (*Propriété privée et propriété humaine*) explicando que existe um individualismo christão a igual distancia do *individualismo liberal* que sacrifica o direito humano á liberdade e do *socialismo collectivista* que o absorve no *direito social*, usa de uma imagem muito bonita: "A humanidade, diz elle, não é um regimento que tenta um assalto a um ideal, o qual será plenamente attingido quando fizer fluctuar sua bandeira na cidadella conquistada: a cada soldado, ao contrario, corresponde uma vocação para attingir e penetrar, individualmente, na cidadella".

E o padre Garcia acrescenta: "a Providencia divina dispôs que todos e cada um dos homens possuam todas as coisas de que tenham necessidade para levar uma vida humana; é a isso que nós chamamos propriedade humana, que tem, pois, sua origem em Deus e na sua Providencia.

Para provar que a posse das coisas é natural ao homem, Aristoteles — no que é seguido por Santo Thomaz — argumenta com aquelle principio segundo o qual ha uma hierarchia nos seres que obriga os inferiores a servirem aos superiores: *semper enim imperfectiora sunt propter perfectiora*. Cada um dos seres existentes deverá buscar os meios necessarios á sua existencia e manutenção nos seres

deria viver, e viver como homem, A propriedade humana, sob esse angulo de visão, confunde-se com o direito á vida. Não ha difficuldade, pois, em se comprehender que o direito de propriedade — de propriedade humana — é um direito natural decorrente necessaria e immediatamente do principio de justiça segundo o qual se deve dar a cada um o que é seu.

Leon Duguit, em sua serie famosa de conferencias, pronunciadas na Faculdade de Direito de Buenos Aires, quiz demonstrar que toda a evolução do direito se fazia num sentido socialista. E que, em particular, a propriedade se socialisa. Mas isto na concepção de Duguit significa apenas duas coisas:

I) — Que a propriedade individual cessa de ser um direito privativo para tornar-se uma funcção social;

II) — Que existe uma pronunciada tendencia, que se avoluma dia a dia, para attribuir a riqueza ás collectividades juridicamente protegidas.

Uma primeira excepção abre immediatamente Duguit: elle constata que a tendencia á funcção social e a socialisação só se observa para aquella propriedade que os economistas denominam de capitalista, e não para a propriedade dos objectos de consumo. (Não julgo necessario observar que no nome propriedade capitalista estão incluídas assim a propriedade immovel como a mobiliaria. Em todo o caso, é sobretudo na propriedade immovel que se accentua a evolução da propriedade — especulação para a propriedade — funcção).

Falando, certa vez, Jean Lucien — Brun (*Une conception moderne du Droit*, pg. 3) sobre as tres mil paginas que Leon Duguit deixou escriptas no seu *Traité du Droit constitutionnel*

---

que lhe ficam inferiores, o animal se nutre das plantas, as plantas dos seres inorganizados e o homem da carne dos animaes.

Ora, seria injusto imputar a alguém ter faltado a seu destino natural, se esse alguém tiver sido, previamente, desapossado dos meios de attingi-los. Por isso é que affirma, em seu livro notavel, o o padre Péres Garcia: "A Justiça divina fundou o que nós chamamos a propriedade afim de que os homens sejam providos do que lhes é necessario segundo sua natureza e condição".

O homem foi collocado na Terra para cumprir um destino. Para isso, deverá desenvolver suas faculdades, deverá aperfeiçoar-se moral e intellectualmente, terá um minimo de bem estar. Ora, fosse dada, como foi realmente, uma tal lei ao homem, e depois lhe fossem subtrahidos os meios necessarios para cumprir essa lei, teriamos então um escarneo á dignidade da pessoa humana e uma injustiça manifesta. Mas está claro que a injustiça deixaria de existir si lhe tivesse sido entregue um minimo de riqueza que lhe postula o cumprimento de suas necessidades.

disse que ellas offerecem o curioso exemplo de um sabio cujas conclusões o approximam daquelles que elle apontava como os seus mais irreductiveis adversarios. Com effeito, Leon Duguit explica a sua funcção social da propriedade com as seguintes palavras:

“Todo individuo tem a obrigação de cumprir, na sociedade, uma certa funcção de accordo com o lugar que occupa. Ora, o detentor da riqueza, por isso que detem a riqueza, pode cumprir uma funcção que somente elle pode cumprir. Só elle pode augmentar a riqueza geral, assegurar satisfação de necessidades geraes fazendo valer o capital que detem. Ha, pois, para elle uma obrigação de cumprir essa tarefa e elle só será protegido socialmente si é na medida em que a cumpre. A propriedade não é mais o direito subjectivo do proprietario, mas a funcção social do detentor da riqueza”. E ainda noutro lugar “Eu não digo, eu nunca disse, eu jamais escrevi que a situação economica, que é a propriedade individual, vae desaparecer ou deva desaparecer. Eu digo somente que a noção juridica sobre a qual repousa sua protecção social se modifica. Apesar disso, a propriedade individual fica protegida contra todos os ataques, mesmo contra os que vierem do poder publico. E ainda acrescentarei que assim estará mais protegida do que com a concepção tradicional”.

O erro metaphisico que essa these contem é querer confundir o dominio e o seu honesto uso. A propriedade não se justifica por outra coisa que sua necessidade no desenvolvimento das pessôas phisicas ou moraes. Não se pode pois dizer, em rigor, que o proprietario só seja protegido socialmente si e na medida em que cumpre a sua funcção social. A chamada justiça commutativa obriga a conservar inviolavel a divisão dos bens e a não invadir o direito alheio excedendo o limite do proprio dominio; que, porém, os proprietarios não usem do que é seu sinão honestamente, é da alçada não da justiça, mas de outras virtudes cujo cumprimento “não pode urgir-se por vias juridicas” (En. Quad. An.) (8).

---

8—Já vimos como só existe aquelle absolutismo de direito no direito de propriedade humana. Podemos agora constatar um facto que se realisa frequentemente no universo juridico: O direito positivo quando tem por fundamento um direito natural volve a sua orientação para elle. Tende a assumir as prerogativas que só aquelle pertencem, e essa tendencia é tanto mais acentuada quanto mais elle se aproxima do direito natural. Guardam, entre si, ambos os direitos, uma certa proporção e um certo parallelismo de forma e de estrutura que cumpre, ás vezes, ao Estado desfazer prudentemente. São como os cristaes que recobram as suas *familias de atomos equivalentes* arranjando a materia homogenea que existir em torno, á imagem e a modo do

Não se pode dizer, entretanto, que haja erro quando ali se afirma que o proprietario exerce uma funcção social. E nesse sentido é maravilhosamente verdadeiro tudo quanto escreveu o positivista Duguit. Apenas se lhe poderia fazer uma pergunta: Que funcção é essa que o detentor da riqueza tem a obrigação de cumprir na sociedade? Como e em nome de quem ella é exercida?

Com o conceito de propriedade humana saberíamos como responder lembrando aquella phrase de Santo Thomaz de que o proprietario exerce uma *potestas procurandi et dispensandi* (9).

E aquelle trecho da Encyclica se completa com o seguinte: "Effectivamente, que deva o homem attender não só ao proprio interesse, mas tambem ao bem commum deduz-se da propria indole, a um tempo individual e social, do dominio a que nos referimos. Definir, porém, estes deveres nos seus pormenores e segundo as circumstancias, compete, já que a lei natural de ordinario não o faz, aos que estão á frente do Estado. E, assim, a autoridade publica, illuminada sempre pela luz natural e divina, e pondo os olhos só no que exige o bem commum, pode decretar mais minuciosamente o que aos proprietarios seja licito ou illicito no uso de seus bens. Já Leão XIII ensinou sabiamente que *Deus confiou á industria dos homens e ás instituições dos povos a demarcação da propriedade individual* (Enc. Quadragesimo Anno).

---

nucleo inicial. O edificio cristalino conserva inalteravel a sua simetria que é sempre a imagem do protótipo fundamental.

Desse facto nasce toda a delicadeza da *questão social* vista sob o aspecto da legitimidade do direito de propriedade.

9—A limitação da propriedade privada, com relação á defesa social, justifica-se por essa noção de propriedade humana. Sertillanges saienta no seu livro *La Philosophie Morale de Saint Thomas d'Aquin* que o direito de propriedade individual tem um caracter relativo, fundado não sobre a natureza mas sobre as utilidades racionais reconhecidas.

A idéa de furto esclarece bem essas noções. O furto, como se sabe, é uma *aprehensão occulta da coisa alheia*. Si, porem acontece, por exemplo, que um faminto se encontre em estado de urgente necessidade e aquelles que possuam bens em superabundancia não queiram matar a sua fome, nenhum roubo cometerá elle, si, aberta ou occultamente, conseguir apoderar-se daquella quantidade de bens necessaria á manutenção da sua vida. Poder-se-ia, então, dizer que o possuidor de tantos bens não tinha a protecção legal daquelles cuja entrega ao necessitado era sua tarefa social — que elle não cumpriu — naquele instante. Não foi, exactamente, a ausencia de coação um castigo infringido ao capitalista, porém. O que houve foi a passagem da propriedade individual para uma propriedade commum. Não por causa do abuso commettido pelo proprietario, que não cumpriu a sua funcção social de detentor da riqueza, mas por causa da necessidade urgente do pobre, segundo aquella lei, que constitue a justificação da propriedade humana, pela qual as coisas inferiores, por uma disposição de ordem natural, foram feitas para prover ás necessidades dos homens.

Ora, nesses dois trechos da grande Encyclica de Pio XI pretendo ver a confirmação de toda a presente these:

a) — A separação entre o direito natural e o direito positivo no sentido de Dabin;

b) — A affirmação de que o direito de propriedade, emquanto propriedade humana, é um direito natural.

Realmente, cada um dos dois direitos tem uma preocupação propria, de accôrdo com o sentido de sua direcção. Um, vindo da noção de justiça, o outro indo á noção do bem commum. O primeiro delles consagra a propriedade como norma sua, mas somente daquella porção em falta da qual o homem não viveria como homem, isto é, daquella porção necessaria não só para que elle possa prover ás necessidades proprias da familia, mas para que possa verdadeiramente attingir seu fim. O que é, secundariamente, uma exigencia da justiça. O segundo consagra a propriedade na minucia dos seus encargos e deveres, na extensão e modo dos seus poderes, o que pode ser uma exigencia do bem commum.

# MELANCOLIA

TASSO DA SILVEIRA

Avezinha fragilima:

o que me custa a crêr  
não é que a alma dos homens  
tenha um destino immorredouro:  
na alma dos homens ha o desejo  
de felicidade infinita,  
e esse desejo é uma certeza  
de eternidade...

Avezinha fragilima

que estremeceste em minha mão  
e, em minha mão, que te pegava  
ansiada e tremula, morreste:

o que me custa a crêr  
não é que a alma dos homens  
seja eterna:

— na alma dos homens ha a tristeza...

O que me custa a crêr  
é que desapareça para sempre  
da transcendente realidade

das coisas e dos seres  
o deslumbrante prodigio  
do teu pequenino ser...

O que me custa a crêr  
é que o pensamento divino  
que realizavas

na radiosa pureza  
das tuas formas,  
nos rutilos desenhos  
do teu corpo suavissimo,

possa desagregar-se  
numa infinita dispersão  
de átomos mortos...  
O que me custa a crêr  
é que o pensamento divino  
que realizavas  
possa perder-se para sempre  
na poeira do mundo,  
como o pobre pensamento humano  
que ponho em minhas cantigas  
ha de perder-se inevitavelmente  
na poeira da lembrança miserrima  
dos homens...

# SANTO ALBERTO MAGNO

PRIOR PROVIDENCIAL DA GERMANIA

VIDA E OBRA

II

FR. PIERRE SECONDI, O. P.

No verão ou começo de outompo de 1254, no Capitulo de Worms, foi Alberto Magno eleito provincial de sua ordem na Germania. A esta prova de confiança de seus irmãos alemães correspondeu o novo superior com esforço incessante afim de inculcar aos religiosos observancia pegular a mais rigorosa, especialmente em materia de pobreza, mais difficil talvez num pais e numa epoca em que as riquezas eram occasião de decadencia para os dignatarios ecclesiasticos.

O mesmo capitulo de Worms, aliás, havia editado a esse respeito as mais severas prescripções, sobretudo em relação ao uso de carros e cavallos para locomoção dos religiosos. Deu Alberto o primeiro exemplo, visitando a pé os conventos de sua provincia. Ora a provincia da Germania comprehendia então a Austria, a Baviera, a Alsacia, as regiões rhenanas até o Brabante inclusive, a Saxonia, a Westphalia, a Thuringia, a Hollanda, a região de Lubeck até o mar. (1).

Antes do Capitulo de Ratisbona, em 1255, foi Alberto a Minden, Hildeshem, Haberstadt, Magdebourg e Seehausen, depois ao longo do mar Baltico, parando em Lubeck e Stralsund, encaminhando-se talvez até Riga. De volta, passa por Leipzig. Até Janeiro de 1256 visita os conventos do sul da Allemanha e torna a subir o Rheno até Colonia. Parte então, novamente para a Flandria até Antuerpia e Bruges e provavelmente de lá teve que ir a Paris para assistir ao capitulo geral de Pentecostes de 1256.

---

1 — Ainda depois de bispo permanecerá fiel a este habito monastico de viajar a pé, e como taes caminhadas exigissem que andasse bem calçado segundo os costumes de então dos Frades Prégadores, chamaram-no, para differença-lo dos demais,—o bispo de sapatos laçados. Segundo Ducange, compunha-se este calçado de uma sola fixada por tiras de fazenda ou de couro ao pé e á parte inferior da perna, deixando-os bem cobertos.

“Não trazia dinheiro á cintura, diz Pedro da Prussia, (2) e mendigava pão á porta das casas. Nos conventos onde pára, escreve livros e deixa-os ao partir como paga da hospitalidade”.

Autorizava-o tal abnegação a ser severo para com os outros. Narra a chronica de João Maier e de Pedro da Prussia que, no capitulo de Worms, vieram a saber que na cella de um irmão leigo fallecido num convento da diocese de Salzburgo, haviam encontrado objectos e dinheiro retidos por este infeliz ás occultas dos superiores. Prescreveu Alberto que fosse exhumado o cadaver, negassem-lhe sepultura ecclesiastica e o jogassem no monturo.

Não se devia deixar presa alguma ao espirito mundano e a estes povos rudes convinham exemplos fortes.

No capitulo provincial de Augsbourg, por elle presidido em 1257, foram depostos tres priores por diversas faltas, principalmente por usarem carros e viajar a cavallo sem motivo razoavel. O prior de Krems, no Danubio, que viajara de carro e admittira, sem licença dois irmãos leigos, foi condemnado a jejuar 7 dias a pão e agua, a recitar 5 vezes os 150 psalmos de David e a tomar 3 vezes a disciplina. O prior de Minden teve que jejuar 5 dias a pão e agua, celebrar 3 missas, recitar 3 vezes o psalterio e tomar 3 disciplinas, por ter vindo ao capitulo a cavallo. Os frades de Trêves, que mostraram a algumas senhoras o claustro, o côro, o jardim e as dependencias do convento, foram condemnados a 3 dias de jejum, 3 psalterios e 3 disciplinas, etc. (3).

A acção de Alberto cingia-se apenas a applicar — mas com que energia, já o vimos — as prescripções dadas pelo capitulo geral da Ordem em Paris em 1239 e em Bolonha em 1240 (4).

Não queria porém que os religiosos andassem vergados ao peso dos preceitos; bastava que observassem aquelles impostos pelos superiores maiores, como uteis ou necessarios. No *Commentario sobre o Evangelho de S. Matheus XXIII, 4*, compara aos escribas e phariseus os superiores religiosos que a todo momento impõem a seus subordinados novas prescripções (5).

A proposito da parabola do Bom Pastor, em S. João X, 1, expõe primorosamente o que deve ser todo pequeno aprisco debaixo do cajado do chefe que lhe foi designado, cathedral, convento ou parochia: “Reunirá este aprisco sete

2 — Pedro da Prussia: *op. cit.* cap. XXVI p. 203 e 213.-

3 — *Ibid.* p. 235.

4 — *Acta Capitulum O. P.* ed. Reichert t. I p. 12 e 16.

5 — *Opera omnia* ed. Jammy t. IX p. 366.

qualidades para que seja util ás ovelhas, a saber: alfombra macia para descanso, asseio, calor para acalentar, firmeza para defender-se, pastagem para nutriz, largueza para conter a todos á vontade e unidade para congregá-los. A macieza do aprisco vem da doçura dos prelados; o asseio, da castidade; o calor, da caridade; a firmeza, da solidez; o alimento, da palavra de Deus; a largueza, da distribuição liberal dos bens temporaes, e a união da unanimidade". Expõe então, cada uma destas qualidades, o que constitue verdadeiro tratado para uso do Superior exemplar (6).

Tudo quanto realizou mostra que este professor, embora parecesse pouco preparado para administração, personificou o ideal do Superior não sómente no zelo pela disciplina regular mas pela actividade inteiramente inspirada na preocupação de assegurar á sua provincia um progresso verdadeiro, de todos os pontos de vista.

No Capitulo de Erfúrt, em 1256, dá valiosos conselhos e um regulamento espiritual aos frades estudantes; formúla regras concernentes aos novos prégadores, a seus exercicios, exames e direcção espiritual (7).

Interessa-o tambem o lado material. Fundaram-se sob o seu provincialato, (1254-1257), os conventos de Strausberg (1254), Seehausen (1255), Rostock (1256). No anno seguinte inaugura a residencia de Moguncia.

No começo do anno de 1255 teve a satisfação de inaugurar em Soest, na diocese de Colonia, um convento de monjas dominicanas, a que denominaram "Paraiso". Recebeu os votos das 12 primeiras irmãs, e expôs-lhes, num sermão, os deveres da vida religiosa segundo a regra, insistindo especialmente na pobreza, clausura, paz na moderação da lingua e gratidão a Deus (8).

Cumpre notar emfim o appello que lhe dirigiu Alexandre IV, a 11 de Março de 1256, na qualidade de Provincial da Germania, para que contribuisse efficazmente com seus irmãos na defeza e propagação da religião catholica entre os pagãos da Prussia e da Polonia actual. Até que ponto respondeu pessoalmente ao appello do Summo Pontifice não o sabemos. Mas o certo é que trabalhou algum tempo nesse sentido, como elle proprio o relembra no seu *Commentario sobre o VIII livro dos Topicos* e o *VII livro da Politica* de Aristoteles, onde assignala monstruosos abusos que ainda abrigava nessas regiões o paganismo. Matavam crianças que nasciam mal conformadas ou que ultrapassasse de um numero delimitado; os velhos decrepitos e incapazes de trabalhar

6 — Ibidem p. 185 — 186.

7 — Pedro da Prussia p. 211.

8 — E' Henrique de Oshoven, testemunha ocular, quem faz a relação desta fundação. *Boll.* t. 19 p. 259 t. 20 p. 283.

eram igualmente condemnados á morte (9). Para authenticos pais de missão, enviava Alberto a seus religiosos.

## DEFENSOR DAS ORDENS MENDICANTES

Ainda no outomno de 1256, foi Alberto mandado á curia romana, funcionando então em Anagni, para dar um parecer sobre a accusação lançada contra as Ordens Mendicantes, por Guilherme de Saint-Amour, no tratado sobre *Os perigos dos ultimos tempos*. O perigo era a existencia dos Dominicanos e dos Franciscanos.

Foi uma verdadeira campanha movida pelos mestres seculares da Universidade de Paris contra as Ordens dos Mendicantes, sem duvida porque o ensino destes, mais douto, mais pratico e mais desinteressado lhes attrahia a *elite* dos estudantes. Não lhes perdoavam o lugar que em tão pouco tempo haviam tomado na Universidade.

Em 1253, após uma manifestação de estudantes no bairro latino — já!? — os professores seculares, como protesto suspenderam os cursos; os regulares, mais populares, continuaram-nos.

A Universidade exigira, então, de seus professores um juramento de fidelidade, que os Dominicanos e Franciscanos se recusaram a assignar. Quizeram privá-los de suas cadeiras, apesar da intervenção do Papa e do rei. Aggravava-se cada vez mais a contenda, pois do lado exterior, por assim dizer, da questão havia um grave debate de doutrina. Em summa, o que censuravam ás ordens mendicantes era a sua vida de monje pobre e doente; admittiam que monjes illetrados tivessem depositado todo bem e toda dependencia nas mãos do seu superior; tratando-se porém de mestres da Universidade, isto parecia humilhante. Demais, accusavam-nos de usurpar os poderes dos bispos a quem somente cumpria o direito de prégação, de mendigar para não trabalhar etc... O pamphleto de Guilherme de Saint Amour teve enorme exito junto ás pessoas mediocres a quem o exemplo e a actividade dos religiosos perturbavam. O rei Luiz IX, protector dos regulares, propunha que, por uma assemblea de bispos, fossem estas injurias julgadas. Os Dominicanos pediram directamente justiça ao Papa. Por seu lado enviara a Universidade ao Papa seis Doutores, com Guilherme de Saint-Amour, para que fosse condemnado outro livro *L'Evangile*

---

9 — “Et hunc ritum hodie servant habitantes in confinibus Saxoniae et Poloniae, sicut ego oculis meis vidi, qui fui nuntius romanae curiae ad partes illas, filiis demonstrantibus mihi sepulcra patrum, quos ita occiderant”. *Polit. Lib. VII cap. 14. Opera T. VIII p. 740.*

*éternel* do cisterciense Joachim de Flore, erroneamente attribuido aos Dominicanos (10).

Alexandre IV nomeou uma commissão de Cardiaes para examinar os livros em questão. Foi então que Humberto de Romans, mestre geral dos Frades Pregadores, para defender a causa dos regulares, mandou para Anagni a Alberto Magno e não Santo Thomaz de Aquino, como se costuma dizer. Deante desta commissão, Alberto Magno, com outros representantes do clero regular, como S. Boaventura, apresentou a refutação das accusações injustas e dos erros contidos nos tratado de Guilherme (11).

Henrique de Herford deixou-nos a narrativa pinturesca da intervenção de Alberto. "Chegando a Anagni, procurou saber esmiuçadamente si alguém possuia o texto do libello. Tendo-o descoberto num copista, deu a este o dinheiro pedido. Fê-lo copiar na integra por varios copistas durante a noite e entregou-o novamente. Teve-o pois comsigo todo um dia e uma noite, antes do consistorio que o devia julgar. A tudo respondeu copiosamente e tamanha graça se desprendia de seus labios que, todos quanto o ouviam diziam estupefactos: "Nunca ouvimos nada de semelhante"; e glorificavam a Deus que, para defesa das suas santas ordens contra as más linguas, escolhera um tal homem" (12).

A 18 de Outubro de 1256, o Papa condemnava o pamphleto, e Guilherme de Saint-Amour, despojado de toda honra ecclesiastica, finda tristemente a existencia em seu paiz natal, a Borgonha.

Quanto a Mestre Alberto, calorosa defesa realçara o seu conhecimento maravilhoso das sciencias sagradas. Encarregara-o Alexandre IV de explicar deante da corte pontificia o Evangelho de S. João e as Epistolas canonicas. Assim permaneceu cerca de um anno em Anagni, retomando de certo modo o officio de Mestre do Sacro Palacio, inaugurado pelo proprio S. Domingos e conservado na Ordem dos Frades Pregadores até os nossos dias.

Depois desta estadia na côrte pontificia, Alberto Magno tomou parte no Capitulo geral de Florença (27 de Maio de

10 — *L'Évangile éternel* annunciava em termos apocalypticos o reino do Espirito Santo e o advento de uma terceira igreja, governada pelos monjes. Varios franciscanos espirituaes o haviam elogiado. Porem os cardiaes o condemnaram e os doutores dominicanos o desaprovaram energicamente.

11 — Segundo Henri de Herford, Santo Thomaz em 1257, na chronologia do P. Mandonnet teria retomado os argumentos do mestre no celebre trabalho. *Contra impugnantes Dei cultum et religionem*, em que tão magistralmente defende a legitimidade do ideal a que consagra a vida — ideal de monje pobre e professor.

2 — H. de Herford. *Liber de rebus memorabilibus* ed. cit. p. 197.

1257) onde foi dispensado do cargo de provincial (13). Ainda preside no entanto o capitulo de sua provincia realizado em Augsbourg, um pouco mais tarde. Retira-se então ao convento de sua predilecção, Colonia, onde vae retomar os seus queridos estudos e o ensino.

Na qualidade de Mestre do *Studium geral* dessa cidade é convocado por Humberto de Romans ao Capitulo geral de Valenciennes onde, com quatro illustres professores da Ordem, Thomaz de Aquino, Pedro de Tarentaise (o futuro Innocencio V) e os frades Bonhomme e Florentius, Doutores de Paris, foi encarregado de redigir um regulamento de estudos para os religiosos dominicanos (Junho de 1259). Ahi pela primeira vez, prevaleceu a influencia de que era, com Thomaz de Aquino, o mais evidente representante: o estudo da philosophia e das sciencias naturaes estreava com toda honra no programma como preparação á Theologia, e dahi por diante cada provincia teria que organizar escolas de philosophia.

Veremos na segunda parte deste trabalho as consequencias que accarretava tal decisão não somente para as tradições intellectuaes dos Frades Pregadores como para o ensino da propria Igreja.

### BISPO DE RATISBONA

Em 1259, Alberto de Poettigau, Bispo de Ratisbona, pedira demissão em consequencia de um processo canonico contra elle intentado por varios delictos, entre os quaes um assassinio. O capitulo elegera para substitui-lo o vigario da cathedral, Henrique de Lerchenfeld, veneravel ancião, que recusara a investidura. Não podendo o clero obter unanimidade para outro candidato, foi a escolha do successor entregue á curia romana.

Alberto Magno era conhecido de Alexandre IV que muito o prezava pela sua sciencia e virtudes, manifestadas em Anagni com tanta felicidade. Além disto, havia na curia o celebre Dominicano que já encontramos, cardinal Hugo de St. Cher, legado pontificio na Germania. Talvez tivesse elle suggerido ao Papa a nomeação de Alberto, querendo assim propôr um verdadeiro modelo de Pastor aos bispos allemães, compromettidos demais nas questões temporaes. O certo é que se espalhou rapidamente a noticia da nomeação imminente de Alberto ao episcopado.

Apenas teve Humberto de Romans conhecimento do facto, logo escreveu a Alberto uma carta commovente que ficou celebre, dissuadindo-o, em termos vehementes, de que acceitasse tal dignidade. "Preferiria, diz entre outras coisas,

saber meu filho queridissimo estendido no tumulo a sabe-lo sentado no throno episcopal... Quem poderia acreditar que chegado agora ao declinio de vossa idade, fosseis capaz de imprimir esta mancha á vossa gloria e á gloria de uma Ordem para cujos progressos tanto contribuistes... Oh! nós vos supplicamos, não vos deixeis mover pelos conselhos e pelas preces de nossos senhores da côrte romana, onde não se leva as coisas tão a serio. Que as raras imperfeições de uma Ordem que estremece e honra todos os seus membros e se gloria sobretudo no Senhor de possuir-vos, não vos desalentem. Estes cansaços moraes, afinal fossem elles ainda maiores não deveriam ser supportados por um homem de vosso valor com hombridade de gigante? Como podereis supportar a complicação dos negocios temporaes e o perigo de peccar depois de ter prezado tanto a Sagrada Escriptura e a pureza de consciencia? Si é a utilidade das almas que vos tenta, considerae que reduzireis a nada, por uma mudança de estado os fructos innumeraveis que produzistes, não somente na Allemanha mas em quasi todo o mundo, por vossa reputação, por vossos exemplos e por vossos escriptos; ao passo que aquelles que criardes no episcopado são incertissimos... Dae-nos uma resposta que nos console e alegre a nós e a nossos irmãos: Orae por nós. A graça do Nosso Senhor Jesus Christo seja comvosco. Amen" (14).

Já Alberto havia ponderado, como bom religioso, que era nas considerações espirituas que Humberto se estadeava. Achava-se em jogo o interesse supremo das almas. Depois do escandalo de um bispo indigno, o Papa não podia appellar senão para um homem que, por suas qualidades de santidade, zelo apostolico, sciencia e conhecimento pratico, restituisse á dignidade episcopal prestigio e influencia. Tambem era formal a ordem de Alexandre IV (15).

A bulla da nomeação de Alberto data de 5 de Janeiro de 1260 (16). No mesmo dia escrevia o Papa ao deão e ao Capitulo de Ratisbonna pedindo-lhes que acolhesse cordial-

14 — Pedro da Prussia. *Vita* pp. 252-256. Humberto collocava-se exclusivamente no ponto de vista das observancias monasticas e da submissão absoluta aos capitulos geraes que previa no emtanto legitimas e honrosas excepções. Basta lembrar que no Concilio Geral de Lyon, de 1274 (em que tomou parte Alberto e ao qual não pôde assistir S. Thomas) compareceram 30 bispos dominicanos "Ordinem in se et seipsos in Ordine sub habitu Ordinis honorantes" como escreve Estevam de Salanhac. Um S. Boaventura e um Pedro de Tarentaise tiveram o mesmo gesto de acceitação quando o interesse da Igreja o exigira.

15 — Cf. Pelster (*Kritische Studien* cit. p. 174) que cita a *Legenda Coloniense* (1483) e Bernardo Guidonis: *De viris illustribus Ordinis Praedicatorum* "episcopatum Ratisbonensem caoactus recepit".

16 — O texto muito elogioso encontra-se em Quéatif-Echard *Scriptores O.* P. t. I p. 168.

mente o novo Pastor. Consagrado nos primeiros dias de Março, foi a 29 que Mestre Alberto entrou na diocese "sine strepitu" diz a *Leggenda Coloniense* (cap. 12). Passou a noite no convento da sua ordem e no dia seguinte tomou posse da sua séde entre louvores do clero e aclamações do povo. Compuseram, então, até um *Dictamen rythmicum* onde se desafoga o entusiasmo popular. E' que muito se esperava do novo bispo. Tantos beneficios, quanto a pessima administração precedente accumulára de ruinas moraes e materiaes.

Já em carta de 13 de Fevereiro de 1259 dirigida ao arcebispo de Salsburgo e a seus suffraganeos, o Papa denunciara vehementemente a incuria dos prelados, o abandono do ministerio sacerdotal e o concubinato publico em que vivia grande parte do clero. A bulla de nomeação de Alberto prova que não estava isenta de todas estas miserias a diocese de Ratisbona.

Tambem não era brilhante a situação, do ponto de vista material. Segundo antigo proverbio citado pelo chronista Hochnart, no *Catalogus episcoporum ratisbonensium*, Alberto não encontrara na cidade de que era tambem governador temporal, "um unico escudo no thesouro, uma unica gotta de vinho na adega, um unico grão de trigo no celeiro". Para contrabalançar, porém, enorme lista de dividas. Num anno, á custa de economias, chega a pagar a quantia consideravel de 486 libras. Não era elle proprio exemplo de simplicidade e de pobreza monasticas entre bispos apreciadores de sumptuosas carruagens? A pé, com seus pesados sapatos, visitava a diocese vastissima: seguia-o um burro de carga, mas para carregar os paramentos episcopaes e os livros do prelado (17).

Reformou as propriedades da mitra, proveu o capitulo de rendas certas que deviam correr parelhas á dilligente administração da importante parochia de Cham, nos arredores da cidade; augmentou as proprias rendas sem comtudo diminuir as esmolas avultadas, como testemunham varios documentos, entre elles o que fala por exemplo de seu auxilio ao hospital de Santa Catharina. Tradições locaes attribuem-lhe tambem vasta collaboração nas construcções das igrejas, particularmente na dos Dominicanos de Ratisbona, de puro estilo gothico (18).

Cuida sollicitamente da disciplina e santificação do clero e, antes de tudo, do dever de residencia. Instigado por elle, o capitulo da cathedral de Ratisbona, a 14 de Julho de 1260,

17 — *Legenda Colon.* Pedro da Prussia *Vita* cap. 36.

18 — Digamos a proposito que numerosos autores allemães, Marchese, Kreuser, Beissel, Burckhard, Krauss estudaram igualmente uma velha tradição que dá Santo Alberto como autor do plano da afamada Cathedral de Colonia; houve mesmo tempo em que a architectura gothica foi chamada *sciencia albertina*.

desapossa dos seus beneficios os conegos que, no correr do anno se tivessem ausentado do coro 3 semanas, com interrupção ou sem ella.

A 6 de Setembro do mesmo anno assiste á reunião dos bispos da Provincia em Landau; ahi decidem que, para maior efficacia, as censuras lançadas por qualquer dos bispos teriam força de lei para toda a Provincia.

Para assegurar a disciplina regular nos mosteiros de sua diocese, manda que visite todas as abbas o Abbade benedictino de Oberaltaich.

Emfim, bem se vê um homem de tal envergadura não podia descuidar-se do primeiro officio de um bispo — á pregação. Attestam-no as suas obras. Contem o volume em que colligiram as suas pregações: (19) 78 sermões sobre o tempo liturgico; 53 orações sobre os evangelhos de todo o anno, 59 sermões dos Santos; 32 sermões sobre o Sacramento da Eucharistia. São schemas em latim, como se costumava fazer, que elle desenvolvia em lingua vulgar deante do auditorio (20).

Mas naquella epoca, a posição do bispo allemão era profundamente contraria ás suas inclinações de religioso e de sabio.

Principe temporal, nada menos que Pastor de almas, cumpria-lhe associar-se em pessôa ás festas civis e profanas, "segurar com uma mão o baculo e com a outra a espada". Bem depressa confiou a administração temporal da diocese a homens idoneos, para retirar-se á solidão do Castello de Donaustauf, propriedade episcopal, onde facilmente poderá entregar-se á oração e ao trabalho (21).

Ahi compôs, ou pelo menos neste passou a ultima demão, o *Commentario do Evangelho de S. Lucas*, onde, repetidas vezes, censura o clero superior e simples, a sua conducta pouco apostolica, causa da decadencia do povo (22).

Commentando o texto de S. Lucas: "E haverá signaes no sol, na lua e nas estrellas" (XXI, 25) assignala desassombradamente as manchas que podem empanar o esplendor do clero: "O sol com effeito escurece quando aquelles que deveriam ser illuminadores da terra escurecem-se, como o Papa, Cardiaes, Arcebispos e Bispos. . . Pois estes luzeiros tornaram-se mais tenebrosos do que as outras trevas, já pela ignorancia, já pela negridão de sua vida. E são estes que se conservam

19 — Tomo XIII da edição Borgnet.

20 — Cf. Lecoy de la Marche: *La Chaire française au Moyen Age*, Paris, 1868, p. 112, 458.

21 — Donaustauf era um castello situado ás margens do Danubio, a 2 milhas de Ratisbona (*Boll.* XIX 1900 p. 276 n. 13).

22 — Ver em particular o *Commentario* XVI, 21; XX, 47; XXI, 25-27; XXII, 26.

immoveis e a ninguem visitam pois não cuidam dos seus subditos, mas, na culminancia de sua ambição, permanecem erectos e ociosos. De tres maneiras foram castigados: conservando o brilho da dignidade e os proveitos, todo o serviço das coisas espirituaes foi alterado; o trio, dignidade, distribuição dos bens temporaes e interesses espirituaes, que devem contrabalançar-se, foi todo abalado. E eis porque a lua, que é a assembléa dos leigos soffreu um eclipse de sua luz e converteu-se em sangue, isto é, em amor carnal. . . As estrellas, porém, são os religiosos que, como as estrellas resplandecentes no céu, devem viver num colloquio celeste. . .” (23).

Adeante, a proposito do texto: “Os reis das nações dominam sobre ellas. . . Que assim não seja em relação a vós” Luc. (XXII, 25-26) estabelece melancolico parallelo entre o regime de humildade e caridade da Igreja primitiva e o apparatus de esplendor e de força de que se viu obrigada a cercar-se para reprimir a audacia dos máus. Fala por experiencia: “Governar pela força, como um rei do mundo, não convinha no inicio da Igreja, fundada em alicerces de humildade e caridade, e não de potencia e fausto real. Depois, a Igreja, mais vigorosa e solida, teve que recorrer ao temor magestoso para reprimir os máus subditos que em seu seio se multiplicavam. . . Nada mais suave do que governar os fieis na humildade e mansidão quando o permitem os tempos A multidão dos máus é que a impelle a demonstrar severidade e rigor. A menos que apreciando o fausto se queira tolerar ou talvez favorecer os máus: é a attitude dos prelados de hoje que mais parecem representantes de Sardanápalo do que de Jesus-Christo” (24).

A perturbação interior que a administração de sua diocese causava a Alberto, a aversão que experimentava quando se occupava de questões materiaes em que necessariamente se via envolvido como Senhor temporal e Principe do imperio, (25) a vaidade e insolencia de grande parte do seu rebanho que o recebera de máu grado, preferindo, no dizer de Hoch-

---

23 — Ed. Jammy t. X p. 307 sq.

24 — Ed. Jammy t. X p. 324, sq.

25 — Ptolomé de Lucques, que escrevia no fim do seculo XIII, descreve a situação em que se encontrava o grande Alberto: “. . . Começou então a carregar o fardo do episcopado, que é muito militar na Alemanha, porque os bispos não podem conservar senão com a espada o que ali lhes foi confiado. Considerando então o sossego que deixara e o abysmo em que se achava, não descansou até que sua renuncia foi acceita pelo soberano pontifice. . .” Quétif-Echard: *Scriptores O. P.* t. I p. 162.

nart, pobres prodigos a pastores sabios, (26) todas estas razões decidiram-no, na primavera ou no verão de 1261, a pedir demissão do cargo. Aliás, notavam-se grandes melhoramentos na situação da diocese onde soubera discernir dentro do clero, e sobretudo do capitulo, homens idoneos como Leão Thundorfer, que viria a ser seu successor.

Na primavera de 1261, partiu Alberto para a Italia onde apresentaria demissão a Alexandre IV. Falleceu este em Viterba a 25 de Maio. Ignoramos se Alberto tornou a Ratisbona. Numa acta de 23 de Dezembro de 1261, da Chancelaria episcopal de Ratisbona, figuram apenas os 3 conegos designados por Alberto para governar a diocese na sua ausencia, Henrique, Leão e Ulric.

Talvez esperasse a nomeação do Pontifice na curia onde era conhecido ou em algum convento da sua Ordem.

A 29 de Agosto de 1261 era eleito Urbano IV, que a 11 de Maio de 1262, confirmava a eleição de Leão como deão da cathedral.

A demissão de Alberto deu-se entre as duas datas. Pouco mais de dois annos permanecera na séde episcopal de Wolfgang.

E' provavel que tenha então vivido na cõrte de Urbano IV, que procurava cercar-se de sabios e, sobretudo, de philosophos. Desde o fim de 1259 lá ensinava Frei Thomaz de Aquino, ora em Anagni, ora em Orvieto. De qualquer modo, voltava Alberto á sua Ordem: debaixo do sinete menciona, dahi por deante, O. P. (Ordinis Praedicatorum). No testamento, feito mais tarde, declara-se Frei Alberto, outrora bispo de Ratisbona da Ordem dos Pregadores. Tinha 56 annos. Julgara talvez chegado o momento de consagrar-se, sem reservas, a seus trabalhos scientificos. Mas a hora da retirada laboriosa não soara.

## A PREGAÇÃO DA CRUZADA

Antes de subir ao throno de Pedro, fõra o Papa reinante Patriarcha de Jerusalem. A estadia na Palestina habilitara-o a avaliar a triste situação dos christãos na Terra Santa, expostos sem defesa ás incursões cada vez mais audaciosas de seus inimigos. Os Santos Lugares haviam sido retomados em 1244 pelos Sarracenos. Ao chamado do 1.º Concilio de Leão,

---

26 — Pedro da Prussia repete demais uma noticia muito propalada segundo a qual a canonisação de Alberto teria sido adiada por causa da opposição dos prelados relaxados, receiosos de que esta glorificação, confirmando a doutrina que havia pregado, fosse uma condemnação da vida que levavam.  
*Vita* cap. 37.

S. Luiz e seus cavalleiros foram quasi que os unicos a responder. Conhecemos-lhes o fracasso. Aprisionado em 1250, resgatado pelos subditos, permaneceu o santo rei quatro annos na Palestina sem resultado algum. Abandonado da christandade, o reino franco da Terra Santa corria para uma ruina total. Hulagh, chefe dos Mongóes e mais tarde em 1261, o Sultão Bibars, dono da Syria e do Egypto, tinham-se apoderado pouco a pouco de todos os dominios dos principes christãos. Além disso, o imperador grego, Miguel Paléologue, installado em Constantinopla, puzera termo ao imperio latino da Grecia, dando assim golpe mortal á influencia politica e religiosa das potencias occidentaes no Oriente.

Procurando remediar tão desesperadora situação, decidiu o Papa promover nova cruzada e escolheu Alberto Magno para prepara-la e prega-la na Allemanha, Bohemia e todos os outros paizes de lingua tudesca. A 13 de Fevereiro de 1263, envia-lhe a lettra apostolica (27) que o constitua pregador e promotor da Cruzada, com faculdades de escolher seus auxiliares, dispensar indulgencias, perdoar peccados graves e reconciliar os antigos partidarios de Frederico II. De 13 de Fevereiro a 22 de Março, envia-lhe nada menos de 25 bullas para acredita-lo junto aos bispos e autoridade secular e confirmar os poderes que devem facilitar o cumprimento da sua missão. A de 21 de Março, associa-lhe como collaborador, talvez a pedido seu, o franciscano Bertholdo de Ratisbona, o mais celebre pregador do seculo.

Com seu antigo mestre, Fr. David de Augsburgo, Fr. Bertholdo percorrerá a Baviera, a Austria, a Bohemia, seguido de um bando de alumnos, de penitentes e de admiradores. Fala com simplicidade, em linguagem vulgar, com imagens e comparações familiares, nas praças publicas, no meio dos campos, sendo as igrejas muito pequenas para conter a multidão que se premia á sua passagem.

Da pregação de Alberto não trazem as chronicas nenhum vestigio. Só seus actos officiaes são datados com precisão, o que nos permittirá segui-lo ao menos nas grandes linhas do seu itinerario bem sobrecarregado, de Brenner a Antuerpia e da Polonia ao Rheno.

Depois das decisões pontificias datadas de Orvieto onde ainda reside o proprio Alberto, parte elle para a Allemanha depois de Paschoa (Abril 1263). Chega como de costume pelo Brenner. A 5 de Maio está na abbadia de Polling na Baviera, onde começa a distribuição dos thezouros espirituales dos quaes os seus poderes lhe permittem dispor: concede 40 dias de indulgencia para o dia da dedicação da igreja abba-cial, e para as festas da Invenção e da Exaltação da Santa

---

27 — O texto muito lisonjeiro para Alberto está em J. Guiraud: *Les registres d' Urbain IV*, t. 1 n. 311. Paris 1901.

Cruz. A 10 de Maio, festa da Ascensão, está em Augsbourg, onde confere indulgencias ao convento das irmãs dominicanas de Sta. Catharina. Tres dias depois, em Donauworth, arbitra uma desavença entre o bispo Hartmann e o conde Luiz de Oettingen. Demora-se algum tempo em Augsburgo no convento dos seus irmãos. A 27 de Maio, concede uma indulgencia aos fieis que concorrem para a construcção da capella dos Cisterciences de Himmelpfort (Porta do céu).

A 5 de Junho está em Francfort—sobre o Meno. Concede 40 dias de indulgencias aos visitantes da igreja da ordem teutonica em Sachsenhausen. A 28, Augsburgo recebe uma indulgencia em favor da igreja de um convento de eremitas agostinianos. A 22 de Junho sobe novamente para Colonia e concede uma carta de indulgencia aos cavalleiros de S. João de Jerusalem. Fôram sem duvida as missões de arbitragem de que falamos que o levaram a Colonia.

Em breve, porém, ganha o Norte; em Outubro de 1263, está em Magdeburgo onde resolve, por mandato pontificio, a espinhosa questão de uma dupla eleição episcopal para a séde de Brandeburgo. Pronuncia-se em favor de Henrique, cura de Bergen e por carta de 30 de Outubro, encarrega o Prior dos Premonstratenses de Jericho, perto de Havelberg, de vigiar a execução da sentença (28). Foi então que, segundo todas as probabilidades, se encaminhou para a Polonia e, voltando pela Saxonia, observou, conforme assignalamos mais alto, os costumes dos barbaros cumans, cujos chefes determinam o numero de crianças que era permittido a cada tribu educar, sendo o excedente executado com os invalidos e velhos.

No fim de 1263, encontramos-lo no sul da Allemanha. Consagra a Igreja parochial de Adelhausen, perto de Friburgo. Passa em Spire a 20 de Fevereiro de 1264, em Ratisbona a 18 de Março, onde é testemunha de um accordo concluido entre Leão, seu successor, e um de seus vassallos, Zacharias de Hage. A 25 de Agosto está em Moguncia donde envia indulgencias em favor da construcção do convento de religiosas agostinianas de Aldenburgo. Esta carta é o ultimo documento conhecido no qual ainda se intitula pregador da Cruzada. Morre Urbano IV a 2 de Outubro; Clemente, IV seu successor, demonstra menos interesse pela cruzada e até parece que a missão de Alberto terminará com a morte daquelle.

A julgar apenas pelo exterior, os esforços do grande bispo lograram bem poucos resultados. Os fieis cercaram, sem duvida, de grande respeito o legado pontificio, o santo e illustre sabio, porém, o enthusiasmo pela cruzada de ha muito se havia extinguido. Já se não estava mais no tempo em que

as proprias crianças partiam em bandos, da França e da Allemanha, para o Oriente, a perguntar nas primeiras cidades que encontravam sobre o Danubio, si já não era ali Jerusalem. Debalde enviara Urbano IV um breve ao rei Ottocar, da Bohemia; ao margrave Othon, de Brandeburgo, aos duques da Saxonia, de Brunswick e da Baviera, convidando-os a que tomassem a cruz. A Allemanha, absorvida pelas contendas e rivalidades do longo interregno que seguiu a morte de Frederico II, parecia surda aos chamados da Santa Sé. Mais uma vez, S. Luiz partirá quasi só. Era portanto em tarefa ingrata que Alberto teria que trabalhar e em condições desfavoraveis. Estes dois annos de viagens e de esforços pareceram-lhe sem duvida roubados ao estudo. Mais uma vez aspira, com todas as suas forças, o retiro laborioso. Durante esta ultima epoca de sua vida, ser-lhe-há possivel recommençar com effeito o ensino, porém, a actividade pastoral continuara a ser sempre tal que este bispo demissionario de Ratisbona parece ter-se tornado o pastor de toda a Allemanha.

## VOLTA AO ENSINO E A' ACTIVIDADE PASTORAL

No fim de 1264, retira-se Alberto para o convento da Ordem, em Wurtzburgo. Depois dos penosos e absorventes emprehendimentos desses ultimos annos, foi-lhe certamente bem suave ao coração encontrar-se de novo na aquecedora luz conventual que jorra da oração coral, colorindo toda a vida do monge, os seus gestos, pensamentos e trabalhos, de reflexos sobrenaturaes.

Ahi permanecerá tres annos no meio dos seus irmãos, em verdadeiro recolhimento, a tal ponto que nada saberiamos desta estadia si não tivesse intervido uma ou duas vezes pela paz entre o bispo e a burguezia, como já o relatámos.

Desenrolaram-se a seus olhos novas perturbações em 1266 depois da morte do bispo. Quando da eleição de seu successor, dividiram-se os votos entre o conde Bertholdo de Sternberg e Conrado de Trimberg, padre sabio e piedoso. Tenta Bertholdo apoderar-se á força da diocese. O administrador Bertholdo de Henneberg, apoiado nos burgueses, derrota-o na batalha de Kitzingen. Sternberg perde quinhentos homens e muitos conegos foram mortos. Conrado, porém, morre voltando de Roma, aonda fôra expor os acontecimentos e, então, Bertholdo de Sternberg, candidato unico, toma finalmente posse da séde de Wurtzburgo sem opposição.

Alberto desta vez ficou fóra de tão lamentaveis contendas; convence-se demais a mais que o ensino é sua verdadeira vocação; escreve ao Mestre Geral, Jean de Verceil, propondo-lhe retomar na Ordem o seu lugar de Mestre de Theologia. Agradece-lhe Jean de Verceil o offerecimento e accrescenta

que havia resolvido manda-lo novamente a Paris (29), onde a interpretação de Aristoteles, á moda dos Judeus e dos Arabes — o Averroismo de Siger de Brabant, — era causa da crise gravissima que atravessava a Universidade. Alberto dá a conhecer que acceita o mandato, comtanto que lhe concedam um ajudante; sentia-se sem duvida já muito idoso. Finalmente é Fr. Thomaz que o mestre geral, de accordo com o Papa, retira da curia afim de manda-lo urgentemente a Paris em Novembro de 1268. Jean de Verceil escreve então a Alberto esta carta em Strasburgo, onde já preenchia benevolmente as funcções de leitor.

Antes de ir a Strasburgo fizera Alberto curta viagem a Colonia. Sabemos que a 14 de Julho consagra uma capella e um altar nas religiosas cisterciences de Burtscheid, perto de Aix-la-Chapelle, a 4 de Agosto, um altar na igreja de Santa Maria Auxiliadora. Volta a Strasburgo em Setembro sem duvida, no inicio do anno escolar. O regente dos estudos era Ulrico de Straburgo, Ulric Engelbert, que veio a ser Provincial da Germania e que podemos considerar com Santo Thomaz como o discipulo predilecto de Alberto a quem elle via não somente como seu mestre porém como seu pae, conselheiro e amigo (30).

Strasburgo é depois de Colonia o centro de estudos mais importante da Allemanha. A influencia de Alberto nesta escola e na de Colonia é segura e profunda. Seu discipulo Ulrico ali compõe uma *Summa theologica*, que permaneceu inédita; ali estudam na mesma epoca Fr. João de Friburgo, cuja *Summa dos confessores* muito deve certamente aos estudos psychologicos e medicos de Alberto Magno, Fr. Godofredo de Duisburgo, que será seu secretario e companheiro dos ultimos annose Fr. Renier de Basilea mais tarde director das religiosas de Unterlinden.

Parece, porém, que Alberto, já tendo exigido de seu espirito esforços sobrehumanos, experimenta certa fadiga em retomar o ensino e os estudos. Multiplica, então, os misteres que seu character episcopal lhe permite fazer: dir-se-ia que "mysterioso instincto o levava a consagrar a Deus em seus ultimos dias o maior numero possivel de lugares e objectos".

---

29 — Era contrario ás tradições que um mestre em Theologia da Universidade de Paris ali ensinasse pela segunda vez; no seculo XIII só com Sto. Thomas se produziu este facto.

30 — Encontramos a expressão da profunda veneração que votava ao grande Alberto numa carta que lhe escreveu algum tempo depois de sua nomeação para o provincialado, pedindo-lhe conselho e conforto:

"O que deve de menos o filho ao pae, o discipulo ao mestre, o servo ao senhor, a criança ao protector senão todo elle... quando, novo Lazaro, acolheste-me como conviva á vossa meza... no meio da opulencia, afim de que, reanimado no calice da vossa luminosa bondade, não receiasse nenhum mal".

A 29 de Abril de 1268, consagra a igreja dominicana de Esslingen, á margem direita do Rheno; a 4 de Junho, a capella e um altar dos Cavalleiros de S. João em Selestat; a 5 de Junho, dá indulgencias aos johannitas de Colmar que constroem a sua igreja; a 15 de Junho, consagra um altar na igreja dos penitentes de Strasburgo, a 7 de Julho dá indulgencias ao mosteiro de Santa Catharina em Strasburgo. Presta os mesmos serviços em Villingen, em Rottyweil sobre o Neckar, em Adelhausen, em Rottenburgo, em Selestat, em Necklenburgo. A 7 de Abril de 1269, na igreja dos Dominicanos de Strasburgo, ordena a pedido do Bispo, cento e cincoenta padres, seculares ou regulares, e confere as ordens menores a perto de quinhentos clerigos (31).

A 9 de Setembro consagra a igreja dominicana de Baslé, passando por Mulhouse dá indulgencias á igreja dos cavalleiros de S. João; consagra a igreja das religiosas dominicanas de Unterlinden em Colmar, o altar dos Agostinianos de Mulhouse, e a igreja dominicana de Wimpfen na diocese de Worms (32). Emfim, por ordem de Jean de Verceil, deixa Strasburgo no correr do verão de 1270, afim de achar-se presente em Colonia no inicio do anno escolar em Setembro. E' lá, nesse grande convento, que viu o seu primeiro fervor religioso e ouviu as suas primeiras lições, que elle vem a morrer, como o desejara, no meio dos seus irmãos a que, durante tanto tempo, edificou, serviu, instruiu.

### NOVA ESTADIA EM COLONIA

O clero de Colonia não desejava menos vivamente que os irmãos a sua volta aquella cidade. E' que tinham na mesma conta tanto o seu ensino quanto a sua poderosa influencia de conciliação e o seu zelo pastoral.

Com effeito, além da solução da situação publica apparentemente sem saída, arbitrou grande numero de disputas privadas e continuou supprimindo os bispos que não tinham tempo para certas de suas funcções ou ainda, menos, gosto. Consagrará igrejas em Utrecht, Nimegue, Vochem, Brauweiler, Werden, Muncdhen-Gladbach, e depois em Antuerpia e Louvain.

A 1.º de Outubro de 1273, em Francfort, o conde Rodolpho de Habsburgo é eleito imperador allemão. Jean de Verceil e Ulrico de Strasburgo têm com elle importantes conversas no convento de Colonia. Voltando de Aix-la Chapelle onde acaba de ser coroado, pára novamente em Colonia e,

31 — Rodolphe de Nimégue — *Legenda*, II P. cap. VI. Pierre de Prusse cap. 38.

32 — *Boll.* XX p. 302.

quando de uma de suas visitas, trava conhecimento com Alberto que o defenderá no concilio de Lyão.

Ajudado sem duvida por seu secretario Godofredo de Duisburgo, é provavelmente nesta epoca que ensina os commentarios sobre os Psalmos, sobre os Prophetas e sobre o Apocalypse. Compõe o seu tratado do Santo Sacrificio da Missa e o da Eucharistia. Ha muitos annos já parece ter acabado a obra scientifica: consagra-se exclusivamente á theologia, desprezando as sciencias profanas. As forças, porém, declinam; não escreve tão depressa como outrora. A sua Summa theologica, que seria o seu ultimo trabalho, mais parece uma compilação redigida por seus alumnos debaixo da sua direcção.

A grande dôr da sua velhice foi o desapparecimento do discipulo de predilecção, Fr. Thomaz de Aquino, fallecido a 7 de Março de 1274, quando se preparava para vir ao Concilio de Lyão. No processo de canonização de S. Thomaz, Barthélemy de Capua relata a seguinte narrativa que lhe fez Fr. Hugues de Lucques: "Ao saber desta noticia, Fr. Alberto, que fôra seu mestre, chorou vehementemente. Depois, cada vez que ouvia pronunciar o seu nome, desatava a chorar, dizendo que era a flor e o ornamento do mundo; deploravam os irmãos estas lagrimas, receiando fossem effeito da velhice e do cansaço do seu espirito. (33).

Outro Dominicano que o conheceu, Alberto de Brescia, faz em 1310, a Fr. Antonio de Brescia, narração diversa: "Quando da morte do dito Fr. Thomaz, o Senhor Alberto, o Allemão, abriu subitamente em prato e disse": "Communico-vos a triste noticia que Fr. Thomaz, meu filho em Christo morreu; isto acaba de ser-me revelado por Deus" (34).

Parece, porém, que a primeira versão corresponde melhor á verdade, pois emana de uma testemunha que viveu em Colonia nos annos de 1276 e 1277.

Um dos actos mais importantes de Alberto nesta epoca, e que demonstra o vivo interesse que tinha pelo governo e integridade doutrinal da Igreja, foi a sua participação no II.º Concilio Geral de Lyão, em 1274 (35).

Este concilio, um dos mais brilhantes da Idade-Media, foi um triumpho para a Igreja romana e para a Ordem dos Frades Pregadores que nelle é representada por mais de trin-

33— Acta Sanctorum martini, t. 1, p. 712, n.º 82.

34 — Ibid. p. 706, n.º 67.

35 — Temos a prova desta participação numa carta de indulgencia para a igreja dos Pregadores de Magdebourg entregue por Alberto e datada de Lyão, a 21 de Maio de 1274. Além disso, numa carta de indulgencias datada a 21 de Junho de 1275 aos Dominicanos de Ratisbona, o bispo Leão declara que, entre diversos bispos presentes em Lyão, o senhor Alberto tinha querido animar a construcção da nova igreja dominicana.

ta bispos, entre os quaes o proprio arcebispo de Lyão, Pedro de Tarentaise e o cardial-bispo de Ostia, que será o Papa Innocencio V. Cem dominicanos da Provincia de França e vinte e quatro priores vindos ao capitulo geral, que se effectua ao mesmo tempo na cidade, a elle assistem.

Ameaçado pelos turcos, o imperador grego Miguel Paléologue, quer por termo ao schisma. Seus embaixadores, os bispos orientaes e o Patriarcha de Constantinopla reconciliam-se com a Igreja latina, reconciliação que, infelizmente, será de breve duração. Cantam o Credo em latim e em grego na cathedral de S. João. Vieram tambem embaixadores tartaros para pedir o apoio dos christãos contra o sultão do Egypto. Tres dentre elles pedem o baptismo. Na vespera mesmo das ultimas sessões morre S. Boaventura; no serviço funebre, Fr. Pedro de Tarentaise faz o elogio do grande Doutor franciscano, desenvolvendo este texto: "Choro sobre ti, ó meu irmão Jonathas, porque eu te perdi".

Deante de tanta grandeza a alma do velho Alberto devia ainda ter vibrado de santa emoção. Não parece, porém, que sua idade avançada e suas canseiras lhe tenham permitido parte activa nos debates.

Em tres questões, porém, sabemos que se envolveu mais particularmente.

Sobre o levantamento da interdição que pesava ainda sobre a cidade de Colonia, consequencia das difficuldades já relatada é elle proprio encarregado de absolver as abbas de Sta. Ursula e de Sta. Cecilia, culpadas de terem entretido relações com os inimigos do arcebispo; para a propria cidade será a interdição levantada a 2 de Junho de 1275 (36).

Segundo Pedro da Prussia, (cap. XLI), Alberto teria intervindo tambem na definição de certas difficuldades doutrinaes provenientes do ensino dos gregos modernos, fóra das divergencias fundamentaes resolvidas no Concilio.

A principal intervenção sua parece porem ter sido em favor de Rodolpho de Habsburgo. Não se tratava de pôr em duvida a eleição imperial. Rodolpho, aliás, havia sido reconhecido pelo Papa antes da abertura do Concilio. Mas de por termo á anarchia que havia a vacancia do throno provocara, repellindo definitivamente as reclamações dos concurrentes (37). Discute-se a questão no consistorio em

36 — *Boll.* 1901, p. 305.

37 — Frederico II após violenta opposição ao Papa; morrêra na Italia em 1250. Seu filho Conrado quiz retomar a Allemanha das mãos de Guilherme da Hollanda, por alguns principes allemães designado para rei. Batido, porém, em Oppenheim, teve que voltar para a Italia onde morreu em 1254. Conradino, seu filho de 12 annos, tinha por tutor o tio Manfredo, filho natural de Frederico.

O Papa desejou entender-se com Manfredo. Este, porém, a isto não attendeu e assenhoreou-se da Italia pelas armas. Elegem então os principes allemães reis estrangeiros, que nem capacidade

6 de Junho, em presença de numerosos bispos allemães, entre os quaes os de Moguncia, Magdeburgo, Colonia, Treves e Bremen. O enviado de Rodolphe jura em nome do seu senhor que serão respeitadas as garantias dadas por Othon IV e Frederico II e que protegerá o Estado Pontificio. Foi, sem duvida, deante desta assembléa, que Alberto pronunciou o discurso que lhe attribue Pedro da Prussia (cap. XLI) sobre o thema seguinte: "Eis que eu lhes darei um salvador e um defensor para liberta-los". Mais uma vez, emprega Alberto a sua autoridade em trabalho efficaz pela união e prosperidade dos seus compatriotas.

### ULTIMOS ANNOS

A ultima viagem de Alberto ainda será um testemunho da delicadeza do seu coração e do interesse que anima pela integridade da verdade.

Manifestara-se em Paris, violenta opposição da parte de todos aquelles, a quem, em todos os tempos, as innovações perturbam suas commodidades, contra o movimento de estudos inaugurados por Alberto -Magno e coroado pela obra de Thomaz de Aquino. Affectavam confundir em unica reprovação tudo o que se reclamava de Aristoteles, tanto a legitima interpretação dada pelos Doutores Dominicanos quanto os lamentaveis desvios de Averroes e de Siger de Brabant.

E' preciso ler a narrativa da intervenção de Alberto Magno que Barthelemy de Capua fez no processo de canonização de Santo Thomaz, dizendo que a soube por Fr. Hugues de Lucques: "A noticia correu que os escriptos de Fr. Thomaz estavam sendo atacados em Paris. Fr. Alberto declarou que para lá queria ir ter afim de defender estes escriptos. Os Frades-Pregadores, porém, receiando pela sua idade avançada e longa jornada, dissuadiram-no durante certo tempo da realização dessa viagem. Fr. Alberto fôra, em Paris, homem de grande reputação e autoridade. Receiavam elles que, já idoso, perdesse algo do seu prestigio na memoria e no apreço geraes. Fr. Alberto, porém, que era arcebispo ou bispo de Ratisbona, acabou declarando resolutivo que iria a Paris, afim de defender tão valiosos escriptos. E foi. Acompanhou-o Fr. Hugues, que das occorrencias dá seus testemunho. Chegando a Paris, Fr. Alberto, deante do *studium generale* reunido, subiu á cathedra dos Frades-Pregadores de Paris e propoz o seguinte texto: "Que louvor é para aquelle

---

possuem para tomar posse do reino ou defende-lo. Não se sabia a quem obedecer, e a anarchia teria sido completa se os chefes espirituaes não tivessem assumido o poder temporal do qual tambem dispunham.

que vive ser celebrado por mortos?" Entendia que Fr. Thomaz estava vivo e mortos os outros. E pôs-se a enaltecer Fr. Thomaz com palavras gloriosas e sublimes, declarando que elle proprio estava prompto a defender, deante da assembléa dos mestres, os escriptos de Fr. Thomaz onde resplandeciam a verdade e a santidade" (38).

Não bastou, entretanto, este commovente proceder do velho mestre para apaziguar animosidades extremas. O Papa João XXI decretára um inquerito sobre o insino philosophico na Universidade de Paris; mas, sem esperar os resultados, o bispo de Paris, Estevam Tempier, a 7 de Março de 1277, tres annos, dias por dia, depois da morte de Santo Thomaz condemna uma lista de 219 theses aristotelicas, compiladas pela Faculdade de Theologia (39). Santo Thomaz não é mencionado no emtanto, sem contar que a condemnação visava ao descredito de todo o aristotelismo, algumas das proposições eram delle, incontestavelmente. As suas theses fundamentaes não figuram na lista de Paris. Talvez, precisamente, em face da intervenção de Alberto. Apezar disso, vinte dias após, a 28 de Março, serão ellas condemnadas pelos mestres de Oxford, que querem galantear os collegas parisienses.

Accrescenta Barthelemy de Capua que Alberto Magno voltando a Colonia, depois da sentença de Estevam Tempier, mandou que lhe lessem na ordem, todos os escriptos de Fr. Thomaz, e tendo convocado solemne assembléa, fez-lhes os mais gloriosos louvores; e concluiu que Fr. Thomaz demarcara nas suas obras o limite para todos os que trabalhassem até o fim dos seculos, e que trabalhariam em vão os que desses limites quizessem fugir. (40).

Foi immediato o resultado de tal defeza, pelo menos na Ordem dos Frades-Pregadores. Em 1278, o capitulo geral de Milão, querendo mostrar, em resposta á condemnação de Oxford, que tornava sua a causa de Sto Thomaz e sua doutrina, envia urgentemente á Inglaterra uma commissão encarregada de proceder a um inquerito sobre a attitude de certos frades, "cujas asserções no tocante aos escriptos do veneravel Fr. Thomaz são um escandalo para a Ordem". Em 1279, o Capitulo geral de Paris manda punir gravemente os irmãos que faltarem ao respeito para com a sua memoria e seus escriptos; e em 1286 tornar-se-á sua doutrina ensino obrigatorio em toda a Ordem, que, desde então, nunca lhe recusou fidelidade (41).

Mesmo em Paris, Estevam Tempier, que se dispunha a estender a sua diocese a condemnação dos mestres inglezes, recebe de Roma a Ordem de "esperar que a Curia lhe venha

38 — *Acta Sanctorum Martini*, I, p. 712, n.º 82.

39 — *Chartularium Universitatis Parisiensis*, I, p. 543 sq.

40 — *A. SS. Martini*; t. 1, p. 712 n.º 82.

41 — *Acta Cap. Gen. O. P.* ed. cit., I, pp. 204, 235.

a pedir que se encarregue dessa tarefa". Bem podemos dizer que ainda nessa ocasião cumpriu Alberto Magno a obra providencial que a Igreja sancionou com sua autoridade, visto como, segundo a palavra de Bento XV, resumindo os testemunhos pontifícios cada vez mais explicitos "ella tambem tornou sua a doutrina de Santo Thomaz" (42).

Dahi por deante, até a morte, Alberto não se ausentará mais de Colonia. Figura ainda o seu nome em algumas das mais bellas manifestações religiosas da cidade. A 14 de Fevereiro de 1270 é elle quem preside á transladação do corpo de Santa Cordula, uma das companheiras de Santa Ursula, que revelará por tres aparições successivas o lugar de sua sepultura a Fr. Ingebrand, dos Cavalleiros de S. João. No mesmo tempo, é encarregado de abrir e de visitar o relicario de S. Evergisto, que foi bispo de Colonia no seculo V e que é venerado como martyr na diocese.

A obra á qual parece consagrar os ultimos annos é a erecção da nova igreja do convento. Vendo, diz a *Legenda Coloniensis* (43), que o côro era pequeno demais para os irmãos, mandou edificar um côro muito mais vasto, em linda pedra de cantaria e de elegante estylo; collocou a primeira pedra em 1271; ao regressar de Lyão, chegavam os muros á altura dos da antiga igreja, porém elle morreu antes de ver a conclusão das obras, consagrando por testamento, a esta reconstrucção, todo o ouro, a prata e as pedrarias susceptiveis de serem convertidas em moedas. Pedro da Prussia, (cap. XXI), accrescenta que Alberto muito devoto da Santa Cruz do Salvador, mandou suspender á entrada do côro, no eixo da nave, gigantesca cruz contendo reliquias; devemos ver ahi um dos primeiros exemplos de uma disposição que se tornou em seguida muito frequente nas igrejas da Allemanha e que foi propagada sobretudo pelas ordens mendicantes, que se apraziam em expor Jesus na Cruz aos olhares e á veneração da multidão. Segundo o mesmo autor, ainda teria elle dado á sua igreja um fragmento da Coroa de espinhos que, relata a *Legenda Colon.* (cap. XV), lhe dera o devoto rei dos Francos, S. Luiz, e que trouxera de Paris, bem como uma parcella da verdadeira Cruz; para provar a authenticidade da reliquia te-la-ia Alberto lançado ao fogo, saindo esta illesa.

Terminado o coro, lá para 1288, o arcebispo de Colonia, amigo seu, Sigefredo de Westerburgo, desejando perpetuar a lembrança de tantos beneficios, mandou collocar nos fundos do altar-mor um vitral onde eram representados Alberto, revestido dos paramentos pontifícios e, atraz d'elle, ajoelhado,

---

42 — Enc. *Fausto appetente die*, de 19 de Junho 1924.

43 — *Boll. loc.*, cit. P. 278.

Sigefred, trazendo tambem a mitra e o baculo pastoral; em baixo a seguinte inscripção em versos latinos:

Este santuario foi construido pelo bispo Alberto,  
A flor dos philosophos e dos sabios, a escola dos costumes,  
O destruidor refulgente das heresias e o flagello dos máo  
Collocae-o, senhor, no numero dos vossos santos (44).

### MORTE DE ALBERTO MAGNO

Existe uma narraçãõ dramatica dos ultimos annos de Alberto em Colonia. Um dia, em plena aula, teria perdido bruscamente a memoria com grande consternaçãõ dos que o escutavam, ficando, dahi por deante até á morte condemnado a uma vida sem projecçãõ. Teria então explicado elle proprio a seus ouvintes que apprendera de Nossa Senhora quando em seus primeiros annos de estudo, esta Sabedoria e este immenso saber que tinham assombrado os homens.

Maria, ter-lhe-ia dito, porém. "Afim de que te não ufa-nes por isso e não vacilles na verdade sagrada, todos os teus conhecimentos e tua illustraçãõ philosophica ser-te-ãõ retirados no fim da tua vida. Perderás a memoria em lição publica. Será este o signal da proxima visita do teu Juiz". Segundo outra narrativa, Nossa Senhora priva-o de todos os conhecimentos antes da morte, para puni-lo por ter preferido quando teve de fazer a escolha, as sciencias profanas á Theologia. Segundo Pedro da Prussia, pedira Alberto á Maria o conhecimento de todas as sciencias humanas, porque o seu espirito pesado, incapaz de qualquer estudo, não lhe teria permittido ficar nos Frades-Pregadores. Pedro Bayle, querendo fazer espirito á custa do grande Alberto, disse se aproveita para dizer que foi metamorphoseado, pela Mãe de Deus, de asno em philosopho e, mais tarde, de philosopho em asno.

No dizer dos historiadores modernos, estas narrativas têm sabor de lenda. Revelam o cuidado excessivo de explicar ao mesmo tempo a sciencia extraordinaria de Alberto e o silencio dos derradeiros annos, e de justifica-lo tambem aos olhos dos contemporaneos, que podiam scandalizar-se de semelhante culto pelas sciencias e pela philosophia da parte de um monje, e que se não resignavam por outro lado a admittir que um espirito tão eminente cedesse ao cansaço da idade. Não poderiamos esquecer, aliás, que esta lenda só começou a correr no seculo XV com Luiz de Valladolid (45).

Segundo os mais antigos documentos, parece que o enfraquecimento mental de Alberto se vinha accentuando gra-

44 — *Leg. Colon*, cap. XV.

45 — Ed. cit. in *Catal. Brux.* p. 98.

dual e lentamente, a partir de 1277. Esgottado pela idade e trabalhos, a perda de sua prodigiosa memoria, obrigando-o a renunciar ao ensino fe-lo considerar, que o tempo que lhe sobrava só lhe era dado para preparar-se para a morte. "Todo dia visitava o lugar da sepultura, escreve Henrique de Herford, (46) pois já se considerava defunto".

A sua piedade, porém, permanece tão vigorosa como outr' ora: "Recolhia-se ao jardim, diz o mesmo autor, ou a qualquer canto deserto, para entoar, com lagrimas e suspiros, canticos improvisados em honra da Bemaventurada Virgem Maria".

Situam pouco tempo antes da sua morte a anecdotia da visita do Arcebispo: "Sigefredo, vindo em visita ao mosteiro, bate á porta da cella, dizendo, como de costume: "Alberto não está ahí? o ancião responde sem abrir a porta: "Alberto não está mais aqui como outrora". Ouvindo o bispo taes palavras, suspira e, desfeito diz aos que o acompanharam: "E' verdade, Alberto esteve aqui mas já não está mais".

Em Janeiro de 1279, no seu testamento, onde reivindica seu direito á posse de bens temporaes por causa da dispensa do voto de pobreza que lhe foi concedida pelo Papa e pela Ordem, resolve, dispor desses bens, escrevendo: "em vida e em estado de perfeito conhecimento". No mez seguinte, ainda preside ás festas em honra de Santa Cordula, assigna documentos officiaes nos mezes de Maio e de Agosto.

Como uma lampada que se extingue lentamente, depois de ter esgotado toda a sua substancia, morre a 15 de Novembro de 1280. Estava sentado numa cadeira, em sua cella, e os irmãos, segundo o costume em taes casos, tinham-se reunido em volta d'elle para recitar as orações dos agonisantes (47).

Os funeraes, celebrados pelo proprio Arcebispo realizaram-se a 18 de Novembro. Os conegos da Cathedral, diz Pedro da Prussia (48), o clero de todas as collegiadas da cidade, os nobres e grande numero de fieis assistiam á cerimonia. Collocaram o corpo num caixão de madeira e expuseram-no no coro da igreja. Abriram a cova ao pé dos degraus do altar de pedra, no qual foi collocado o de madeira, recebeu uma lapide que subia tres pollegadas acima do solo. Nella gravaram uma inscripção em latim: "No anno do Senhor de 1280, no 17.º dia das calendas de Dezembro, morreu o veneravel irmão Alberto, outr'ora bispo da igreja de Ratisbona, da Ordem dos Pregadores, Mestre em Theologia. Descanse em paz. Amen".

46 — *Liber de memoralibus*, p. 202 meados do seculo XIV.

47 — Pierre de Prusse cap. XLV.

48 — *Ibidem*.

Mais tarde, cercaram o tumulo com uma grande na qual se lia este epitaphio em versos latinos:

Phoenix Doctorum, paris expers, philosophorum  
 Princeps, verborum vas fundens dogma sacrorum,  
 Hic jacet Albertus, preclarus in orbe, disertus  
 Pre cunctis, certus assertor in arte repertus,  
 Maior Platone, vix inferius Salomone,  
 Quem tu, Christe bone, sanctorum iunge corone.  
 Annis bis denis minus actis mille trecenis  
 Christe nascentis de corporis exit habenis,  
 Quinta post festum Martini luce molestum  
 Omne petendo Deum, transivit agens jubileum.  
 Qui legit hos versus, mox ad tumulum retroversus.  
 Inclinans dicat collectam cum Requiescat.

\* \* \*

No fim do seculo XV, mestres e estudantes da escola de Colonia pediram ao Papa Sixto IV licença para transferir as reliquias de Alberto para um tumulo mais condigno. A abertura do antigo mausoleu deu-se a 11 de Janeiro de 1483, em presença do mestre geral Salvo Cassetta de Palermo, do provincial da Germania, do prior de Colonia e do reitor da Universidade. O corpo do bemaventurado estava coberto de terra, pois apodrecera o caixão de madeira; limpam os irmãos o corpo deseccado porém intacto, a mão direita ainda segurava o baculo cuja extremidade superior era de chumbo e a parte inferior de madeira; tinha um anel no dedo da mão esquerda; sandalias aos pés, sobre a cabeça uma mitra um tanto estragada; suspenso ao pescoço, um pequeno crucifixo contendo uma parcella da verdadeira Cruz; um saquinho de seda com um Agnus Dei de cera e um *pfennig* atravessado por um prego do Salvador.

O mestre geral desprende um braço que mandou para a Italia. Venera-se até hoje esta reliquia em Bolonha, perto da cabeça de S. Domingos. Revestido o restante do corpo de ricos ornamentos episcopaes, collocaram-no num reliquario de vidro, atraz do altar-mor, no meio do coro da igreja dominicana. Nada mais sabemos sobre este reliquario que foi destruido no seculo XVII, juntamente com a igreja, quando da invasão das tropas francezas. Os restos sagrados de Alberto foram confiados, em 1804, aos conegos de S. André de Colonia. E' nessa igreja, onde existe uma nova capella dedicada ao grande dominicano allemão, que ainda se conserva o caixão com uma inscripção do seculo XVII: *Rlq. S. Alberti Magni.*

# ENCONTRO DE DEUS E DOS HOMENS NA LITURGIADA SEMANA SANTA E NO TRIDUO SACRO

D. BASILIO EBEL, O. S. B

“Deus, havendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos a nossos paes pelos prophetas, ultimamente, nestes dias, falou-nos na pessôa de seu filho” (Hebr. I, 1). Este *falar* de Deus á humanidade transformou-se em *acção* de amor. Um designio eterno realizou-se numa *acção divina*, num *agir*, num *acontecer* que, principiando no proprio seio divino, opera no *tempo* e no mundo, e voltará para Deus, seu fim. Esta “acção divina” é: *Christo*, isto é, Christo como cabeça e a Igreja como os membros! Este “Christo total” é o mysterio escondido desde a eternidade, mas aos eleitos e santos agora revelado (revelatum): Christo como “consagrador” do mundo, como “Salvador”! Como tal Christo já foi objecto dos pensamentos e das meditações da Igreja no tempo de Natal. Não comprehenderíamos, porém, bem o tempo actual do cyclo liturgico, a Quaresma, as festas paschoaes, senão soubessemos, que esse Christo não chegou somente como Salvador e como Consagrador dum simples mundo, mas como Consagrador e Salvador do nosso “mundo decaído”. Elle chegou como “Redemptor!” A acção “salvadora” de Deus para o mundo tornou-se “economia” por causa do mundo adoecido pelo peccado, isto é “acção remediadora” da misericordia e da caridade divinas. “O Logos, o Verbo, a Palavra de Deus se fez carne e habitou entre nós”, assim ouvimos no Natal. O tempo liturgico presente deixa-nos reconhecer como elle chegou na semelhança da carne peccaminosa, para extinguir o peccado por meio da sua “carne”. Em seu amor Elle levou os peccados do genero humano para a Cruz, como S. Pedro narra na sua primeira epistola, e quando lá morreu sobre o Golgotha, o peccado foi diluido tambem — Resurgiu, porem, um “novo homem”, sanctificado e transfigurado, que merecera, pela sua obediencia até a morte, de ser collocado tambem com a sua natureza humana a direita do Pae. Este “Deus-Homem”, glorificado e transformado inteiramente em

Espirito ou conforme a expressão de São Paulo em "Pneuma", é o ponto culminante da revelação divina do Novo Testamento.

Esta revelação de Deus por acções divino-humanas, cheias de força e de vida que o "Kyrios", o senhor, exerceu como cabeça da humanidade, deve ser agora o caminho dos homens para o Pae pela communição das graças, o entrar da Igreja resgatada no Pae pelo sacrificio da oblação completa e pela glorificação que é o fruto de tal holocausto.

O sacrificio do Deus-Homem na morte da Cruz assim como a sua gloriosa ressurreição — e como consequencia: o sacrificio da Igreja e sua divinisação pela união com Deus — constitue o Evangelho de Deus para o genero humano. Ahi temos o mysterio no sentido mais ajustado da palavra. Este mysterio se realiza sempre novamente na acção sacrificante, no culto sacramental da santa Igreja, para introduzir os homens de todos os tempos na profundeza da sua vida divina. Por isso devemos cantar gratamente com a Igreja na Quinta-feira santa, que nos lembra a primeira celebração do mysterio divino: "Cumpre gloriarmo-nos na Cruz de Nosso Senhor Jesus Christo, na qual está nossa salvação, vida e ressurreição".

Deus se offerece aos homens, esta é a significação do mysterio do amor. Os homens, porém, o que dão a Deus em recompensa?

Consideremos então, hoje o encontro entre Deus e os homens nos dias da Semana Santa, a palavra de Deus aos homens e a resposta delles.

Neste tempo presente, na parte principal do anno liturgico, podemos ver claramente: A luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a comprehenderam; Elle veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos que O receberam, deu-lhes o poder, de se fazerem filhos de Deus verdadeiros, que nasceram de Deus e receberam vida divina, nova vida, de se tornarem membros do seu corpo, que n'Elle e por Elle e com Elle surgem para a gloria do Pae.

A lithurgia da Semana Santa está em grande contraste com o tempo de Natal. Palavra e acção mostram um character muito differente. Ali encontramos uma abundancia de alegria e de paz, de esperanza e de expectação: *Lyrical*! Nos dias da Semana Santa, uma accumulção de inquietação e de contraste: *Dramatical*! No tempo de Natal uma nova vida divina entra neste mundo, para consagra-lo; no tempo da Paixão reparamos que os homens não acceitam a vida, regeitando-a e procurando destrui-la. Naquelle Christo começou a sua vida terrestre para a salvação do mundo, assumindo uma natureza humana e escondendo a sua divindade. Agora, vemos Christo no fim da sua vida terrena, sacrificando na morte a sua natureza mortal, para entrar eternamente na

sua gloria divina. Deus e homem encontram-se no Natal em silencio nocturno, afastados dos negocios do mundo; nos dias da Semana Santa, porém, no theatro publico da vida num contraste extraordinario e numa tensão tragica. Em um só ponto encontramos convergencia entre os mysterios do Natal e da Paixão e Paschoa, a saber, que o amor divino se manifesta e se offerece superabundantemente, mas que os homens tomam uma attitudo insensivel e cruel contra a revelação da caridade divina. Pois o encontro de Deus e dos homens é a substancia principal da religião, especialmente da religião christã.

O amor communicativo de Deus, recusado pelos primeiros homens no paraiso, estendeu-se á humanidade com toda a sua plenitude em Christo, porque existiu um homem, que proclamou alegremente ser "ancilla" — serva do Senhor. Humildade (Demut) significa em allemão "coragem de servir" (Diennut). Mas os demais homens não levaram em conta o divino amor, que appareceu escondido em forma humana. No dia em que este amor divino incarnado se manifestou publicamente aos homens, elles assumiram uma attitudo hostile. A Quaresma e particularmente o tempo da Paixão lembram e apresentam-nos a luta das trevas humanas com a luz divina em suas diversas phases. Quanto mais a maldade dos homens augmenta, tanto mais o amor divino brilha em Christo. Estes acontecimentos tragicos alcançam o seu auge nos dias da Quinta e Sexta-feiras santas. Justamente a lithurgia da Quinta-feira Santa tem um aspecto tragico incomparavel. A memoria dos mysterios de Christo na sala da ultima ceia surge vivamente na nossa alma. Deus, o Senhor, quer dar aos homens a maior dadiva do seu amor: "Jesus tomou o pão, dando graças, partiu-o e disse: Isto é o meu corpo que será entregue por vós" — Tradetur! Peço prestar attenção á palavra "tradere" = entregar. Christo entregou-se aos homens, dizendo na vespera aos discipulos: "Fazei isso em memoria de mim", como Eu mesmo o fiz em memoria das minhas obras de salvção. Com um amor maior Deus não se podia apresentar, pois, segundo a palavra eterna de Deus, ninguem tem maior caridade do que aquelle, que dá a propria vida pelos seus inimigos. Ahi na sala da ultima ceia Elle deu a sua propria vida, pois "aquelle, que comer este pão ou beber deste calice, terá a vida eterna".

Emquanto a epistola da Quinta-feira santa nos narra este milagre de amor communicativo de Deus, o Evangelho nos manifesta uma segunda acção de amor de Nosso Senhor: "Elle se levantou da mesa, tirou o manto, e tomando uma toalha, cingiu-se com ella. Em seguida deitou agua em uma bacia e começou a lavar os pés dos seus discipulos. Este foi o signal da communhão e do amor servidor, indicando aquella caridade, a qual devia praticar aquelle, a quem se chamasse

senhor e mestre; desta maneira Christo mesmo o explica a Pedro: "Se te não lavar os pés, não terás parte commigo". Não é isso uma lembrança do baptismo que traz a união com Christo, "per lavacrum regenerationis" — pelo banho purificador? O Evangelho do mesmo dia relata o inaudito: "Jesus sabia que chegara a sua hora. O demonio já havia incutido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, o desígnio de O trair" — "ut traderet". E a epistola de São Paulo accrescenta: "Na noite em que o Senhor havia de ser traído, entregue, "in qua nocte tradebatur", Elle tomou pão e vinho etc. E quem foi o traidor? Um dos seus amigos mais intimos, um, dos quaes os mysterios do reino dos céos foram confiados, que poz com o Senhor a mão no mesmo prato, que participou na ultima ceia. Elle traiu o seu Mestre com um beijo! O symbolo do amor é abusado escandalosamente. Por isso a Igreja omitta na lithurgia deste dia o osculo da paz. Este crime tremendo de trahição no banquete de amor, é continuamente lembrado na lithurgia da Quinta-feira santa, é o pensamento predominante na epistola, no evangelho, na secreta e no Canon. "Tradidit mysterio celebranda"? Elle se entregou aos homens, dando-lhes os seus mysterios. E em contraste: "tradidit ipsum" o trahidor entregou o Senhor aos inimigos. Deixemos então que estes pensamentos da Quinta-feira santa penetrem bem fundo em nossa alma, e perguntemo-nos a nós mesmos se o Senhor não sente o mesmo amor para conosco hoje, e qual é a nossa attitudo pessoal a respeito deste amor infinito?

Depois desta tragica introdução do primeiro dia, em que alegria jubilosa se mistura com trahição dolorosa, as trevas do segundo dia, da Sexta-feira santa, principiam a tragedia incomparavel do assassinio de Deus. No primeiro responso-rio ouvimos a queixa amarga do Messias: "Omnes amici mei dereliquerunt me, et praevaluerunt insidiantes mihi: todos os meus amigos me abandonaram e triumpharam os que me armavam laços". — "Tradidit me quem diligebam: inter iniquos jecerunt me, et non pepercerunt animae meae" — Aquelle que Eu amava, entregou-me: collocaram-me entre scelerados e não me pouparam a vida.

O officio matinal da Sexta-feira santa nos revela este crime horroroso. O Filho de Deus, obediente até a morte por causa da inobediencia dos homens, entregou-se aos seus inimigos. Ainda sempre, até o ultimo suspiro, Elle trata os homens com amor. "Como um Cordeiro innocente Elle foi levado ao sacrificio, não abrindo a sua bocca". Mas tambem o dia mais assombroso do anno lithurgico não fica sem raio de luz, de esperanza. A Igreja sabe que tudo aquillo é somente um caminho para o fim mais elevado. Não devia Christo padecer tudo isso, para assim entrar na sua gloria? Portanto é uma psychologia incomparavelmente fina que a Igreja

começa o culto da Sexta-feira santa com uma palavra consoladora de Deus: "Eis o que disse o Senhor: Na sua afflicção dar-se-hão pressa em recorrer a mim. Vindes, dirão elles, e convertamo-nos ao Senhor; porque Elle nos castigou, e Elle mesmo nos livrará: feriu nos ha de curar. Depois de dois dias nos dar a vida, ao terceiro dia resuscitar-nos-há e viveremos perante sua face".

Assim encontramos a Deus, o Senhor, na manhã, da Paixão, para revelar-nos pela sua palavra consoladora os seus designios e mysterios. Deste modo o nosso coração é confortado, para não ficarmos sem esperança pela narração da Paixão, como no-la conta S. João, o discipulo predilecto de Jesus. Certamente sacudir-nos-ha terrivelmente o "Crucifige eum" — crucifigae-o", que os judeus gritaram ao Senhor da vida como resposta dos beneficios recebidos e tal brado odioso ainda não emudeceu neste mundo. Mas não mostra o Senhor ainda agora, que odeia o mal, porem, ama os máos? Emquanto a primeira lição, já mencionada, indicou que chegou o seu juizo para Israel, ouvimos no cantigo seguinte do "tractus", como Christo manifesta a sua gloria judicial, sendo um terror para os peccadores e uma gloria para os justos: "Senhor ouvi a vossa palavra e tive medo; meditei as vossas obras e fiquei maravilhado. Entre dois animaes Vos manifestareis". Não se manifestou Elle na Cruz entre dois criminosos, os quaes conforme o sentir dos santos padres são symbolisados pelos dois animais assignalados a um que foi de bôa vontade (hoje ainda estarás commigo no paraíso) para a salvação, e ao escarnecedor para o proprio juizo? Que contraste, bradador aos céos, se nos mostraria considerando o procedimento daquelles homens que julgaram a Jesus conforme as leis romanas e judaicas, então vigentes, como lá os principios mais fundamentaes foram desprezados, sem falar do sentimento de compaixão e de misericordia! Para provar isso falta-nos agora o tempo.

A segunda parte principal do officio da Sexta-feira santa revela mais clara e evidentemente á nossa alma o encontro entre Deus e os homens: "Ecce, lignum Crucis" — "Eis o lenho da Cruz, do qual pendeu s salvação do mundo", assim clama o Senhor pela sua Igreja a nós. Isso nos lembra vivamente a palavra do Introito da Quinta-feira santa: "A nós convem gloriar-mo-nos na Cruz de N. S. Jesus Christo em que está a nossa salvação, vida e resurreição". Comprehendemos agora o mysterio da Cruz como um symbolo de victoria, e estamos aos pés da Cruz como o centurião, commovidos por todos aquelles milagres que se passaram na morte do Senhor. Por isso respondemos a Deus "Venite, adoremos" — "Vinde, adoremos". E agora segue uma das acções mais emocionantes de toda a lithurgia: Deus, o Senhor, lembra, a nós, seu povo, os seus beneficios nos improperios, nas

accusações, nas interrogações do Messias ao genero humano: "Povo meu, que te fiz Eu? em que te contristei? Responde-me. Por te haver tirado da terra do Egypto, preparaste uma Cruz para o teu Salvador? Porque durante quarenta annos te conduzi pelo deserto e te alimentei com maná, e te introduzi em uma terra excellente, preparaste uma Cruz para o teu Salvador? Qual vinha especiosissima te plantei, e tu para mim te converteste em excessiva amargura, pois na minha sêde me deste a beber vinagre, com uma lança atravessaste o lado do teu Salvador. Por tua causa flagellei o Egypto em seus primogenitos; e tu aos açoites me entregaste. Tirei-te do Egypto, submergindo Pharaó no Mar Vermelho; e tu entregaste-me aos principes dos sacerdotes. Abri o mar á tua passagem. E tu abriste-me o lado. Caminhei deante de ti, qual columna luminosa. E tu levaste-me ao pretorio de Pilatos. Alimentei-te com o maná do deserto. E tu feriste-me com bofetadas e açoites. Fiz brotar da pedra agua de salvação para te saciar. E tu com fel e vinagre me abeberaste. Por tua causa feri os reis de Chanaán. E tu com uma canna feriste minha cabeça. Dei-te um sceptro real. E tu puseste-me na cabeça uma corôa de espinhos. Exaltei-te a um grande poder. E tu suspendeste-me ao patibulo da Cruz. Meu povo, que te fiz eu? Responde-me!"

Que attitude devemos tomar perante o Senhor num momento tão tragico, que devemos responder? A Igreja achou em sua lithurgia a melhor resposta! Em silencio beijamos a Cruz. Este não é um osculo como o do trahidor, mas um osculo cheio de veneração e quasi com medo, porque ainda resoam nos ouvidos aquelles improperios, e em silencio, como é conveniente. Como Moysés perante o Senhor na sarça ardente, tiramos as sandalias dos pés. Confessando em união com a Igreja a nossa culpa e a nossa humildade e adorando o designio de Deus, podemos tambem já gozar antecipadamente a alegria da Ressurreição. Pois na exaltação da Cruz sobre o altar, a Igreja canta no meio de tanto luto o hymno magnifico: "Adoramos, ó Senhor, Vossa Cruz, celebramos e glorificamos Vossa Ressurreição, porque foi pelo lenho da Cruz que a alegria appareceu no mundo!"

Depois duma breve Communhão a acção da Sexta-feira santa termina. As trevas na Vespera formam uma transição finamente psychologica para a lithurgia, bem diversa do Sabbado Santo. A santa esperanza, com que entramos no templo de Deus, ao Sabbado Santo, desperta sentimentos em tudo especiaes. As trevas do dia passado falam já sempre de paz, de solução, que não significa morte mas vida nova. "In pace inidipsum dormiam et requiescam".

Estou em paz; mas o nosso coração não permanece quieto nesta noite, que passa da Sexta-feira santa dolorosa ao Sabbado Santo.

Os nossos pensamentos foram dirigidos para a tragedia gigantesca do genero humano, vemos as perspectivas profundas de culpa, peccado e morte, de confiança, graça e redempção. A luz chegou ao mundo para illuminar cada homem, mas os homens extinguiram-na no seu proprio sangue. O Verbo se fez carne, habitou e falou entre os homens. Estes homens, porém, queriam fazer calar o Verbo eterno. Os homens, que elle queria resgatar e salvar que Elle amava tão infinitamente, escarneceram-no na Cruz, dizendo que se devia ajudar a si mesmo. Não se perdeu ahi toda a esperanza? Quem pensou que raiasse novamente o dia depois da noite da Sexta-feira santa? Com as mãos pregadas, como poderia ainda abençoar e remir? Com os pés ligados, como ainda procurar o que se perdeu? Com os labios mortos como ainda pronunciar palavras de vida? Como poder-se-ia esperar luz onde era noite escura? Assim uma melancolia ansiosa reinava na Vespera e na noite da primeira Sexta-feira santa. Os discipulos fieis estavam ainda em trevas: noite escura se estendia em suas almas, tudo era sombrio e aterrador.

Com uma fineza inimitavel e com uma clareza acertada a Igreja exprimiu a escuridão silenciosa na sua lithurgia; sinos mudos estão dependurados nas torres, um silencio sepulchral enche os templos com os seus altares vasio. Escuro é tudo, nenhuma luz rasga o recinto silencioso, mesmo a lampada eterna foi extincta. — Oxalá! Na madrugada do Sabbado Santo é tudo mudado subitamente. Não ha mais nenhum momento tragico, os contrastes se dissolveram, as trevas foram vencidas pela luz de Christo! Nenhum dos homens pode fugir da luz, ainda muito menos resistir. A nova vida, o Ser Divino, o Christo glorificado vêm novamente aos homens, mas como elles O recebem hoje? Em santa esperanza! “Sicut cervus ad fontes aquarum” — Como o cervo suspira pelos mananciaes das aguas. Hoje, no Sabbado Santo, tudo é afastado da lithurgia, que poderia lembrar de qualquer modo a grande palavra: “A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a comprehenderam.” Ao contrario, desde o levantar do sol um sopro de paz se faz sentir a luz é recebida com alegria, e ella deu a todos, que receberam, a graça de serem filhos de Deus.

A Igreja deve-nos apresentar o facto divino, o ser e agir internos e vivos de Deus numa forma sensivel, o que ella faz na imagem symbolica da luz. Esta é então um symbolismo immensamente emocionante, lembrando aquillo que se passou nas almas da humanidade resgatada que tem agora uma resposta para a luz de Christo no momento em que a Igreja leva o fogo bento, na madrugada, para o templo escuro, quando o diacono acende as luzes, exclamando com alegria “Lumen Christi” — “A luz de Christo” — “Graças a Deus”, — e quando depois o jubilo do “Exsultet” resôa nos corações,

que dilatados entôam louvores á maior obra de Deus. Como nada comprehendemos do milagre da glorificação, que se realizou tambem em nossa alma por occasião do baptismo e que se deve aprofundar no Sabbado Santo, a Igreja no-lo manifesta nos canticos depois das prophcias. Ali a Igreja assume a palavra de Moysés: "Céos, escutae o que eu disser; e que a terra ouça as palavras da minha bocca. — Que as minhas palavras sejam anciosamente esperadas, como a chuva para os campos, que penetrem nos corações como o orvalho na terra. — Como a neblina sobre a relva e como a neve sobre a erva; porque invocarei o nome do Senhor. — Glorificaes o nosso Deus; porque suas obras são perfectas e justos seus caminhos".

Commovidos pelo desejo vivo de participar desta transfiguração de Christo pronunciamos o sentir do nosso coração com o psalmista: "Minha alma tem sêde do Deus forte, vivo; quando irei eu e apparecerei ante a face de Deus!" E a Igreja sanctifica estas nossas aspirações pela oração; "O' Deus omnipotente e eterno, olhae benigno para a piedade do vosso povo que vae renascer, e que, semelhante ao cervo sequioso, suspira pela fonte das vossas aguas; concedei-lhe, propicio, que pelo mysterio do baptismo, esta sêde pelo dom da fé, lhe sanctifique a alma e o corpo".

O Senhor, presentindo que não nos conservariamos fieis ao baptismo e a vida divina em nós difundida pela graça, admoesta-nos por meio da palavra do apostolo: "Irmãos: Si já resuscitastes com Christo, procurae as cousas que são lá do alto, onde o Christo está assentado á direita de Deus.

Aspirae as cousas do céo e não as da terra. Porque estaes mortos e a vossa vida está occulta com o Christo, em Deus. Quando Christo, que é vossa vida, apparecer, então apparecereis com Elle na gloria".

Como devemos nós, homens, responder em taes encontros com o Verbo Divino? Julgando impropria qualquer palavra da nossa bocca, a Igreja procura a sua resposta nas melodias celestiaes, cantando "Alleluia". Tres vezes ella o repete, receiando que poderia ser mal entendido ou não bastante estimado. O Alleluia é a unica palavra que nós homens podemos balbuciar perante a divina majestade depois de seus milagres. A Igreja não pode terminar e confirmar um tal encontro entre o amor divino e a vontade humana, senão pelo mysterio do sacrificio sacrosanto. Pois só este acto sacrificante dá o cumprimento e a perfeição a todos acontecimentos anteriores e realiza entologicamente, o que a lithurgia tinha preparado em nós por todas as suas acções symbolicas. Por conseguinte a expressão mais sublime que se pode imaginar, do encontro de Deus e do homem é dada na santa Missa, que nos apresenta, realmente o Deus-Homem na sua gloria.

O encontro da divina majestade que é simultaneamente amor divino communicativo, em super-abundancia, com a humanidade peccaminosa, é uma ideia, que aponta a riqueza lithurgica da Semana Santa e a que prestamos hoje a nossa attenção. Mas Deus e a humanidade peccaminosa formam um antagonismo do qual o mundo moderno não póde fugir. E o papel da Igreja é transformar a vida peccaminosa em vida divina. Por isso o mysterio lhe foi confiado, ou, melhor dito, o Senhor mesmo como mysterio vivo está nella eternamente presente e operando. Christo é o ser vivo, que sempre opera no corpo da Igreja, que sempre nasce num perpetuo Hoje, que sempre sacrifica num perpetuo Hoje, que sempre glorifica num perpetuo Hoje. As minhas palavras tiveram até agora o fim de explicar o melhor possivel, a celebração lithurgica da Semana Santa, como é praticada em nossos templos. Mas vos estamos obrigados a realizar particularmente na vida pratica por uma decisão generosa, o que participamos da decisão eterna de Deus. Portanto a Igreja reza: "Faça assim, pedimos que vossos mysterios se realizem em nós, para podermos perceber verdadeiramente aquillo que celebramos agora sob o véu."

Christo, a cabeça do genero humano, morreu como a semente na terra, deixando na morte o corpo da carne peccaminosa que foi ligado pelas leis limitadas do espaço e do tempo. Elle surgiu novamente num ser glorificado, livre dos vinculos do espaço e do tempo, para se incorporar á humanidade, em nova forma de existencia, como nova creatura. Pela regeneração "ex aqua et Spiritu Sancto", pelo mysterio do santo baptismo, Elle communica esse seu Espirito aos seus membros. S. Paulo manifesta-nos as ideias divinas sobre o fim da humanidade, a saber, que ella seja "Christi corpus mysticum". Os antigos Padres nos ensinam que a alma humana é "christiana" conforme a sua natureza, isto é que ella contem em si o espirito e a vida de Christo e, que ella é transformada por Christo. Portanto podemos affirmar tambem sem ousadia: "Societas naturaliter christiana" o genero humano foi creado e educado — a antiguidade foi a educadora da humanidade para Christo — para achar a sua perfeição pela união com o ser e viver de Christo. Foi designio da divina providencia, que a humanidade não passasse a sua existencia como simples humanidade natural, mas como humanidade, unvida pelo ser divino, como christandade! A vida, o esse foi dado na existencia glorificada de Christo no Sabbado Santo. Este ser glorificado devia ser o fermento, penetrando e regenerando o mundo. Esta evolução não se fez sem desvios. Apesar da unidade e da igualdade do principio vital productivo do espirito e da vida divinas, os seus effeitos externos são muitissimo variados. E' impossivel enumera-los todos aqui, mas quero fazer, pelo menos uma

advertencia a este respeito. A ideia medieval do mundo parece-nos ser um cosmos, encontrado em cada ser vestigio e imagem de Deus.

Os homens da Idade Media encontraram em toda a natureza as relações que conduziam a perfeição da esphera sobrenatural e ultimamente da encarnação de Christo e da transformação por Christo. Viviam a sua vida em Deus, organizaram os seus estados em Deus, edificaram as suas cathedras em Deus, cantaram os seus canticos em Deus. Este cosmos foi destruido. Suirgu um novo ideal da vida: o humanismo que annunciou a renovação dos homens pelo desenvolvimento da sua propria vida. Humanidade devia ser desenvolvida, como a palavra "humanismo" o exprime com precisão. Esta orientação não queria mais saber nada da divindade, duma força que é o principio de toda a vida, isto é, da religião. O direito do individuo foi exaggerado pela autonomia da razão. Todas aquellas instituições, em que a vida humana estava collocada até então, foram conquistados pelo espirito do humanismo, e em seguida sujeito e objecto, razão e revelação, natural e sobrenatural, Igreja e Estado perderam o seu connexo e foram separados. E sendo isolados e individualizados, as cousas do mundo como a economia a politica, a sciencia e a arte ganharam a sua soberania. Estes ramos da cultura humana foram declarados absolutos e por conseguinte não admittiram mais na sua evolução o veto duma hierarchia religiosa. Dissolução e chãos foi a consequencia e o fim duma cultura, que queria destruir as relações, postas por Deus, entre sujeito e objecto, pensar e querer, natureza e graça, cultura e religião, e afasta-las pela separação absoluta da ordem theocentrica.

Se for verdade que a humanidade deve representar o "Corpus Christi mysticum" — e isso é afiançado pela palavra de Deus mesmo — então uma perfeição puramente humana, humanistica será impossivel, porque cada creatura deve corresponder a ideia do Creador.

Deste modo o corpo do genero humano definhou cada vez mais e enfim tornou-se quasi morto, porque os seculos passados desprezaram a sua melhor parte, o seu principio intrinseco e vital da vida de Christo, que foi dado aos homens pela bondade de Deus. Um corpo sem alma dissolve-se em atomos, talvez se possa conservar ainda por alguns tempo sua forma externa, por um embalsamamento cuidadoso. Embora vejamos hoje em dia a atomização da toda a nossa sociedade, não examinamos seriamente, como poderíamos vivifica-la. Existe somente um meio, isto é, que não devemos atraiçoar o Senhor, que se nos offerece nos seus mysterios, que não devemos illudir a Jesus Christo na sua paixão e na sua Cruz, mas que devemos aspirar unicamente como o cervo pelas mananciaes da regeneração pela lithurgia baptismal que nos com-

municará nova vida divina. Só assim o Espírito de Deus vivificará novamente os membros mortos, só assim, animados pelo mesmo Espírito, elles se acham a si mesmos, só assim o amor e a vida divinas se entregarão com confiança aos homens, promptos e dedicados, para formar delles um novo corpo de Christo!

Existe uma união mystica entre a vida religiosa e profana. O Divino que vive na Igreja de Christo não suspende a base natural das nossas acções no mundo; mas só aquellas obras teem verdadeira importancia que são fundadas sob o fundamento santo. Os representantes da autonomia do mundo e da sua cultura crêem, que possam renunciar ao templo e deixar de lado o mysterio, imbuidos pela imaginação de poder operar a salvação pelas proprias forças. Ou elles se dirigem somente com a metade do seu coração ao templo, não se deixando mais penetrar completamente pela força que ali se propaga. Portanto não são mais bastante fortes para encher as regiões do mundo, em que foram collocados pela sua profissão, com o espirito e a vida de Christo. A renovação lithurgica pode e quer ajudar justamente a esses homens. Ella pode ser-lhes novamente a fonte verdadeira e abundante de vida, cousa que ella deve ser conforme a vontade da Igreja. A lithurgia com o seu mysterio deve ser a força directiva do mundo hodierno. No individuo tudo se torna facilmente estreito e misero, na vida da Igreja, porém, e nos seus mysterios, no serviço da sua communhão e do seu factor sacramental, real e objectivo onde o unico Christo vive invisivelmente em toda a parte, ali torna-se tudo largo e universal, disciplinado e dirigido ao fim total. E as linhas que passam da Cruz glorificada pelo mundo e que se fecham em cada celebração do mysterio, ficam visiveis e são o nosso pharol no labyrintho do mundo. Desejemos então que a Igreja como mãe abençoada e vivificadora como primogenita de toda a creatura, como seio de Deus, incorpore outra vez a humanidade, assimilando a todos quantos fôrem de boa vontade e communicando-lhes pelo mysterio a salvação de Deus. Não poderia exprimir este desejo de melhor modo do que a Igreja, cheia de Espírito Santo, o fez e nos manda reza-lo nestes dias: "O' Deus, poder immutavel e luz eterna, dignae-Vos olhar benignamente para as maravilhas da vossa Igreja, e pelo effeito da vossa providencia completae em paz a obra da salvação do genero humano, para que veja e experimente todo o mundo, que está erguido o que estava abatido, renovado o que estava envelhecido, e tudo foi restabelecido na sua primitiva integridade por Aquelle que, de tudo é o principio: Nosso Senhor Jesus Christo, vosso Filho, que comvosco vive e reina por todos os seculos dos seculos. Amen.

# **CORDILHEIRA DE NUVENS**

**UBYRATAN LUIS VALMONT**

A vida se crystaliza num rythmo que se accelera,  
sua vibração mais rapida diminue de amplitude,  
tudo se immobiliza, tudo se acalma  
sentindo o fim que vae chegar.

Erguendo para o alto o olhar  
vibra e exulta novamente a vida  
na cordilheira de vapores,  
nas nuvens.

Ao fogo, ao ardor do sol rebrilham pedrarias,  
laivos rubros sangram e scintilam.

O crepitar da forja aerea  
pelos ares atira  
brutas manadas de mamutes  
rebanhos rudes de saurios e megatherios

Deslizam em multidões ameaçando a terra  
monstros e mais monstros  
e num repente  
em cahotico tropel  
precipitam-se uivando pela atmospheria afora  
a destruir e anniquilar  
tudo o que ha fossilizado,  
ateando o incendio,  
fundindo o globo em novas lavas  
para lança-lo no molde  
da nova vida que vae principiar !

# Santo Antonio e a Eucharistia

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

I

## A EPOCA DA APPARIÇÃO DE SANTO ANTONIO

E' guerra a vida do homem neste mundo — diz a Divina Sabedoria. E, se verdade é isso tratando-se de christãos, mais verdade ainda é si se trata da Igreja de Deus.

Aqui se deve mostra-lo, falando-se na hora do mundo em que apparece a soberba figura de grande portuguez e grande catholico que foi Santo Antonio de Lisboa e Padua.

Não levando em conta o doloroso schisma que no seculo XI, por obra de Miguel Cerulário, continuando o espirito de Phocio, dividiu a Christandade européa, pululavam na Europa, na epoca do nascimento e vida de Santo Antonio, as mais absurdas theorias, as mais confusas heresias, umas devidas a invasão das idéas orientaes, outras derivadas do extraordinario desejo de espiritualização que foi um dos mais notaveis caracteristicos da Idade Media, epoca em que o homem mais pensou, mais sonhou e mais se elevou a Deus na ansia incontida de perfeição intellectual e moral.

Por mais de leve que se comparem as duas phases do mundo, isto é, a da vida de Sto. Antonio e a contemporanea, — apesar de todo o desvario que vae actualmente pelo mundo, está longe a nossa idade de altear-se á elevação daquella pela perfeição do mal. Realmente, ao passo que o character das heresias daquelle tempo era, ainda no seu erro, cheio de uma certa attracção pelo misticismo de que vinham coroadas, os erros de hoje são a coisa mais chata, mais inexpressiva, mais destituída da belleza relativa que lhe permite a defficiencia da integridade de forma de que necessitaria para obter uma adhesão apaixonada. Indifferentismo e atheismo absoluto, eis ahi o que existe hodiernamente.

Ora, o indifferentismo não é attitudo perante os grandes problemas do homem e do destino; o indifferentismo é um cadaver em vida, é o homem sem coragem de affirmar alguma coisa, sem animo de por em si a marca pela qual se distingue o *sim* do *não*, o ser do não ser.

Muito mais logico é o atheismo, principalmente porque é attitude perante o ser e o vir-a-ser. Negar a Deus é negar todos os valores espirituaes, todo o bem moral, todo o problema do destino. Ha ahi alguma coisa, comquanto se reduza ao nada.

As heresias medievaes procediam de um especulativismo exaggerado, um extremado fanatismo da razão e uma extraordinaria exaltação espiritualista. Assim desfilavam as figuras de Arnaldo de Brescia, Tranquilino, de Antuerpia, Eon, da Estrella, Pedro de Bruys, o terrivel e logico derrubador de templos, altares, e que, tendo derribado a machadadas um cruzeiro com cujas lascas preparou uma fogueira, foi pelo povo irado, precipitado nella, ahi deixando a vida; Henrique de Lausania, o fanatisador do povo; Gerardo Segarélli, fundador dos "irmãos apostolos" que, oppondo-se ao natural progresso exterior da Igreja, desejava, como dizia, restaurar a simplicidade da vida apostolica, e acabou caindo em erros espiritualistas e pantheistas; Frei Dulcino que, continuando a obra heretica de Segarélli, foi com Margarida, sua irmã de seita, levado ao supplicio ultimo, por ter mais tarde empregado armas para impor a sua heresia; Alarico de Chartres é outro que, ensinando ser Deus materia prima de tudo, confundiu virtude e vicio, caindo nos maiores excessos; os irmãos e irmãs do Livre Espirito, pantheistas e antinomistas, dão a irmã Guilhermina da Bohemia que, antecedendo os espiritas dos nossos dias, se julga o Espirito Santo incarnado; por fim, á margem do rio Wésér, o povo de Steding adopta uma heresia collectiva, revolta-se contra o seu arcebispo, chacina ecclesiasticos. E apparecem tambem os *passagios*, herejes judaizantes.

Espiando todas essas desordens nos meios christãos, pode-se dizer que já portas a dentro da Europa, estava a terrivel bandeira do Islam, o novo Attila, que não fossem as Cruzadas cujo alcance nem sempre é reconhecido pelos criticoides inimigos da Igreja Catholica, dominaria, com o seu poder feroz e barbaro, toda a Europa, tal era o fanatismo anti-christão e imperialista que a dominava.

Eis, porém, que, vigorando ainda em grande parte a malicia dessas seitas que nomeámos, surge no meio da Christandade uma terrivel corrente sectaria, a dos albigenses, nome derivado da cidade francesa de Alby, seita essa que, adoptando todos os erros dos gnósticos, rejeitava tudo quanto o Christianismo tem de mais sagrado, renegando em summa, totalmente, a Igreja de Deus. Era a renovação ou a solidificação das loucuras dos cátaros que não acceitavam a Santissima Trindade, nem a criação nem o peccado original, nem a incarnação, nem a Redempção, e pretendiam restabelecer (como ainda hoje os herejes, de todos os protestantismos) o Christianismo na sua pureza primitiva... Para elles, a Eu-

charistia veio a significar apenas pão bento; o baptismo, perdendo a materia agua, passou a ser um simples simbolismo que pagava todas as faltas sem necessidade de contricção. Não comiam absolutamente carne. E ai daquelle que comesse! Pois perdia o effeito da santificação communicada pelo seu baptismo (*consolamentum*). Levava aos maiores absurdos o temor de perder os sagrados effeitos do *consolamentum*, visto que, após a cerimonia, alguns dos que se lhe submettiam, receados de virem a faltar ao preceito da abstinencia imposta, se suicidavam lentamente pela recusa de todo alimento, quando não eram obrigados a isso pelos paes ou parentes, dado que faltos de coragem.

Vê-se, dahi, o misticismo medieval, capaz de pavorosos sacrificios, aproveitado pelo fanatismo dos heresiarchas que, com essas mentidas austeridades, pretendiam estar restaurando a antiga austeridade da fé christã.

Ainda mais: condemnavam o casamento, prohibiam a matança de qualquer animal, apartavam-se de toda gente profana, recusavam fazer guerra, dedicavam-se a jejuns rigorosissimos os que em seu meio se chamavam "perfeitos", entretanto que os "menos perfeitos" tinham certas liberdades.

Terriveis no erro, propagavam-no de maneira digna dos maiores santos ao defenderem a causa de Deus e da Igreja. Toda a Provença e o Languedoc estremeciam sob o guante do seu dominio fanatico e barbaro, a ponto de dizer o papa Innocencio III que eram os Albigenses, irmãos dos cátaros, mais temiveis para a Igreja do que os proprios sarracenos.

Sangrava portanto a Igreja das feridas abertas dentro do seu proprio seio, ao mesmo tempo que, lá de fora, com o poderio dos seus milhões de crentes selvagens que tudo fariam e já fizeram por Allah e seu propheta Mahomet, se debruçava cubiçosa ás bordas da Europa a hoste aguerrida e cruel dos Turcos e Mongóes. Contra estes, haviam-se arremessado legiões apaixonadas de fieis servidores da Cruz, todavia sempre com resultados mediocres, havendo além disso vergonhosas trahições da parte dalguns chefes e monarchas christãos, como no caso tristissimo do hypocrita Frederico III.

Não abandona Deus, porém, a sua Igreja ás torturas da provação, lembrado que sempre está da promessa feita de que contra ella não prevalecerão as portas do inferno. "Emprehendeu-se uma cruzada (diz G. Beleze, *Petite Histoire Ecclesiastique*, Paris, Delalain, 1896), emprehendeu-se uma cruzada contra os Albigenses, não somente por serem herejes obstinados, senão tambem porque perturbavam a sociedade e lhe violavam abertamente as leis" (Vide tambem Dr. H. Bruck, *Histoire de l'Eglise*, vol. II § 146, que dá fertil texto e bibliographia). Foram vencidos, restando comtudo alguma raiz do mal. Quanto aos Mahometanos, estavam immobilizados

ao pé da Europa, graças as repetidas cruzadas que accudiam na porfia de conquistar o Santo Sepulchro.

Como iamoz dizendo, não abandona Deus a sua Igreja. Com effeito, é nestes tempos calamitosos que surge na Italia a figura providencial do Pobrezinho de Assis, o qual, com a sua mansidão, havia de fazer mais pela Igreja que todo o poder das armas dos reis christãos, e na Hespanha São Domingos, fundador, o primeiro, da Ordem dos Frades Menores, o segundo da Ordem dos Irmãos Pregadores, ambas dedicadas á reforma dos costumes christãos e a conversão dos herejes e dos mouros.

Chegamos, então, a era da apparição de Santo Antonio que, nascido em Lisbôa, que de tal filho tanto se orgulha, foi a maior gloria da Italia depois daquelle angelico Francisco de Assis que da nobre Peninsula catholica é o primeiro poeta e o maior santo.

## II

### ORIGENS E OBRAS DE SANTO ANTONIO

Talvez como argumento da devoção que havia de dedicar mais tarde á Virgem Santissima, nasceu o nosso Santo Antonio aos 15 de Agosto do anno de 1195, dia da Assumpção de Nossa Senhora, vivendo o mundo as tragedias que atraz nomeei.

Foram seus paes Martim de Bulhões e Dona Theresa Taveira, ambos nobres portuguezes. O pae, ao que parece descendente de Godofredo de Bulhões primeiro rei que foi de Jerusalem, como que a indicar que a virtude de Antonio haveria de vencer a moirama que se apossava do lugar santo das patrias christãs; a mãe, provavelmente filha dos Taveiras, que tinha por ascendente a el-rei Affonso o Casto, como apontando em que virtude havia de exceder o futuro santo.

E interessa-nos igualmente, por sermos brasileiros, consultar as armas de seus paes: de facto, o que sobressae no campo das armas dos Bulhões é uma cruz vermelha, emquanto nas armas maternas está meio leão de ouro, mostrando que pela applicação que se lhe fez e elle pela sua cooperação valorizou do rubro sangue da Redempção derramado por elle como por todos nós na Cruz, por isso se fez leão na Fé e na Caridade.

Mas, porque hei-de eu lembrar aqui a nobreza de Santo Antonio, se "não são totalmente necessarios os altos nascimentos para ter valorosos commetimentos" (Vieira)? E' que, se ao berço humilde ninguem lhe pede grandes obras, aos nobres entretanto não se pedem, exigem-se. E não fica mal que a Santo Antonio se lhe exijam grandes obras, porque elle as dá maiores do que lhe cobram.

Diziamos acima que, por brasileiros que somos, devíamos recordar as armas de Santo Antonio; e é razão disso ter Santo Antonio por armas a Cruz e ser essa também as armas do Brasil de quem é gloria o nosso Santo, porque toda gloria lusitania de antes de 1822 pertence também a nós, por direito de herança. E, reivindicando essa gloria, cumpre ademais trazer a lembrança que o nome de Fernando, que lhe foi o de baptismo e de que usou no seculo é ainda depois de conego regrante, elle o mudou para Frei Antonio da VERA CRUZ, que também é o nome do nosso Paiz.

Baptizado, pois, o nosso Santo, crescia elle em virtude e sabedoria, as quaes nelle andaram sempre a par. Como digno filho de verdadeira familia christã, desde que começou a murmurar as primeiras palavras, aprendeu a conhecer a Deus, e se iniciou na devoção da Virgem, o que denota uma predestinação. Ouçamos a respeito a palavra do historiador:

“Primeiro soube pronunciar o nome de Nossa Senhora, que outro algum; primeiro rezar-lhe a Ave-Maria, que pronunciar com distincção o nome de seu pae ou de sua mãe. Delle se conta, que todas as vezes que era levado a Sé, e posto diante de alguma imagem da Mãe de Deus, assim a festejava dos braços da ama, assim pregava nella os olhos, como se já entendera, que por toda a vida lhe havia de ser advogado e protectora. Nos seus sabbados não aquietava, nem era possivel tomar o peito sem primeiro o levarem diante do seu altar; o que já a mãe ordenava, que fizessem, por escusar as lagrimas com que o pretendiam” (V. “Glorias de Sete Seculos”, Tip. da Cia. Nac. Editora, Lisboa, 1895).

Mais ainda: “E’ tradição que o Santo, quando menino, conversava com a imagem de Nossa Senhora da Assumpção que se venera na Sé de Lisbôa” (ibid., Notas). Foi especial devoto da Conceição Immaculada e da Assumpção de Nossa Senhora.

E, como a devoção a Nossa Senhora, leva necessariamente a imitar-lhe as virtudes e, sem duvida, em Maria Santissima a primeira é a divina pureza e a privilegiada virgindade, não tardou que o amoroso Fernandinho, apoiado na sua grande generosidade para com Aquella que tão maternalmente o tomara comsigo na manhã de sua vida, — attingidos os 15 annos da praxe, ingressou no convento de São Vicente de Fóra, dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho.

Ali, ao lado dos mestres da virtude e da sciencia, cresceu ainda mais na virtude e no saber, dedicando-se especialmente ás Escripturas Sacras, como quem, amando tanto a Deus, não podia deixar de conhecer-lhe e meditar-lhe as palavras. E tão conhecidas e meditadas as trouxe que se lhe ficaram decór, com grande pasmo da gente que não comprehendia em tão poucos annos tanta sabedoria e erudição.

Semelharam-no mais tarde aquelle objecto sagrado dos judeus, em que se traziam guardadas as taboas da lei, dando-lhe o cognome de Arca do Testamento, como na verdade lhe adequava.

Estou vendo, porém, que, sendo meu thema SANTO ANTONIO E A EUCHARISTIA, até aqui não toquei na segunda parte do meu assumpto. E' que cumpre, antes de mais nada, apresentar Santo Antonio tal qual a Eucharistia o fez, tanto mais quanto é de merecer adhesão daquillo que diz o Padre Vieira, a saber: que "nas festas dos santos é melhor pregar om elles, que pregar delles". E eu já tenho cá materia para cregar com Santo Antonio.

Primeiro, realçando o ensino que desde pequenino lhe deu sua mãe, isto é, apontando-lhe a Virgem, levando-o á igreja, fazendo-o rezar. E nisto preciso dirigir-me ás mães que descuidam de dar as primeiras noções religiosa, ao menos, aos filhinhos, ou, mais crecidinhos que estejam, viciando-os com divertimentos indignos ou perigosos, como seja o cinema que por aqui anda até como presente a boas acções (para ir aprender as más!).

Segundo, louvando a attitudo dos paes de Fernandinho, o futuro Santo Antonio, que, ao verem demonstrar o filho vocação religiosa, o não atravancaram com uma porção de lamurias e impedimentos sentimentaes e, peor ainda, asnaticos e pagãos, para que se desviasse da rota que houvera de seguir a chamado de Deus.

Dois exemplos, assim, já colhemos na vida de Santo Antonio para duas attitudes perante a vida moderna: Agir conforme com a necessidade de ensino religioso na familia brasileira, que, sem elle, se vae desarticulando e desmoralizando. E aqui é occasião para affirmarmos contra todos os herejes e impios anti-nacionaes que O BRASIL BRASILEIRO E PORTANTO CATHOLICO QUER O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PUBLICAS QUE ELLE SUSTENTA, E NÃO PERMITTIRÁ O ESBULHO RECLAMADO PELOS INIMIGOS DA PATRIA. Mais: O BRASIL PRECISA DE PADRES; os paes não têm direito de, em nome de interesses subalternos e puramente naturaes, aniquillar todas as vocações que surdem aqui como em todo o mundo.

\*  
\* \*

Em São Vicente, sentindo-se Fernando roubado, por seus velhos amigos e parentes, do recolhimento que buscara, determinou passar-se para o convento de Santa-Cruz, em Coimbra, e foi ali estando que se lhe apresentaram as reliquias dos Martyres franciscanos de Marrocos, cuja vista ascendeu nelle o desejo de tambem ir offerecer-se ao martyrio. Não esperan-

do que tal pudesse acontecer-lhe se ficasse entre os Agostinhos, dilligenciou por passar-se para os pobrezinhas de São Francisco, o que fez com grande dor dos conegos que lastimavam perder aquelle santo irmão. Consta que isso se deu após a apparição do Santo de Assis a elle. Mas disto não ha perfeita certeza.

O certo é que Fernando se mudou para a Ordem dos Franciscanos, de quem tanto estimava a pobreza e as obras; e, mudando, tambem trocou de nome que, conforme vimos, veio a ser Frei Antonio da Véra Cruz. Assim como Pedro somente principiou a ser pedra da Igreja depois que Jesus, cometendo-lhe a funcção, lhe demudou em correspondencia o nome, igualmente as magnas obras publicas se lhe começaram quando com o nome deixou a Ordem na qual primeiro estivera, e a Patria. Então é que se vae revelar o milagroso pregador, o Martello das Heresias, o terror dos herejes.

Nunca a Idade Media ouvira pregador assim. Não ha peccador que se não converta ao ouvir-lhe as predicas. Por todo modo tentam os Albigenses desviar o povo de ouvir o fradesinho tão prejudicial aos interesses da seita. E vemo-lo então forçado a obrar o milagre do sermão aos peixes, afim de que o povo trabalhado pelas heresias se resolvesse a vir ouvi-lo, envergonhado de que o fizessem os peixes que não precisavam da palavra da salvação. E assim se inauguraram os seus milagres publicos que, desde ahi, proseguiram numa cadeia intermina que nem com a morte cessaram.

Constituiu-se, por isso, o verdadeiro terror dos Albigenses, pois que de cada sermão que fazia ao ar livre, visto como não podiam os templos conter a immensa massa de povo que lhe acorria a ouvir a palavra, se passavam do erro para a verdade os bem dispostos ouvintes e ainda os mal dispostos.

Dos Albigenses diz um autor que "as suas assembléas nocturnas reuniam tão grandes massas de povo que, por vezes, aos milhares, saqueavam as cidades, profanavam os templos e massacravam os padres", de modo que "a sociedade civil alarmada com as falsas doutrinas pediu ao Pontifice a criação de tribunaes que julgassem os herejes, tribunaes que foram estabelecidos, a pedidos dos soberanos, e que, apenas, eram encarregados de julgar sobre a orthodoxia das doutrinas".

Mais que esses tribunaes fez Santo Antonio; por onde tudo faziam os hereticos para roubar-lhe o povo, como lhes estava elle roubando. E, quando já nada podiam contra elle os herejes que são os demonios do mundo, entraram em artificios contra elles aquelle mesmos do inferno, correspondendo não obstante, a cada cilada que faziam, uma nova victoria do Santo, a qual mais o acreditava perante as multidões.

## III

## SANTO ANTONIO E A EUCHARISTIA

Venhamos ao especial assumpto deste trabalho.

Não podia deixar de ter madrugado no amor á Eucharistia quem madrugara no amor a Virgem; porquanto, quando A amamos, parece nos estar de continuo dizendo: "Vá a Jesus! "Faça tudo o que Elle lhe disser!"; por cuja causa não podia Fernandinho ser todo dedicação a Virgem sem entregar-se absolutamente a seu divino Filho.

Menino ainda, estava elle brincando pelos caminhos floridos da Villa São Manuel, propriedade paterna, quando seu pae o chamou para vigiar umas sementeiras que fizeram, não fossem os passarinhos come-las todas. Estavam perto de uma capellinha, onde se guardava o Pão Santissimo, e o menino fervoroso amante do Sacramento dos sacramentos, e que tinha intenção de ir fazer companhia a seu Jesus, vendo-se de chofre privado de ir ter com Elle, pediu a Nosso Senhor que mandasse aos Anjos dar remedio ao caso. Feito o pedido, sae confiante da capella e, abrindo uma das janellas do palacio, dá ordem aos pardaes destruidores que esvoaçavam cubiçando as sementeiras para que entrassem pela janella aberta e lá se considerassem prisioneiros até que voltasse elle da visita que ia fazer ao Prisioneiro do Altar.

Os pardaes obedeceram. Voltando seu pae e não encontrando o filho montando a guarda ordenada, vae lastimar a sementeira e reprehender o Fernandinho, mas o negocio acaba todo em maravilha (V. *Vie de Saint Antoine de Padoue racontée á la jeunesse*, P. V. Facchinetti. Paris, trad. Ph. Mazoyer, 1931, pp. 14,15).

E' esse um milagre de amor á Eucharistia.

E como não haveria de ser todo amor para com a Eucharistia que integra o sacrificio da Missa ou que é o proprio sacrificio aquelle que, pelo serio conhecimento da doutrina que já ia recebendo dos seus mestres, sabia que é ella o acto central do culto na Igreja de Deus?

"No que respeita á gloria de Deus, — diz o cardial Vaughan—no que respeita a gloria de Deus, Santo Thomaz e os theologos ensinam que uma só missa da mais honra á Santissima Trindade que as homenagens reunidas de todos os anjos e santos do Céu. No que respeita á santificação das almas, São Boaventura ensina que Deus dá tantos beneficios ao mundo, a cada missa, quantos deu no momento da Incarnação" (*Le Saint Sacrifice de la Messe*, trad, de Pitteurs, Aubanel Freres, Avignon).

Na sua Vida de Santo Antonio, conta o Padre Facchinetti o seguinte:

“Uma manhã, dom Fernando (conego regrante), retido por um emprego que a obediencia lhe confiara, não pôde ir a missa conventual. Quando o sino do convento o avisou de que era o momento em que o padre elevava a hostia consagrada e o calice que continham o Corpo e o Sangue do Nosso Senhor, soffreu tal transporte que, ajoelhando-se no solo, com os braços estendidos em forma de cruz, offereceu a Deus as adorações mais profundas. E eis que, no mesmo instante, se entreabriram aos seus olhos as paredes da cellula em que se achava e lhe permittiram contemplar as Santas Especies nas mãos do padre”.

“Não é apenas uma narração, pintura ou historia da vida (de Nosso Senhor) que está collocada ante nós no santo Sacrificio (da missa). Esta ali realmente o proprio Homem Deus, com toda a sequencia de sua vida, desde a Incarnação até ao momento presente. E’ primeiro o Sacerdote divino no casto seio de Maria, depois a criança que chora no presepio, o mestre ensinando aos discipulos como se deve rezar, o pastor que se apiáda das multidões sem pastor, o medico a curar a alma da pobre mulher apanhada em flagrante delicto de peccado e consolando toda enfermidade”. São ainda palavras do cardial Vaughan.

Profundo sabedor das Sagradas Letras, eminente conhecedor da tradição sagrada, inigualavel amante de Jesus Sacramentado, não podiam as palavras antoninas, quer derivando pelos caminhos onde proliferavam os Albigenses negadores de tudo, quer missionando pelas suaves terras da Italia, não podiam as palavras antoninas esquecer o assumpto grande por excellencia que é o da Eucharistia. E tão verdade é que andou pregando Eucharistia, que por duas vezes lhe appareceu quem lhe quizesse contestar a Presença Real, tendo elle de tambem por duas vezes fazer o milagre de um bruto dar testemunho della. Cousa é essa de muita maravilha para toda gente, e isso mostrou-o Vieira ao dizer: “Os brutos distinguem-se dos homens, em que os homens governam-se pelo entendimento, e os brutos pelos sentidos. Pois se o Santissimo Sacramento é o mysterio da Fé, como deixa Santo Antonio a prova delle no testemunho de um animal, que governa só pelos sentidos?”

O facto é que assim foi, e por duas vezes, comquanto façam confusão as chronicas antigas. Em Burgos e em Rimini succedeu o milagre.

\* \* \*

Contemos o admiravel prodigio.

Andando Santo Antonio, como cumpria, a missionar no ingrato campo dos Albigenses, deparou-se-lhe um hereje mais obstinado que nenhum delles em negar a cousa mais

sagrada que possuímos na Igreja, qual seja a Real Presença de Nosso Senhor Jesus Christo na Hostia Santa.

Não podia o nosso santo monge supportar que tal se fizesse. Exgotados os argumentos que eram todos vãos onde faltava a Fé que, unica, dá razão de tamanho mysterio, só poderiam vencer em tão ardua peleja os sentidos exteriores.

Cuidava certamente nisso o santo portuguez, quando lhe propõe o negador (inaudita tentação !) o partido de que, se uma mula, deixada sem comida durante trez puxados dias, preferisse adorar o Santissimo Sacramento exposto a ella, em vez de se atirar, faminta que estaria, sobre a cevada que a ella offerencia, só então creria na Presença de Jesus na Hostia.

Tentado dessa maneira pelo impio, achou-se o Frade na contingencia de, em forma igual, tentar a Deus. E foi o que fez. Ouçamos de que maneira no-lo descreve a graça da antiga linguagem:

“Foi assim, que saindo Santo Antonio depois de dizer missa com o Santissimo Sacramento nas mãos em presença de toda a cidade de Bourges, e o hereje com a mula faminta convidada para a cevada, tanto que o Senhor começou a apparecer, o bruto não fazendo caso da fome que o apertava, nem da cevada que se lhe offerencia, se foi lançar aos pés do seu Creador, adorando-o com o gesto e meneios do corpo e cabeça e com a admiração de todos os presentes, que todos a uma voz confessaram o que até ali negava o hereje, sendo elle o primeiro. Mandou para memoria deste milagre lavrar um templo em honra e invocação do Apostolo S. Pedro; e seus descendentes uma capella ali pegada, em que se vê de excellente pintura esta maravilha” (*Glorias de Sete Seculos*, pp. 28-29), igreja essa que ainda existe e é chamada “l’église de Saint Pierre — les Guiald”.

A acção dos Santos não vale pelo portento que faz, senão pela gloria que dá ou inclina os outros a darem a Deus.

Prodigios, tem-nos feitos tambem o demonio, embora com embustes. Prodigios, tem-nos feito muitos magos, por satânico poder, tal aquelle famigerado Simão Mago, que S. Paulo desmascarou. Mas a obra que vem de Deus mostra-se pelos bons effeitos, como este milagre antoniano. Pois dali, se alguém havia que, alem do hereje, assistisse com duvida sobre a presença da Divina Pessoa, ninguem tornou para casa já não dizemos sem fé, senão sem certeza experimental, porquanto, se no extraordinario signal do Paduano a victoria foi da Fé, o argumento foi dos sentidos. E si a Fé não é argumento para quem a não tem dada por Deus, dos sentidos ninguem pode negar a realidade, posto haja quem negue.

Como atraz dizíamos, preferimos pregar com os Santos a isso de pregar dos Santos. Certo! Os Santos pregam com Deus, para Deus; e, uma vez sabido, que é Deus o bem supremo dos homens, o verdadeiro objecto em que afinal se resol-

vem todos os desejos humanos, pregando com Deus e para Deus os Santos pregam a bem dos homens.

Se por absurdo alguém aqui houvesse que não tivesse a Fé absoluta que deve ter todo catholico na Divina Presença na Eucharistia, era o caso de dizer-lhe, portanto, que o conheça com a mula do hereje.

E' a Eucharistia o centro da vida espiritual da Igreja. E' o cumprimento da divina promessa do Emmanuel, o Deus conosco. E' a incompreensivel realização do sacrificio perpetuo que se executa perennemente de sul a norte e de levante a poente.

Muitas provas experimentaes da Presença Divina na Hostia Sacrosanta tem havido em todos os tempos. E, hoje mesmo, no-lo testemunham Lourdes em França tão bem como Fatima em Portugal, etc. . . .

Que não se esqueça, porem, o classico feito do Martelo dos Herejes, que se o operou, não foi apenas a favor dos herejes do seu, mas sim de todos os tempos. E' um dos argumentos (e dos mais valiosos do patrimonio sagrado!) para a defesa perpetua do assombroso milagre permanente e quotidiano dentro da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, o tremendo milagre que, só de promettido, fez fugirem para os judeus de dura cerviz numerosos discipulos de Jesus, exceptuados aquelles que ficaram com Pedro que demonstrou a sua Fé e fidelidade quando o Salvador, vendo os que lhe fugiam dizendo "dura de ouvir" a promessa eucharistica, perguntou a Pedro e outros: "Quereis vós tambem abandonar-Me?", ao que respondeu Pedro: "Aonde iremos, se somente Vós tendes a palavra da vida eterna?"

Mas, não é só isso: outra cousa nos está pregando Santo Antonio, e é que, se cremos no Divino Sacramento e elle nos está seguidamente convidando a nos approximarmos d'Elle, não porque de nós Jesus precise sinão porque d'Elle precisamos as nossas incessantes enfermidades, devemos chegar-nos a Elle o mais frequentemente possivel, afim de que venhamos a alcançar, pela dilatação da vida da graça e real presença em nós communicada pela Real Presença Eucharistica, a vida eterna.

Nem se deve esquecer uma consequencia do crer no Sagrado Coração Eucharistico: é o defende-Lo.

Quem é que, tendo a gloria de possuir um rei terreno, legitimo e real representante de Christo-Rei, não no defende-ria, em toda e qualquer circumstancia, contra a demagogia, o maçonismo politico, a ambição de usurpadores?

Pois não havemos então de defender, já não o legitimo rei humano, mas o legitimo Rei Divino? Se Christo Rei é toda a nossa gloria no Céu e esse mesmo Christo está na terra (Deus Conosco), não havemos de defende-lo contra impios, mações, herejes e bolchevistas de toda especie?

Pois não havemos defender este Rei que, quando O defendemos, nos está defendendo?

Pois não havemos de defender os nossos santuarios contra a mesma profanação que outrora soffreram dos criminosos hollandeses, tal qual nestes ominosos tempos soffreram os santuarios dos infelizes christãos russos, mexicanos e recentemente os espanhoes?

Não, o brasileiro de hoje é e tem de ser o mesmo que fez a campanha contra os herejes hollandezes, francezes e inglezes. E' ainda e ha-de ser, no mundo o maior guarda dos santuarios do Coração Eucharistico de Christo Rei, cobrando animo no exemplo magnifico do Coração glorioso antepassado pela Religião e pela Raça — SANTO ANTONIO DE LISBOA E PADUA, de Lisboa pelo nascimento e predestinação de um grande Povo, de Padua pela vocação de uma grande obra.  
Gloria á Santissima Trindade!

# A ORIGEM DOS HOSPITAES

LEOPOLDINO GUERRA

Nas epocas trevosas do paganismo, quando a aurora de Christo ainda não havia annuciado ao mundo o reinado da fé, da esperança e da caridade, como se portavam os homens deante do sofrimento do proximo?

Os Assirios exhibiam seus doentes na via publica para que recebessem prescripções e conselhos dos transeuntes.

Frequentemente votavam crianças ao abandono, quando não expunham á mordedura das serpentes.

Eram de excessiva crueldade para com os vencidos. Refere Lenorman que os reis assirios se compraziam em atapeitar os seus muros com a pele retirada em vida aos principes e ministros por elles vencidos.

Entre os Hebreus era preceito: — Todo leproso usará vestes especiaes, cabelleira solta, e, pelas ruas da cidade, deverá clamar sempre: — Impuro! Impuro!

Assim todos podiam fugir-lhe ao contacto immundo e lançar-lhe na face a maldição de sua hediondez.

Foi um povo muito soffredor; conta-se que nos monumentos do reinado de Ramsés II não houve pedra que não custasse uma vida israelista.

As suas leis assim preceituavam: A terra pertence ao Senhor; das colheitas apartam-se: o dizimo sagrado, a parte de Deus, e o quinhão dos pobres. Aos famintos assiste o direito de colher quaesquer frutos, para mitigar-lhes a fome, sendo-lhes, porem, defeso transportá-los á casa. As migalhas do chão e os frutos do angulo do campo são para exclusivo regalo dos pobres. De sete em sete annos, no anno sabatico, a terra não pode ser cultivada e os seus productos espontaneos são dadas dos céos aos esquecidos do mundo!

Os Egypcios tambem esposavam alguns elevados principios moraes. Nas gravações dos seus templos, tumulos e monumentos é frequente ler-se: — Não enchas o teu coração com os bens de outrem, nem comas o teu pão sem o partires com os que têm fome.

Entre os Gregos, que primaram nas artes, observamos ainda a crueldade para com os escravos. Em Athenas, o pae

tinha direito de vida sobre o filho; em Sparta, as crianças pertenciam ao Estado que matava se não as julgasse sadias e robustas.

Obra de assistencia, nenhuma. Já se disse que o tonél de Diogenes não era apenas uma excentricidade mas tambem um refugio singular á multidão de pedintes.

Da polemica entre Mangelot e Bertrin ficou-nos a certeza de que os gregos, como todos os povos da era pre-cristã, não possuíam organizações que lembrassem hospitaes.

O que lá existiu foi o templo de Esculapio, para onde, á noitinha, os doentes se dirigiam e onde pernoitavam. Aquelles a quem os deuses concediam o favor dos sonhos deviam se levantar com o canto dos gallos para expor o sonhado aos sacerdotes do templo, que, então, lhos aconselhavam os tratamentos.

Os medicos tinham sua tenda de trabalho aberta no meio das ruas.

Nos romanos da éra pre-christã notamos mais ou menos os mesmos preceitos gregos, talvez com certo regresso moral.

Pode-se dizer que a actividade romana daquelles tempos se dividia entre conquistas militares no exterior e lutas internas de patricios e plebeus.

Na historia de todos os povos da antiguidade não se encontra, para com os pobres e doentes, uma unica medida em que se possam vislumbrar os sentimentos de piedade e misericordia emanados da doutrina do Redemptor do mundo que, para remissão do genero humano, nascia quando a terra gozava da mais profunda paz.

Era a estrella peregrina cujo brilho illibado surgia para romper a escuridão empestada de odios e ignominias e para desvendar os misterios sublimes do Amor.

As crianças, entregues á sanha desenfreada dos morticínios, sem prerrogativas nem direito de vida, haviam de assistir, com o milagre de uma phrase, á fusão dos grilhões que lhes aferravam o destino a todas as barbarias: — Deixae virem a mim os pequeninos!

Aos pobres, doentes e desamparados nunca poupava Elle o balsamo de suas consolações e o refrigerio prodigioso de seus exemplos.

Ao lado dos apóstolos, arautos da palavra de Christo, se organizaram os sete diaconos que se encarregavam de levar assistencia e conforto a todos os que passavam por transees dolorosos..

Na santa fraternidade da Igreja que surgia, odiada e perseguida, organizava-se a caridade.

No seio da multidão dos crentes, refugiada no imo das catacumbas, não havia felizes nem desgraçados, ricos nem pobres porque todos se irmanavam num unico sentimento

de igualdade e solidariedade humanas, todos se *crystalizavam* numa só alma, num só coração.

Cada um reunia o que lhe sobejava e todos doavam ao thesouro commum, gasto no sustento e amparo dos pobres e doentes.

A Igreja centralizava e velava as necessidades geraes e cada qual valia ao seu irmão necessitado.

Visitando e soccorrendo pobres e enfermos, cada christão se fazia um ministro activo das obras de misericordia.

Não havia estabelecimentos especiaes para os doentes. A morada de um christão era casa de caridade onde a desgraça encontrava sempre ouvidos piedosos e balsamos confortadores.

A libertação do Christianismo por Constantino I, o grande, trouxe notavel incremento á obra.

Os christãos, podendo trabalhar livremente, lançaram, pelos meados do anno 313 depois de Christo, os germes das organizações hospitalares.

Na residencia dos sacerdotes, sempre o primeiro abrigo de todos, começou o movimento.

Nasceram innumeradas instituições sobre as mais variadas denominações: — *Xenodochium* ou *Xenon*: — abrigo ou hospedaria para estrangeiros e viajantes. Foi a origem de todas as demais fundações pias. O Concilio de Nicéa veio acoroçoar o movimento determinando que todas as povoações construíssem o seu *Xenon*.

Julião, o apostata, reconhecendo o seu alto valor, incitava os pagãos a imitarem os christãos, e S. Chrisosthomo, referindo-se á exiguidade dos *Xenón* de Constantinopla para attender ás innumeradas solicitações, assim exortava os fieis: — Fazei um *Xenon* de vossa propria casa; collocae na sala uma cama e uma mesa e que as vossas portas estejam sempre abertas, em nome de Jesus Christo.

*Brephtrorphism*: — Especie de *crèche* onde se amamentavam as crianças.

*Orphanotrophium*: — *Asylo* para orphãos e desamparados onde se lhes ministravam ensinamentos de artes e officios.

*Gerontocomium*: — *Asylos* para velhos.

*Ptochotrophium*: — Abrigo para mendigos.

*Nosocomium* — Era propriamente o hospital. A *Basilíada*, fundada por S. Basilio, o Grande, na Capadocia, foi a primeira, a maior e a mais celebre das instituições do genero.

Era uma verdadeira cidade: — Hospital, hospedaria, refugio, leprosario e até escola e centro industrial para prover ás suas proprias necessidades. Posteriormente, para preservar os demais doentes do contacto dos leprosos, foram para estes construidos pavilhões especiaes.

Conta S. Gregorio que doentes completamente desfigurados, com membros mutilados, não conservando da forma

humana senão o nome, eram fraternalmente abraçados por S. Basilio, com o intuito de inspirar aos demais coragem para socorrê-los.

Em Roma, o primeiro Nosocomium foi o de Fabiola, mulher christã cujas mãos administravam remedios e lavavam feridas.

“Não, — dizia S. Jeronymo, ainda que eu tivesse cem linguas e cem boccas, ainda que minha voz fosse de ferro, não poderia nunca enumerar todos os doentes a que Fabiola emprestou seus cuidados.

S. João Chrisosthomo, cognominado, pelos sabios do tempo, João Boca de Ouro, construiu seu hospital em Constantinopla e assim S. Macario, S. Jeronymo e outros. Para administração dos hospitaes, S. Gregorio recommenda de preferencia os religiosos, afim de melhor assegurar o desinteressado exercicio da caridade. S. João Chrisosthomo vai alem; prefere tambem os religiosos para o cargo de enfermeiros, porque estes deviam ser livres dos laços do matrimonio.

Em pouco tempo contava Roma tantas casas de caridade quantos quarteirões.

Toda Europa christã cobria-se de hospitaes quando expirou o seculo VI. Assim a Igreja constituiu, pelas mãos de seus mais illustres bispos, o factor unico da fundação, desenvolvimento e administração dos primeiros hospitaes que a humanidade conheceu.

No correr da Idade Media, a Igreja continuou prestando, com o mesmo ardor caritativo, assistencia á penuria e á desgraça, promovendo sempre com acendrado empenho a multiplicação e melhoria de seus hospitaes.

Louis Prunel chega até a affirmar que, do ponto de vista administrativo, certos hospitaes de Paris actual são inferiores aos da Idade Media.

Nesta epoca os senhores feudaes eram os defensores naturaes de seus servos e corroboravam com os padres nas obras de assistencia social.

Nas cidades, os bispos eram ainda os mentores do movimento.

Innumeros foram os hospitaes criados por toda parte dos quaes merecem menção especial o de S. João de Jerusalem, instituição modelar, cujos regulamentos foram copiados pela maioria dos hospitaes europeus.

Diziam estes que, chegado o doente, deveria ser assim recebido: — Primeiramente deverá confessar seus peccados e será então levado ao leito e lá tratado como um senhor.

Cada dia ser-lhe-á caridosamente servido o alimento, segundo os recursos da casa.

A recepção dos doentes se fazia á entrada do hospital pelo irmão porteiro.

Em Granada, S. João de Deus ia procurar os doentes na rua para conduzi-los ao hospital; os que não podiam andar eram carregados sobre seu proprio dorso.

Seu primeiro cuidado, quando chegava um doente, era lavar-lhe os pés, que em seguida beijava com recolhimento e respeito.

Depois de posto no leito, persuadia-o a se confessar para assim se fazer mais digno das graças da cura.

Os leitos dos hospitaes eram guarnecidos de colchões e almofadas de penas e providos de duas coberturas no verão e tres no inverno, que se renovavam semanalmente ou mais a miudo se o exigisse o asseio absoluto, preceito basico do regulamento.

As roupas dos doentes eram guardadas religiosamente para lhes serem restituídas ao se retirarem. Em geral eram miseraveis e o hospital lhes substituia por melhores.

Leon Legrand affirma: — Differentes documentos nos asseguram que os *senhores doentes*, como se lhes chamavam com respeito, gozavam até de certo luxo.

Os quadros decorativos do hospital de Chartres chegaram até nós. Em Antuerpia, nos dias festivos, usavam tecidos de sedas.

Os enfermeiros só podiam tomar refeições após os doentes, que tinham melhor alimentação, consoante o seu estado.

Para cuidados espciaes dos leprosos fundaram-se as Ordens de S. Lazaro e S. Jorge, cujos leprosarios, segundo o testemunho insuspeito de cientistas e allemães como Kolle e Hetsch, devem, realmente, ser considerados como os predecessores de nossos actuaes sanatorios.

Todas as tardes recitava-se nos Hospitaes a oração solemne.

Os padres desfilavam em procissão pela sala declamando em coro:

Senhores doentes: Orae pela paz; que Deus no-la conceda:

Senhores doentes: Orae pelos frutos da terra; Que Deus os multiplique!

Orae pelos peregrinos que vagueiam por terra e por mar; Que Deus os inspire para a salvação das almas!

Orae pelos que a caridade nos recommenda, pelos que caíram em poder dos sarracenos; Que Nosso Senhor delles se apiede!

Senhores doentes: Orae por vós mesmos e por todos os enfermos espalhados pelo mundo; Que o Senhor lhes dê saude!

Senhores doentes: Orae por todos os que mourejam neste e noutros asilos que servem á caridade na Santa Casa do Hospital; Que o Senhor Nosso lhes dê o bom destino!

Estes os traços característicos dos hospitaes da Idade Media que entrelaçavam em perfeita harmonia a fé e a caridade.

Citemos os principaes delles:

O de Compiègne inaugurou-o S. Luis, que nelle penetrou

O de Compiègne inaugurou-o S. Luis, que nelle penetrou levando o primeiro doente carregado nos seus proprios braços.

S. João de Deus e S. Camillo Lelis fundaram respectivamente na Espanha e na Italia ordens religiosas para assistencia aos doentes.

Maria de Medicis, testemunha viva do zelo dos irmãos da caridade nos seus Hospitaes, chamou-os a Paris e confiou-lhes a fundação do Hospital de La Charité, onde fulguraram posteriormente inconfundiveis luminares da Medicina. Outro ainda o *Hotel Dieu*, de Paris, repositório sagrado de tradições medicas como Trousseau, Dieulafoy, etc.

Neste momento surgiu o furacão heretico da reforma com o seu furor de devastação. Ruiram, com igrejas e conventos, muitas destas casas de soccorros. O que representou a reforma para os pobres e doentes bem se infere do principio enunciado por Lutero: — as obras de caridade são inúteis á salvação.

Mais tarde accrescentou ainda: — Por que se me hão de impor privações para se fazer esmola aos pobres?

De novo a miseria e a doença se despejaram pelas ruas.

Foi neste ambiente talado pelo vendaval da apostasia que appareceu um homem cujas aprimoradas virtudes catholicas grangearam-lhe grande renome.

Certa vez, este homem, passeando pelas ruas de Paris, viu numa das portas da cidade, um mendigo empenhado em deformar os membros de uma criancinha afim de merecer a caridade publica.

Diante da hediondez gelou de espanto.

E quando se lhe ressumou á face o calor do sangue, o Santo Homem, incontinenti, precepita-se sobre o miseravel e, arrancando-lhe a criança, brada, indignado: — Muito bem me illudiste, monstro sanguinario; de longe, me parecias um homem.

E sobraçando o pequenino, com o coração lanhado, atravessou toda Paris e foi fundar um asilo para desamparados. Este homem era S. Vicente de Paulo.

# A MAÇONARIA NO BRASIL

BARTHOLOMEU DE ALMEIDA

## II

Quem quizer com segurança apreciar o valor do estudo critico do Sr. Reitor da Universidade de Minas, não deve esquecer o ponto de vista em que elle se encastele para dar orientação ao seu trabalho. E' cautella que não demanda aos olhos erguerem-se á altura de uma sacada, é de sobre a linha rasteira de qualquer janella baixa de casa terrea. Do seu ponto de vista republicano quer elle a todo transe desinfectar não só a Inconfidencia mineira mas a Republica tambem da catinga maçonica.

### A REPUBLICA

Antes de entrarmos na apreciação do cap. X. "A Maçonaria no periodo republicano", é bom reportarmo-nos ao final do cap. II. e assignalar a maneira por que se annuncia a citação que ahi se faz da *Revista della Massoneria d'Italia*, e considerar os termos do programma maçonico, afim de não perder de vista a primeira victima sacrificada ao furor da seita, e porque não dizer, tambem ao furor do Sr. Reitor.

Destruir a Monarchia — assim dá principio o programma maçonico. E no entanto só em materia religiosa vê o Sr. Reitor nesse documento asseverações cathgoricas insophismaveis.

Destruir a Monarchia, o Papado e toda religião revelada, depois segue-se a secularisação do estado, para em seguida vir a laicisação da escola, a destruição da familia, a supressão do ensino religioso, a completa emancipação da mulher.

Prosegue porém o Sr. Reitor: *O Papado, diz a citada Revista, é o inimigo hereditario, o sacerdocio é o maior obstaculo do progresso, a religião revelada é o veneno do povo.* E assim findou-se a citação sem se dizer o que a Maçonaria pensa da Monarchia, nem o porque do seu exterminio.

Mas, será possivel que a Revista justifique o odio, a guerra ao Papado, ao sacerdocio, á religião, e tenha guardado

silencio sobre o motivo, a razão de ser da ingênita aversão da seita aos reis, principes e dynastias?

Vamos pois supprir o silencio da Revista ou a calculada e velhaca omissão do Sr. Reitor.

“A Realeza, diz a maçônica Sociedade das Estações aos seus filiados, é execravel. Tão funestos são os reis á especie humana, como aos outros animaes os tigres. Os reis não se julgam, matam-se” (1).

“Os vossos reis são os primeiros algozes de seus vassallos; a força e a estupidez levantaram primeiro seus thronos”.

“Na Maçonaria de adopção, dirige o Grão Mestre á perfeita Mestra, quando lhe confere este grau as seguintes palavras: A principal de vossas obrigações será irritar o povo contra os reis e os padres: nos botequins, no theatro, nos bailes, trabalhai com esta sacrosanta missão” (2).

Em tremenda synthese condensou um illuminado o programma maçônico, é um brado de infernal concisão: Enforçar o ultimo dos padres nas tripas do ultimo dos reis.

“O fim da seita não é só o aniquilamento perpetuo do catholicismo, mas tambem levantar sobre as ruinas das monarchias a republica universal”.

“A autoridade monarchica, com que parecemos preocupar-nos deve cahir um dia sob nossos golpes, e este dia está proximo. No entretanto afagamo-la para chegarmos sem estorvo ao complemento final da nossa missão sagrada, que é o aniquilamento de todas as monarchias” (3).

De sorte que só quem desconhecer a Pastoral de D. Vital — *A Maçonaria e os Jesuitas* — pode se deixar seduzir pela sinceridade, imparcialidade e lealdade do Sr. Reitor da Universidade de Minas.

Satisfeitissimo, todo desfeito em expansivo contentamento, proclama o Sr. Reitor a mansidão da Maçonaria entre nós: *Depois da questão religiosa não tivemos até hoje incidente grave com a Maçonaria.*

Que ventura viver em paz com a Maçonaria!

*Que pensar da importancia actual dessa sociedade no Brasil, dos seus intuitos, dos seus planos, dos seus meios de acção?*

Bem mais pitoresco e mais vizinho da sinceridade, seria trocar a interrogação por uma exclamação e em transportes de maior alegria dizer: Como é differente a Maçonaria no Brasil!

Fica pois muito claro, não querer o Sr. Reitor investigar da seita os intuitos, os planos, os meios de acção, mas attribuir-lhe tão somente intuitos e planos peculiares ao Brasil.

1 — D. Vital, Pastoral “A Maçonaria e os Jesuitas”.

2 — D. Vital, Pastoral “A Maçonaria e os Jesuitas”.

3 — D. Vital, Pastoral “A Maçonaria e os Jesuitas”.

Abstrahe completamente da natureza e aspiração fundamental da seita, e julga-se autorizado a affirmar de modo cathegorico e *a priori*, que a acção maçonica contra o Imperio não teve por motivo a Religião.

Desprezando pranchas e documentos a cuja importancia e veracidade os factos vieram dar cabal demonstração, investe valente contra a realidade historica e só encherga "illogismo e muita imbecilidade" em derribar no Brasil a Maçonaria o Imperio por causa do Catholicismo.

A respeito das pranchas por duas vezes divulgadas pelo jornal "União" é imperdoavel o pouco caso, o acintoso desprezo do Sr. Reitor, nos seus estirados artigos com ellas gastando apenas duas linhas e meia, em uma ligeira allusão. Não transcreve-las e sem analyse previa denominar a veracidade dos factos n'ellas revelados de opinião, e com desplan-te atrever-se a affirmar — semelhante opinião é inexacta *a priori*, não é sinceridade, nem imparcialidade, nem lealdade, nem illogismo... entrego quem me for lendo ao estylo do Sr. Reitor para denominar com precisão tão desastrado procedimento.

Vem muito a proposito recordar agora o theor das pranchas das Lojas de Campinas, demonstrando as Veneraveis Irmãs de todo o Paiz a necessidade de impedir a installação do III.º Reinado.

"A' Gl.: do Gr.: Arch.: do Un.:

"A' Aug.: e Resp.: Loj.:

"Sess. das Lojs.: Independencia e Regeneração 3.ª em Campinas e Provincia de São Paulo, em 20 de Junho de 1888 E.: V.:

"Estas Augs.: Lojs.: no exercicio pleno dos direitos mais antigos de nossa sublime Ord.: vêm solicitar o concurso e a cooperação dessa Aug.: Loj.: para uma representação ao Sapiientis.: Gra.: Orient.: no sentido que passam a expor:

"Em sess.: plena realisada em commum, no dia 15 do corrente, foi discutida e approvada a proposta seguinte:

"Propomos que estas Augs.: Lojs.: inspirando-se no Santo Amor da Patria, pronunciem-se com leal franqueza contra a proxima installação do 3.º Reinado, pelo previsto, ainda que lamentavel, fallecimento do Sr. D. Pedro II.

"A Senhora Princeza Regente, futura Imperatriz do Brasil, é notoriamente catholica fanatica, e seu espirito fraco todos sabem que é dirigido pelos padres romanos. O Principe consorte, Sr. Conde d'Eu, é um homem avarento educado na fatal escola do direito divino e do predomínio militar.

"E' claro, portanto, que a futura Imperatriz do Brasil, ou seja pela influencia dos seus confessores ou do seu esposo, presidira á mais intransigente perseguição á Maçonaria do Brasil.

"Em tal conjunctura é dever ineluctavel de nossa Or-

dem collocar-se ao lado da Patria e conspirar resolutamente contra o 3.º reinado. Assim, propomos:

“1.º — que estas Augs.: Lojs.:, pronunciando-se no sentido supra referido, dirijam a todas as Lojs.: do Circulo, pranchs.:, convidando-as a pronunciarem-se sobre o mesmo assumpto;

“2.º — que uma especial representação seja dirigida ao Gr.: Or.: do Brasil, solicitando o seu pronunciamento em relação á materia desta proposta”.

“Ao Sapiant.: Gr.: Or.: foi já remettida a representação de que fala a proposta. Agora, é com a mais cordial fraternidade que as Lojs.: se dirigem ás suas Irs.: invocando a sua confraternização neste empreendimento serio mas iniludivel para a Maç.: Bras.:

“As Lojs.: que esta vos dirigem aguardam a vossa deliberação e rogam-vos o favor de communicardes qual deliberação que tomardes acerca do assumpto da proposta e do que foi deliberado.

“O Supr.: Arch.:, do Un.: vos illumine e guarde.

(Assignados) Os Veners.: Francisco Glycerio gr. 33.: Cesar Augusto T. Santiago gr. 33.:

Seguem-se outras assignaturas e ve-se que o primeiro signatario deste documento é o Ven. F. Glycerio.

A linguagem é clara e positiva, não ha equivoco possivel, a Maçonaria não separa o throno do altar, irmana a ambos no mesmo odio e no mesmo furor. E com D. Vital podemos dizer: “Eis ahi patente, bem patente o duplo fim da Maçonaria; estrangular o ultimo dos padres com os intestinos do ultimo dos reis”. (op. cit.).

Para ajuizar bem do afincado trabalho com que se temperam os acontecimentos nos laboratorios maçonicos, mais uma vez lembramos o antecipado preparo da revolução franceza.

De volta do congresso maçonico de Wilhelmsbad, o Conde de Virieu importunado pela curiosidade do Conde de Villiers, desembaraçou-se do seu indiscreto interlocutor com esta sahida: *Je ne vous dirai pas les secrets que j'apporte, mais ce que je crois pouvoir vous dire, c'est qu'il se trame une conspiration si bien ourdie et si profonde, qu'il sera bien difficile a la religion et aux gouvernements de ne pas succomber.*

De modo que Wilhelmsbad está para o advento da grande revolução, como Campinas está para a proclamação da republica brasileira. Todos conhecemos o carinho e o devotado respeito dos nossos demagogos por Campinas, — “o berço da republica”.

Sem o congresso de Wilhelmsbad, sem a acção individual de Knigge a elle presente não se teria conseguido a declaração dos “direitos do homem”, nem haveria na Historia lugar para os horrores da revolução franceza.

Assim também no Brasil sem a acção individual de F. Glycerio em Campinas e as lojas desta cidade, com a representação ao Sapiens.: Gr.: Oriente.: para que as Augs.: “pronunciem-se com leal firmeza contra a proxima installação do 3.º reinado”, certamente não teriamos republica a 15 de Novembro de 1889.

E' fóra de duvida que o levante militar chefiado por Deodoro não tinha em mira senão depôr o ministerio Ouro Preto.

Assediado para se decidir pelo golpe republicano se vio o general “em penosa crise de consciencia”.

Havia de ser grande e premente a ascendencia de Glycerio e seus comparsas sobre elle para obriga-lo a ceder declarando: “Eu queria acompanhar o caixão do Imperador que está velho e a quem respeito muito”.

Só a ultima hora assentio Deodoro em desthronar o Imperador, assim mesmo com muita difficuldade, sempre recalcitrante “como que arrastado por uma força extranha á sua propria vontade” a cuja pressão teve de ceder vencido.

Mas esta resolução do dia 11 de Novembro foi se esmorecendo a medida que se ia avizinhand o desfecho do dia 15; e apenas á derrubada do Gabinete se limitou o levante. “O golpe fóra dado pela manhã e a tarde ainda não havia actô nenhum de Deodoro indicando a proclamação da Republica”. Portanto confiado apenas ao amparo de um levante militar, inviavel seria a republica; era o exercito tão somente a causa instrumental, a causa efficiente della fóra estava do quartel.

Para soerguer a republica quasi defuncta dos solavancos da conspiração, os conjurados em magote com o Glycerio de Campinas á frente foram á casa de Deodoro.

Agora vae apparecer a causa efficiente da republica.

Qual porém o segredo da extrema rapidez e prompta efficacia da sua acção?

Do Glycerio de Campinas e da sua gente, o supremo esforço sob os auspicios de terriveis nuvens prenes de ameaças fataes, *adensou em torno de Deodoro*, de Deodoro maçon, *uma atmospheria poderosa de suggestões*.

O autor que vamos seguindo (1) é omisso quanto á natureza destas suggestões, todavia não se mostra um profano quanto a efficacia dellas, porque é de parecer que sem o magote do Glycerio em casa do Deodoro a 15 de Novembro não lograria a Republica senão a duração fugacissima de um clarão de relampago.

Quando tem um acontecimento a sua causa tão bem individualisada, e tão claramente manifestada na acção de seus sonhadores, arautos e comparsas, procurar para elle

1 — Oliveira Vianna “O Occaso do Imperio”.

“factores historicos” é fugir da realidade para o mundo das chimeras.

“Se a Maçonaria fosse factor exclusivo ou preponderante da republica, sendo elemento mysterioso que escapa ao exame dos estudiosos” diz o Sr. Reitor, “seria incomprehensivel a queda do Imperio”.

A conclusão que se impõe é muito outra.

Sendo a Maçonaria *elemento mysterioso que age nas trevas*, o que desde logo resalta a toda luz da evidencia é a efficacia da acção maçonica na proclamação da republica.

Sem acção maçonica é que fica incomprehensivel a proclamação da republica. A acção maçonica foi tão preponderante e exclusiva que sem saber donde vinha a republica, nem o porque do seu advento, á tudo assistiu o povo bestificado.

E a bestificação foi tamanha, tão desmarcada e fulminante que até hoje a acção maçonica na proclamação e na consolidação da republica escapa a acção de muitos estudiosos.

A principio admite o Sr. Reitor com as devidas reservas, a luz mortíça de um *parece-me incontestavel*, a collaboração da Maçonaria no advento da republica, mas collaboração sem preponderancia. Agora, ser a maçonaria factor exclusivo ou preponderante da republica, nunca, porque é *elemento mysterioso que age nas trevas*. De modo que só escapa a investigação da critica historica o elemento mysterioso quando factor exclusivo e preponderante de um facto.

Republicano catholico, ou catholico republicano, *a priori* varre o Sr. Reitor a possibilidade de ser a Maçonaria causa eficiente da republica. A causa é maçonica, occulta, mysteriosa por sua natureza e séde, e o Sr. Reitor ainda mais a empurra para as trevas. Com um ardor bem suspeito vai descobrindo as veredas por onde ha de fugir a Maçonaria ao exame dos estudiosos.

Após um jantar, assanhado glutão se vê nos apuros de uma indigestão inquirindo a causa do desarranjo váe *a priori* removendo todas as possibilidades de attribuil-a ao prato de sua predilecção; e se a evidencia o obriga a verdade não se conforma, envereda para a cozinha e lá descobre os factores historicos da dor de barriga.

Assim tambem o Sr. Reitor á cata de factores historicos para a republica; com o desvello de quem escolhe mascara que melhor disfarce um pescoço fino e comprido, só acceta os factores diante dos quaes julga fazer desaparecer a acção maçonica.

Acompanhemo-lo:

*A idéa republicana nos vem desde o periodo colonial* — Mas nos vem da Loja, a sua origem é maçonica. Em busca das academias europeas ia nellas encontrar a mocidade brasileira o jacobinismo em effervescencia latente e contagiosa. De lá voltavam os moços, como J. A. Maciel, embebidos, saturados

da republica, com a figura de seus chefes e a lembrança dos conciliabulos indeleveis na memoria.

*As republicas da nossa vizinhança* — Das republicuetas hespanholas “ceifadas pelas desordens da anarchia”, a nossa vizinhança e contacto nunca poderia ser de molde a nos approximar da idéa republicana. Pelo contrario a frequente e constante repetição dos *pronunciamientos* de cada vez mais havia de nos inspirar horror e abominação pela forma politica das nossas vizinhas.

*A questão religiosa* — A questão religiosa é uma questão maçonica, essencialmente maçonica, não só quanto a natureza do seu objecto, mas quanto a sua origem e a seu fim. De modo que faze-la contribuir para a queda do Imperio em vez de importar o desaparecimento da acção maçonica, realça a acção da seita no preparo da republica.

Se derribar o Imperio por causa do catholicismo é mais que illogismo é “imbecilidade” — como diz o Sr. Reitor, quem assim pensa não pode dar á questão religiosa efficacia de factor historico na queda do Imperio, mas ha de ver nella garantia de mais firmeza para o throno.

Foi a questão um jogo maçonico de grande alcance; em suas consequencias excedeu a expectativa da seita, foi produzir effeito depois de proclamada a republica. Não basta ler a Pastoral Collectiva. Não dispensa a Historia o brado de amargura do Episcopado Brasileiro: “Ai quão cedo nos veio o desengano!” E’ bom ler a Reclamação do Episcopado ao Chefe do Governo Provisorio.

*A Abolição* — Da Princeza Regente fez a abolição Isabel a Redemptora. O jubilo do povo, o delirio da nação celebrando a redempção dos captivos era um prenuncio infalivel do festivo alvoroço e da majestosa imponencia com que se havia de installar o terceiro reinado. Em tal conjunctura houve em Campinas quem comprehendesse a *necessidade ineludivel de conspirar resolutamente contra o terceiro reinado*. Assim nasceram as pranchas maçonicas de 20 de Junho de 1888, e por isso ficou sendo Campinas o berço da republica. E o resentimento dos fazendeiros? Abraçaram a republica depois de feita e assim se vingaram da Princeza os fazendeiros surradores de escravos.

*A Propaganda* — Pobre e miseravel propaganda! Se a muitos catholicos não deixou saudades a monarchia, não mereceu a republica o palpito do povo que bestificado assistiu o advento da dictadura militar no Brasil.

*A Questão militar* — Já nos occupamos della, sem a maçonaria, não teria ido além da deposição do ministerio o levante militar da manhã de 15 de Novembro. Mas cumpre ainda notar que na jornada de 15 de Novembro, já se tinha resignado o positivismo com o fracasso da conspiração republicana. Recebendo o Glycerio em casa do Deodoro, quasi á

noite, á tardinha do 15 de Novembro, é muito expressiva a declaração de Benjamin, annunciando que o *novo Governo* (o novo ministerio) *consultaria em tempo a nação para que esta decidisse dos seus destinos.* (1) Estava portanto o Benjamin não só *reticente*, como affirma O. Vianna, mas desilludido da republica.

De sorte que a causa unica e efficaz da proclamação da Republica foi a maçonaria, com a sua atmospheria poderosa de suggestões, manejadas pelo Glycerio de Campinas, pelo Glycerio das pranchas maçonicas de Campinas.

E o Deodoro *depois de envolvido na aura de suggestões... vemo-lo já outro, "fixado" definitivamente, concordando com tudo, assignando tudo*, conforme nos conta Oliveira Vianna. A não ser a filiação maçonica de Deodoro donde havia de vir á um rabula de provincia predomínio para reduzir um General á passividade de um hypnotisado?

Todo factó, todo acontecimento historico é dotado de uma força demonstrativa de evidencia immediata, no milagre tudo revella a causa sobrenatural; de modo que da eloquencia do factó com muita propriedade se pode dizer: *loquela tua manifestum te facit.*

Reduzido o factó desde logo manifesta a republica com a realisação do ideal maçonico a causa que lhe deu origem e a levou até o desfecho final.

Assim illuminado pelas luzes do factó consumado nos apparece Saldanha Marinho, o Ganganelli, empenhado na elaboração da Constituição, transladando para ella todos os principios e theses do programma maçonico.

E do fastigio da republica descendo até a sua origem vamos encontrando Glycerio em casa de Deodoro a 15 de Novembro, envolvendo o General n'uma atmospheria de suggestões; Glycerio nas pranchas maçonicas de Junho de 1885, Glycerio nas Lojas de Campinas, Glycerio no movimento inicial da conspiração contra o terceiro reinado.

Quando os factos se encadeam, quando entre elles se percebe uma sequencia, um nexó logico, tudo revella a existencia de uma causa intelligente, que concebe a finalidade que os subordina, determinando a connexão, a ordem logica por que se vão elles succedendo.

Uma cousa é a causa de um factó, outra a companhia das circumstancias que o fomentam e ajudam a sair á luz, á tornar-se realidade historica. Podem ter cada uma a sua causa propria as circumstancias e condições que rodeiam um acontecimento, isso porém não annulla a actuação de quem dellas se aproveita para o bom exito de uma idea.

Factó não gera factó, a successão historica não acha guardada a geração expontanea, quem faz a historia não são os

1 — Tobias Monteiro.

factores historicos, mas sim o homem. Seculo de Pericles, seculo de Augusto, seculo de Luis XIV, seculo de Voltaire, syntheses judiciosas com que a philosophia da historia assignala a responsabilidade do homem, da causa individual na marcha dos acontecimentos.

Ahi está porque nas grandes calamidades é sempre levado o povo por uma inclinação natural á personificar num individuo, num nome a causa das suas desgraças.

Melhor ainda se patenteia o bom senso do vulgo nos desastres nacionaes, quando a traição com o artificioso preparo de recursos inconfessaveis, tira das circumstancias os imprevistos que zombam de todas as conjecturas e esforço de um patriotismo devotado.

*Quod tantis Romana manus contexit annis, proditor unus  
iers angusto tempore vertit.*

Então nada se justifica pela insufficiencia de factores historicos, e não socega a consciencia popular emquanto não attina com o traidor, emquanto não se descobre a causa individual a causa intelligente e livre responsavel pela ruina da Patria.

# DA IMITAÇÃO DE CHRISTO

## Capitulo III, do livro IV

### DE COMO É UTIL COMMUNGAR FREQUENTEMENTE

O Snr. Durval de Moraes verteu para a nossa lingua o Cap. III, liv. IV da celebre "traducção rythmica" franceza da "Imitação de Christo" pelo Abbade dr. Albino de Cigala, approvado pelo Santo Padre Pio X e coroada pela Academia Franceza com o premio Janin.

Os manuscriptos da "Imitação", como faz notar o traductor de Cigala, são feitos em versos rythmicos, irregulares na forma, em "phrases rythmicas" com assonancias, muitas vezes rimadas, a exemplo das tendencias da poesia modernista. No seculo XV, como elle observa, as obras serias eram assim escriptas. Haviam desaparecido os versos classicos e surgia a rima. Acontecerá o mesmo com as formas actuaes? Os involuntarios imitadores, do seculo XV darão lugar algum dia á volta dos versos classicos? Ou serão creados rythmos novos e apparecerão outros modelos de versos regulares?

A titulo de curiosidade literaria, publicamos esta traducção portugueza, cujas "phrases rythmicas" dispomos em forma de versos para melhor comprehensão.

1. Eis que venho a vós em minha indigencia,  
Afim de compartir da vossa abundancia, Senhor;  
Para saborear a doçura do celeste festim,  
Que preparastes para os vossos pobres!  
Somente em vós, ó Deus, encontro o que desejo:  
Sois minha salvação e minha redempção,  
Minha esperanza e minha força, minha felicidade e minha gloria.
2. Derramae, hoje, a alegria em minha pobre alma,  
Porque, somente para vós, eu a elevo, meu Deus.  
Quero neste dia receber-vos, ó meu Deus,  
Com todo o respeito que me inspira vosso corpo.  
Quero ver-vos entrar em minha casa,  
Para recolher os frutos de bençãam  
Como Zacheu, e como Abrahão  
Ser contado entre os filhos privilegiados.
3. Minha alma arde em desejo de se unir ao vosso corpo;  
E meu coração aspira a ser um comvosco.  
Sim, dae-vos a mim; minha alma está satisfeita,  
Porque sem vós não ha alegria perfeita.  
Não posso subsistir, sem vós, um só momento,  
O' Deus, para que eu viva, vinde visitar-me.  
E' mister, frequentemente, de vós approximar-me;

O' meu Deus, e receber-vos em mim,  
 Como remedio e alimento de vida para mim,  
 Com receio de, pela fome aniquilado,  
 Succumbir no caminho  
 Privado deste pão que vem do céu.

4. Assim vós mesmo, ó Deus, cheio de ternura  
 Dissestes um dia, prégando aos povos infelizes;  
 "Não os quero em jejum mandar ás suas casas,  
 Para não desfalecerem no caminho da vida".  
 Fazei commigo assim, ó meu Deus,  
 Vós que, para consolar, permaneceis na Hostia.  
 Somente vós sois o pão que vivifica a alma;  
 E aquella que puder dignamente receber-vos  
 Possuirá em si a immortal herança de vida.
5. Precisaréi, eu que tantas vezes caio,  
 Que sou tibio e que sou relaxado,  
 De constantemente retemperar meu coração na prece.  
 De renovar-me, de purificar-me,  
 De confessar minhas faltas ao ministro de Deus,  
 De ir receber-vos no sacramento de vida,  
 Com receio de, abandonando muita vez estes deveres,  
 Adormecer no meio do caminho a percorrer.
6. Os sentidos, desde a mocidade, levam-nos ao mal,  
 E, se não recorrer ao divino remedio,  
 O homem logo desce ao fundo de sua ruina.  
 E' a Communhão que o soccorre,  
 Que o arranca do mal e o sustenta no bem.  
 Porque afinal se participando do sacrificio,  
 E commungando e celebrando,  
 Ainda sou tão morno e tão futil;  
 Que seria de mim, Deus meu, se deixasse  
 De tomar o alimento que me tira a fraqueza,  
 E de procurar em vós o soccorro e a força?
7. Se commungar não puder todos os dias,  
 Virei, no emtanto, no tempo de preceito,  
 Assentar-me á vossa santa mesa,  
 Para participar dos thesouros abundantes  
 Pela graça derramado, em vossos divinos mysterios.  
 Porque, para a alma immortal do exilio condemnada  
 No abandono deste corpo mortal,  
 O consolo derradeiro neste mundo  
 E' elevar sempre o pensamento ao seu Deus;  
 E' de poder offertar no coração fiel  
 Um lugar escolhido ao esposo adorado.
8. O' maravilhosa bondade de Deus para com os homens !  
 Vós, Senhor, que daes o ser a todos os espiritos;  
 Eterna fonte em que germina a vida,  
 Dignaes abaixar vossa gloria infinita  
 A um pobre peccador que é todo pobreza !  
 E, para acalmar a fome que o atormenta,  
 Vinde, Homem-Deus, até elle sobre a terra,  
 Enriquecer com os vossos dons sua triste pobreza.  
 Mil vezes feliz a alma que pode ter  
 A invejada felicidade de bem vos receber,  
 O' meu Deus: e que vos recebendo pode  
 Provar com amor as santas alegrias do coração !

9. Como é grande o Senhor que esta alma recebe !  
Que hospede bem-amado ella vae hospedar !  
Que amavel companheiro e que fiel amigo  
A vem visitar e com ella permanecer !  
Como é digno de amor, e encantador e nobre  
O esposo que ella anima com as suas caricias;  
Elle, mais digno de amor do que tudo que amamos,  
Elle que apparece mesmo acima do amor !  
Não, nada do que vive aqui embaixo no mundo  
Póde igualar a belleza do vosso nome, ó Deus !  
Suas bellezas são obra vossa, e seus thesouros  
Jamais attingirão a menor das vossas bellezas.

## ...“na VOZ DA HISTORIA”

**NILO PEREIRA**

Com o titulo acima, o meu eminente amigo sr. Alcibíades Delamare, professor da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e membro do Centro D. Vital, publicou, em fins do anno transato, interessante livro sobre Francisco Solano Lopez.

A personalidade do ditador paraguayo resurge naquellas paginas eloquentes com todo o requinte da sua ferocidade... Quasi diria — no esplendor doloroso da sua monstruosidade. É Lopez não seria comprehendido nem explicado sem a focalização intensa dessa nevrose, que o exila por assim dizer da grei humana, para situa-lo definitivamente no palno demoniaco de sua obra, que excéde a nossa imaginação.

A historia do Continente não teve maior tirano. Nem Francia. Nem Rósa. Nem Oribe. Solano Lopez encarnou a tirania platina num excesso de monstruosidades inauditas, ampliando a concepção neroniana dos crimes. O seu nome está embebido em lama e sangue.

Impossivel seria fugir a esse Lopez sanguinario e barbaro quando se trata da guerra do Paraguay. Porque a sua obcessão criminosa e a sua desvairada imaginação politica constituem o grande movel da guerra e explicam toda a psychologia della. Sem aquelle terrivel flagelo americano, sem aquelle Lopez cruel que trazia sobre os hombros o peso e o legado das opressões, e ia encarnar a força bruta dos instinctos e das paixões mais tempestuosas, a guerra não se teria ferido. O Imperio não teria perdido cem mil vidas. E o proprio Imperador não teria, em 1870, ao epilogar-se a luta, aquella cabeça de velho, elle que em 65 tinha ainda os cabellos loiros e estava no esplendor das suas energias moraes.

Ao iniciar-se a tempestade lopista, que embruscava o firmamento das nações platinas, e era um vulcão que explodia, immenso e estranho, no Continente, sacudido pelos grandes abalos cismicos das dictaduras anteriores, D. Pedro não era a figura patriarcal e encanecida de 70. A velhice não lhe havia ainda imprimido na physionomia nem a angustia nem o desfallecimento. Os olhos cavados de fim-da guerra não se advi-

nhariam em 65. A ambição do dictador guarany, creando o panorama impossivel de um grande imperio platino, argamassado na tirania continental e consolidado no sangue das victimas, prostaria o espirito do monarca, habituado á preocupação constante e martirizante do seu povo.

Todas as energias se foram na luta pela ordem. Só impedir que as muralhas da nacionalidade caissem ao impeto do furacão guaicurú, bastaria para cansar e abater os espiritos mais fortes. E' que D. Pedro não era só D. Pedro, assim como Lopez não era só o Lopez sinistro e terrivel do Paraguay. Ali as duas figuras se annullavam. O choque não foi de dois homens. Nem mesmo de duas ideologias. Ou de duas vontades. Ou de dois imperialismos. Era a civilização, encarnada na figura serena e magnanima do Imperador, contra a barbarie desencadeada e macabra de Francisco Solano Lopez. O Brasil constitucional era a legalidade e a ordem. Era o Direito e a Justiça. O Paraguay gemia sob o guante lopista. O Paraguay era um calvario. A supremacia do mariscal havia creado para aquelle povo a paisagem dolorosa e constante do Golgota. Cahisse alguém, pelo menor motivo, no desagrado do ditador, e o castigo seria infamante. Muitos foram sacrificados á sanha lopista pelo crime de não terem simpatia nem ao ditador nem ao terror. A causa, que Solano Lopez julgara nacional, para arrastar no seu desvario a gregos e a troianos e esmagalos depois na brutalidade dos seus instinctos insopitaveis, não era esposada pelos paraguayos de bom senso. A soffredora nação guarany, cujo destino inquieto e tragico era uma calamidade para os povos platinos, esperava apenas o momento azado para se libertar da tirania odiosa e implantar naquelle solo juncado de victimas o padrão eterno da civilização. Essa obra de civilização não custaria. Morto Solano Lopez, no episodio de Cerro-Corá, glorioso para as forças alliadas, morria tambem a ditadura opressora e má. Era o fecho da scena. O epilogo da loucura lopista de que participaram fanaticos em massa, seduzidos pela autócracia, esmagados pela suggestão tenebrosa do Supremo. O drama neroniano, de lances incriveis, estava terminado. E depois d'elle, a nação tranquilla ia começar o trabalho ingente da cultura para lavar a mancha do terror e da guerra.

Os episodios centraes da loucura lopista, os acontecimentos marcantes daquelle desvario que sacudiu profundamente a alma e o idealismo continentaes, conta-os o Sr. Alcibiades Delamare de maneira forte e precisa. O ditador não póde ser estudado á revelia desses factos. A impressão da sua psychose escaparia completamente se os detalhes do seu temperamento sanguinario acaso fossem esquecidos. Então, não seria o mariscal Francisco Solano Lopez. Seria um criminoso vulgar. Um epileptoide commum, desses que surgem á margem

da vida como seres incongruentes e maus. A psychologia politica do mariscal, daquelle grande vaidoso que foi coronel do exercito aos 17 annos e general aos 18, não será explicada sem os pormenores do seu terrorismo. Sem as suas matanças. Sem os seus tribunaes de sangue, O dictador paraguayano não póde fugir a essa exegesse, dolorosa para a sua memoria, mas sem duvida nenhuma terrivelmente unica para a verdade historica.

Fratricida e matricida, Solano Lopez exgotou o catalogo dos crimes. A sua nevrose criminal chegou aos paroxismos mais tragicos e hediondos. Seu governo poz a população paraguayana em eterno holocausto. O martyrio de Pancha Garmenia — “La heroina de su honor” — foi a maior explosão da sua bestialidade contraraida. O padre Fidel Maiz, que foi a principio uma das victimas do dictador guarany e depois um dos seus verdugos, comparou essa virgem paraguayana á donzella de Orleans. Ambas são heroicas. E o gráu de sacrificio e martyrio da heroina paraguayana parece deve-la-ia conduzir tambem aos altares como conduziu a Joanna D’Arc. Todo martyrio opera um milagre. O primeiro milagre de Pancha Garmenia, como faz notar o sr. Baptista Pereira na sua notabilissima conferencia — *A Civilização contra a Barbárie* — foi a redempção do padre Maiz. O segundo será o exorcismo de Lopez. Basta isso para immortalisar aquella figura meiga e encantadora. O seu sacrificio como o de tantos outros immolados á furia do monstro, é um symbolo da grande dor nacional, do immenso soffrimento do povo sob o guante e o cepo da ditadura Solano Lopez.

A obra da civilização precisava desses martyres, assim como a da barbaria e do sangue, do flagello e dos sacrificios inominaveis precisou dos caciques truculentos, como Fidel Maiz e Toro Pichal, que queriam communicar á gente oprimida a insensibilidade do terror e o delirio colectivo, cégo e brutal. Mas a tradição da tirania estava prestes a morrer. E a aurora de uma grande redempção espirital-platina se esboçava, serena e luminosa, no horizonte de angustia do povo paraguayano.

O livro do Sr. Alcibiades Delamare, que é um rapido *coup d’oeil* sobre as atrocidades do marechal-presidente, está escripto naquella linguagem candente que denuncia por toda parte o orador. O eminente escriptor paulista mentiria a si mesmo si acaso reprimisse a sua eloquencia natural. Habitudo ás pugnas tribunicias, o seu estylo tem o mesmo fulgor e o mesmo fogo dos seus grandes discursos. O seu estylo é um só. Fazendo historia ou literatura, ou traçando aquelles magnificos perfis evangelicos que lhe consagram o renome de escriptor e historiador, a eloquencia tribunica é a mesma. Eloquencia aliás um pouco arrebatada e tanto mais aprecia-

vel quanto sabemos que ella só tem sido pósta ao serviço das causas nobres, como a Religião e a Patria.

Esse arrebatamento, esse quasi extravasamento espiritual, não prejudicaram em nada a feição historica do livro. Porque é uma eloquencia sem paixão. Apenas eu achei que o Sr. Alcibiades Delamare ampliou demais o conceito da responsabilidade de D. Elisa Lynch nos crimes da barbarie lopista. Ella foi de certo uma grande connivente. E o plano negro e afrontoso do terrorismo não o ignorava essa mulher fatal que, depois da guerra, percorreu a Europa e as terras santas e acabou na miseria. Mas quem conhece os antecedentes do marechal e o ambiente de tirannia em que se processou a sua educação, não podia esperar senão que a furia lopista se desencadeasse mais cedo ou mais tarde, com ou sem a connivencia da perfida esposa de Quatrefages. Lopez tinha o seu destino traçado. O proprio D. Carlos, que conhecia as intenções ominosas e advinhava no filho o modelo acabado do regulo, recommendou-lhe que não movesse a guerra ao Brasil. Solano não recuaria do seu plano sinistro. A intencionalidade provada dos seus crimes torna a sua responsabilidade muito maior que a de D. Elisa Lynch de Quatrefages, que era uma aventureira sem ideal.

Um dos aspectos interessantes do livro do sr. Alcibiades Delamare é a focalização das duas campanhas incompreensíveis: — lopista e beverenista. E compreende-se, nessa altura, que o fim do seu opusculo é puramente combativo. Nesse particular, elle realizou plenamente a defesa da tradição historica e poz os pontos nos ii.

A narração dos crimes de Solano Lopez, a cuja nevrose foram sacrificados a sua propria mãe, irmãos e cunhados, torna impossivel uma defesa. Torna quasi ridicula. No tribunal da consciencia platina o monstro fica sem absolvição, á semelhança desses grandes criminosos imperdoaveis que, ao entrarem em julgamento, já se lhes póde vaticinar, com segurança, a condemnação.

Como compreender a campanha lopisgaya? E sobretudo como acceita-la na sua incompreensão inicial? Não sei. A civilização platina, representada na cultura de um Dr. Cecilio Báez, tambem não sabe. Póde-se explicar como um subjectivismo apaixonado. Como uma nevrose tambem. E já o sr. Baptista Pereira na *Civilização contra a Barbarie*, disse muito bem: — “Todo scelerado que encher com o seu nome uma epoca, mesmo para ensaguenta-la, póde ficar certo que no futuro terá Juans O’ Learys”. (Pag. 113).

Este sistematico apoio das tiranias define a campanha lopisguaya, da qual é chefe o sr. Juan O’ Leary. De sorte que argumentar contra ella é argumentar contra a epilepsia delirante dos pseudo historiadores, que enxergam nos reguletes a figura e a psicologia dos grandes conductores de povos.

O mesmo se dá com o beverenismo, que é um ramo secco do o'learysmo. Ambos partiram da mesma fonte. Ambos reçumam também a mesma prevenção contra o Brasil e a immensa tradição de civismo e bravura que, nos campos da guerra, deixaram os gloriosos generaes brasileiros. Mas para contrapor á inverdade dessas duas correntes—o lopisgayismo e o beverenismo—ha no Brasil, como faz notar o sr. Alcibiades Delamare, duas grandes expressões da nossa historia: — o general Mario Barreto e o sr. Gustavo Barroso. O que me faz dizer que Juan O' Leary e Juan Beverina estão em maus ençoes...

\*\*\*

Quando de 1927 a 1928 appareceram os dois livros contra Lopez — *A Civilização contra a Barbárie* do sr. Baptista Pereira e o *Lopez do Paraguay* do historiador potyguar, sr. Luis da Camara Cascudo, o eminente critico brasileiro, de projecção continental, sr. Tristão de Atahyde, viu em ambos a expressão do sentimentalismo sul-americano. Aos outros historiadoresinhos que faziam a campanha lopista também o sr. Tristão de Atahyde taxou de sentimentalistas. Duas correntes contrarias incidindo no mesmo erro. Olhando a questão por esse prisma, o grande critico dava o desconto. E julgava resolver o problema situando-o no plano daquelle sentimentalismo americano e affirmando, com a sua immensa autoridade, que "a historia de Lopez ainda está por se escrever. O que se tem feito até hoje é revolver paixões" (Vide *Estudos*, terceira serie, pag. 289).

O sr. Tristão de Atahyde ha de permittir que, desta vez, eu discorde de sua opinião. Não pela presumpção de discordar, o que seria estulto. Mas simplesmente porque acho que a historia do marechal-presidente está definitivamente escripta. E escripta sobretudo com imparcialidade. Até com muita serenidade.

A narração historicamente authenticada dos crimes e desvarios de Lopez não constitue, ao meu ver, nenhum sentimentalismo. Então o martyrio seria um pieguismo. Essa feição morbida de exaggerar romanticamente os homens e as coisas. Mas não ha nenhum romantismo. O ditador paraguayo é visto a olho nú. Sem nuanças. Imparcialmente.

Por isso o livro do sr. Delamare não é um livro romantico. E' muito real como real é a chronica das atrocidades lopistas. Os quadros são impressionantes e fortes. A moldura não é a da fantasia — é a da verdade.

E' como eu comprehendo também aquelle drama da cultura contra a tirania. A guerra do Paraguay foi bem essa luta. Dahi eu dizer que a questão não era de figuras.

E para rehabilitar aquelle periodo sombrio de Rosas Oribe, e Lopez, a civilização platina, liberta da mancha, apresentaria depois, como acentua o sr. Baptista Pereira, a Mitre, Sarmiento e André Lamas.

# PALAVRAS A UM PADRE NOVO

TRISTÃO DE ATHAYDE

(Ao Revdmo Pe. Carlos Torres Pastorino,  
barnabita, na festa de sua ordenação)

Venho aqui, meu caro Carlos, perdão, Rev. P. Carlos Torres Pastorino, em nome daquelles que têm nas veias o mesmo sangue que nas tuas corre, trazer-te uma saudação e um agradecimento.

*Saudação* pelo caminho luminoso que escolheste na vida e pela inflexível pertinacia com que o vais trilhando. Tua existencia tão curta já é para todos nós um bello exemplo. Não variaste. Não vacillaste. Não te perdeste pelos atalhos da floresta. Vieste, anno por anno, seguindo a senda florida que desde a tua infancia uma irresistivel vocação abrio em tua alma. Soubeste vencer, sem titubeios, a grande crise da adolescencia. E hoje, revestido da invencivel armadura sacerdotal, inicias victoriosamente a segunda jornada da tua peregrinação terrena em caminho da beatitude. Eis porque uma *saudação* muito effusiva é o que brota, antes de tudo, do coração daquelles que vêm acompanhando, desde menino, a trajectoria de tua existencia.

Não basta, porem, que te saudemos no limiar desta nova ascensão, para que tenhamos exprimido os sentimentos que nos animam neste instante. E's credor de qualquer coisa de mais grave ainda que o louvor: — da nossa *gratidão*.

A entrega que fizeste da tua mocidade, da tua pureza, da força completa do teu espirito, ao serviço integral da grande Causa, traz para os teus parentes na terra uma tal abundancia de graças divinas, que não posso esquivar-me a deixar-te aqui, desde logo, a expressão do nosso commovido agradecimento.

E's o primeiro de nosso sangue que deixa o mundo por um Mundo melhor, nesta vida. E's o primeiro que transpõe, consagrado pelo augusto sacramento da Ordem, o santo limiar da nossa Igreja. E's o primeiro padre da familia. Como não ha-de Deus de derramar sobre nós um pouco dessa graça santificante que te elevou até a dignidade de Seu Ministro? E

como não havemos nós de te ser gratos por essas benções sagradas que teu gesto attrae tambem sobre nós outros?

E' assim que se enlaçam, em minhas expressões, a saudação commovida a esta data memoravel, com a gratidão indelevel por tudo o que de divino teu acto de amor permittirá que se derrame sobre os teus parentes da terra.

Mas não é apenas a voz do sangue que fala por minhas palavras. E' a voz do irmão em crenças. E' a voz do que vagueou muito tempo pelos caminhos do mundo e só encontrou de novo o rythmo da vida nos caminhos que, para teu e nosso bem, nunca abandonaste. E' a voz de uma geração mais velha e mais infeliz que a tua e que se alegra de ver a nova geração trazer a sua seiva moça a essa Verdade que ella tão laboriosamente reconquistou.

Não é isolado teu gesto. Muitos dos teus companheiros de idade, sentem hoje, como tu sempre o sentiste, esse appello irresistivel das grandes altitudes espirituaes. Viamos todos ha dias, com a alma commovida, o adeus de um jovem engenheiro ao seculo, para ingressar na Companhia de Jesus. E posso dar o testemunho de que privo, diariamente, com muitos jovens, para os quaes tudo póde o mundo dar de seus prazeres, e que, entretanto, se preparam para iniciar tambem a grande escalada, de que já vaes a meia encosta.

A essa milicia de Christo em que acabas de ingressar definitivamente é que estão entregues o destino do mundo e, neste, de cada patria em particular.

E hoje, mais do que nunca, o que se exige daquelles, como tu, que fazem alegremente a oblação total de sua vida, a Deus, é qualquer coisa que põe á prova o que ha de mais profundo e nobre na alma humana. E dahi a belleza suprema desses gestos inesperados ou dessas vocações coherentemente desenvolvidas como a tua.

E' maior do que nunca, hoje em dia, a belleza do sacerdocio, porque cresceu, desmedidamente, o contraste entre o espirito desse "Mundo", pelo qual o Christo disse não ter vindo orar e o espirito que a Igreja invoca para a consagração dos Ministros de Deus na terra.

A civilização moderna, como todas as eras de decadencia, procura apenas tornar a vida mais confortavel, as cidades mais luxuosas, os prazeres sensiveis mais attrahentes, as exigencias moraes menos rigorosas. O espirito do mundo, nas epocas como a nossa, multiplica-se de todos os modos e com todas as malicias da Serpente, para fazer os homens esquecidos da vida sobrenatural e presos, cada vez mais, a essa gaiola de ouro dos sentidos em que tão facilmente se deleita a nossa fragil natureza humana.

E por isso mesmo, cresce desmedidamente o contraste com os quatro appellos solemnes que a Igreja faz ao Espirito de Deus, para aquelles que como tu, se entregam de corpo e

alma ao seu serviço. Ella pedio, ainda hontem, pela voz do Officiante, que te fossem concedidos:

*a dignidade do sacerdocio,*  
*o espirito de santidade,*  
*a censura ao espirito do seculo,*  
*pelo exemplo da virtude,*  
 e afinal  
*o espirito de justiça.*

São essas as quatro exigencias desse solemne sacramento que hontem recebeste e que te collocou, definitivamente, entre os mandatarios mais proximos de Deus na terra.

Com a *dignidade do sacerdocio* collocas desde logo a tua mocidade em contraste radical com esse ambiente de futilidade irresponsavel, de agitação vulgar, de sarcasmo facil em que decorrem os dias da maioria dos teus companheiros de idade. Levas de óra avante contigo, para onde quer que a Providencia encaminhe os teus passos, essa vigilancia constante sobre ti mesmo que é a propria expressão da dignidade humana. Em um mundo que perdeu o sentimento de *respeito* ou antes, que só parece conserva-lo pelas coisas que se impõem pela violencia, pela astucia ou pelo escandalo, — és agora daquelles poucos que defendem, pela dignidade das tuas vestes sacerdotaes, o respeito pela fragilidade das coisas divinas e por isso mesmo occultas e sem defeza contra o sarcasmo dos homens.

Com o *espirito de santidade*, segunda invocação da Igreja ao Divino Paraclito em teu favor, dás um passo além. Já não é apenas no meio das coisas naturaes que o teu sentimento humano deve defender a tua dignidade sacerdotal. O espirito de santidade te eleva muito acima. Faz-te participante da vida divina e, ao mesmo tempo, sobrenaturalisa todos os teus passos na terra. Vives uma vida de ascensão continua. Palavras como *ascetismo* ou *mortificação*, que o mundo de hoje não póde comprehender, são aquellas que formam os termos mais frequentes do teu lexico de vida interior. Tens de provar ao mundo, cada dia, que a santidade não é uma vã palavra apenas e que o Santo, como tanto o faz crer o sophisma da nossa fraqueza, não é membro de uma especie diversa desta nossa especie humana, decahida mas regenerada.

A Igreja, porém, não pede apenas para ti a dignidade sacerdotal e o espirito de santidade. Não lhe basta a tua preservação do peccado e a tua ascensão na graça. Ella quer tambem te ver travar o bom combate. Pede expressamente para ti a *censura ao espirito do seculo*. Lança-te na via da regeneração das almas, da flagelação dos vicios, da denuncia publica dos peccados humanos. É a grande prova a que submete o teu espirito de santidade. Pois a formula sagrada accrescenta expressamente, que essa censura ao espirito dos seculo só póderás fazel-a *pelo exemplo da virtude*. É por nós

mesmos que tem de começar toda obra de critica e de regeneração. A censura ao espirito do seculo, que a Igreja exige de seus ministros, só é valida e fecunda quando elles se immunisam contra esse máo espirito e pódem dizer com desassombro e autoridade moral, as duras verdades que o seculo deve ouvir.

Eis o alcance da luva de desafio que a Igreja ordena aos seus clerigos que lancem ao espirito do seculo.

E finalmente, implora ella do Espirito Santo, para os seus sacerdotes, *o espirito de justiça*. Quando o mundo se deixa penetrar pela impiedade, os fortes esmagam necessariamente os fracos, os máos os bons. E' a transposição, para a especie humana, da lucta e da selecção brutal que domina a vida dos irracionaes. Só uma lei póde corrigir esse desvio das sociedades humanas: — a lei da justiça. E essa justiça, que dá a cada um o que lhe pertence por natureza, e corrige o desnivelamento das condições humanas, — é a ultima das qualidades que a Igreja pede para seus sacerdotes. Pois não é sufficiente castigar, com a palavra os males do mundo. E' preciso trabalhar para que elles se attenuem. E que uma sociedade mais harmoniosa succeda ás civilisações egoistas, como são todas aquellas que collocam os valores materiaes acima dos valores do Espirito.

Eis ahi as quatro qualidades moraes que a formula solemne do sacramento da Ordem pede para os novos sacerdotes. E basta passar assim summariamente os olhos por todas ellas, para se comprehender como, de facto, nunca foi tão accentuada, como hoje em dia, o contraste entre o espirito do sacerdocio e o espirito do mundo.

Grande, pois, é a responsabilidade que pesa sobre os teus hombros, P. Carlos Torres Pastorino. Maior, porém, é a tua alegria, estou certo. Começas agora a dar a nós outros os fructos da tua vocação.

E da vida de preparação laboriosa que levaste até hoje, — segundo a regra sublime da Igreja, que prepara longa e escrupulosamente, tanto o corpo, como o espirito dos seus filhos que se alistam nos postos de honra e de perigo, como o que hoje occupas — dessa vida de preparação interior saes agora para a vida de expansão e de applicação da seiva espiritual e intellectual que represaste nesses longos annos de estudo e meditação. Vais iniciar, portanto, o teu apostolado. Começas agora a semear os grãos do teu celleiro. E laboriosa ha de ser a tua tarefa, pois difficil é a terra que aqui vaes amannhar, nesta cidade onde nasceste e onde se encontra a vida mais intensa de toda a patria brasileira.

E' em Cicero, que vou encontrar, traçada em linhas que os seculos não envelheceram, a psychologia de uma cidade como a nossa onde vais começar a exercer o teu apostolado christão.

Eis o que escrevia então, o grande romano, sobre as cidades marítimas, como a nossa, tendo em mente os exemplos de Carthago ou de Coryntho: — “Ha nas cidades marítimas uma certa corrupção e transformação de costumes. Nellas penetram sempre novas linguas e novas idéas e importam-se, pelos seus portos, não apenas mercadorias estrangeiras mas ainda costumes adventicios, de modo que nada permanece de integro nos institutos patrios. Aquelles que moram nessas cidades, não se demoram em seus lares, mas são sempre arrebatados, pelo pensamento e pela esperança, para outros logares remotos de sua habitação e mesmo quando permanecem, physicamente, na cidade, têm a alma nomade e aventureira”. (De Re Publica. lib. II, cap. IV, § 7, 8).

Eis ahi como a alma do nosso Rio do seculo XX é descripta, em seus traços mais caracteristicos, por um romano de ha 20 seculos !

E' nesta cidade de alma cosmopolita, atrahida pelos horizontes marinhos ás cogitações sem rumo ou presa, pela belleza excessiva da paisagem ou dos habitantes, ás seducções da terra e da vida urbana, — é nella que vais por em prova, cada dia, os dons que te communicou o Espirito Santo.

Estou certo de que levarás avante a tua missão e que serás fiel, por toda a vida, á vocação maravilhosa que desde menino revelaste pelo serviço da santa causa de Deus. E essa certeza se torna então inabalavel quando vejo que continuás a ter comtigo a dupla providencia que sempre acompanhou os teus passos :

sobre a tua cabeça, essa Mãe de infinita misericordia, essa Mãe santissima, cuja providencia no céu, desde cedo te foi revelada por esse teu velho mestre e amigo, que vem ha tantos annos cuidando da tua vocação, como quem cuida de uma planta preciosa, o venerando P. Paulo Lecourieux, que a mim tambem concede a honra de sua amizade e que eu não podia deixar de evocar nestas palavras, como tendo sido um dos melhores guias da tua vocação; e finalmente, junto a ti, aqui presente, a tua mãe da terra, aquella para quem tens sido o que o mundo lhe deu de mais precioso para consolo dos seus dias e para recompensa das virtudes que te communicou, pelo sangue e pela educação.

Foi ella que te deu a vida e as qualidades moraes que possues. Foi ella que te encaminhou para esta casa. E se não foi ella que despertou tua vocação, pois nasceu espontanea desde os teus tenros *trez annos* de idade, foi ella que a animou, e a fez arder cada vez mais. E é ella que hoje chora lagrimas de alegria por ver a sua vida coroada pela mais bella das recompensas: um filho que dá a sua mocidade e a sua vida toda ao serviço de Deus e da Igreja.

Conta-se, lá na família, que em pequenino, logo que se accentuou a tua precoce vocação, — aos que te perguntavam — “Carlos, por que queres ser Padre?”, respondias: “Para *mandar* em minha Mãe”.

Hoje, se eu te perguntasse de novo: “Carlos, por que quizesste ser Padre?”, estou certo que me responderias, ao contrario, e em *duplo sentido*: “Para *obedecer* a minha Mãe”.

# CHRONICA FEMININA

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Quem assiste, de fóra, espectador leigo mas interessado — tanto mais interessado até, quanto mais leigo, tal a voga da sociologia — á dupla evolução da sociedade e da educação feminina, tem a estonteante impressão de que caminham em sentidos oppostos. Esperando, logicamente, um paralelismo, encontra-se um antagonismo. Antagonismo talvez apenas apparente, superficial, não resistindo a um exame mais profundo, de especialistas, talvez... Mas sciencias que se prendem ao desenvolvimento do homem e da sociedade devem estar, senão em sua parte technica, pelo menos em suas leis geraes, ao alcance do bom senso commum.

E, para esse, a contradição das duas correntes é patente.

Com effeito, com ou sem razão, decretou-se a fallencia do liberalismo.

Os famosos direitos do homem já não são sagrados nem intangiveis, e vão, cada vez mais, cedendo o passo aos direitos do grupo humano. Quer tendam á dictadura, á centralização do poder do estado, quer visem a supremacia de classes, todas as novas directrizes sociologicas exigem o sacrificio, das conquistas individualistas do seculo passado. Todas repousam sobre a absorpção do particular pelo geral.

Ora, é precisamente neste momento que a mulher vai sendo levada á auto-affirmação, ao individualismo.

Não sei se isso fará parte de theorias educacionaes, mas é o que vemos na pratica. Póde não ser ensinado explicitamente, mas está implicitamente contido nos resultados.

Antigamente, criavam-se as meninas para o casamento, para o nucleo familiar, portanto, para a maternidade que é a suprema renuncia. Este antigamente refere-se a hontem, tal a rapidez da transformação, e as consequencia de tal orientação estão ainda bem perto de nós para podermos aquilatar das suas vantagens e inconvenientes: a admiravel força de cohesão que dá o esquecimento de si propria, a grandeza moral, fruto do espirito de abnegação, mas tambem a dependencia total do homem arrastando todo um cortejo de miserias, o vasio das existencias daquellas que não alcan-

çavam a finalidade unica de serem esposas e mães. Em summa, uma educação que subordinava os direitos da mulher aos deveres da mãe; que desenvolvia as qualidades de dedicação em detrimento das possibilidades pessoais; que não buscava apenas a felicidade da moça, nem mesmo a sua formação individual, mas também e sobretudo a sua missão materna.

Isso foi o que se deu através todo o reinado de liberalismo. Paradoxalmente, agora que elle agoniza, ensinam a menina a pensar em si, cogitam das suas necessidades de ser independente, abrem-lhe novos rumos, onde a sua finalidade já não é unicamente transmittir a vida, mas viver, viver a sua vida, que não será incompativel com o casamento e a maternidade, mas não se dissolve nelles. Uma educação mais preoccupada com os direitos da mulher do que com os deveres da mãe. Também dessa direção já vamos podendo apreciar os resultados: maior aproveitamento das capacidades intellectuaes, maior iniciativa, maior coragem, enfim, uma eclosão mais perfeita da personalidade. A moça solteira já não é um destroço vegetando a expensas dos parentes, humilde e humilhada. Os paes de família já não se precisam matar de trabalho para sustentar filhas que ficam em casa bordando á espera de um noivo problematico. Sob o ponto de vista pessoal, o progresso foi consideravel. Mas o perigo é justamente este, de cuidar demais do ponto de vista pessoal.

Será um bem para a mulher ter tido o seu 89 com mais de um seculo de atrazo? Isso não a desequilibrará em lugar de sintonizar?

A sua grande funcção foi e será sempre a transmissão da vida, missão alta entre todas, mas fatalidade biologica que a obriga a restringir a sua actividade. A ser apenas mãe — e isso é muito — durante a gestação e a primeira infancia dos filhos. A sua libertação economica não estará intimamente ligada á libertação da maternidade, vindo desta e a agravando? Não será um erro, já não só no plano moral, mas também social, permittir-lhe fugir ao seu mais sagrado dever quando mais rigidas as fazem as exigencias da sociedade?

Sem duvida, é uma utopia querer voltar aos velhos moldes, não o devemos, nem o podemos tentar; a vida não é um phenomeno reversivel, e além disso, as condições da existencia não são as mesmas da epoca das nossas avós. Mas o caminho adoptado será o verdadeiro? Estarão as novas gerações femininas sendo condicionadas a uma sociedade cada vez mais exigente das suas prerogativas?

O cyclo de vida normal e honesta da mulher tem de se processar dentro dos limites a um tempo apertados e immensos da maternidade. Tudo o que a tira dahi é uma transgressão das leis naturaes. A sua acção social, se tiver de ser ampliada, só o póde ser dentro desse quadro. A formação que visa dar

ás moças mais independencia, corre o risco de lhes hipertrophiar o culto do eu, incompativel não só com o mister doloroso e nobre de ser mãe, mas tambem com as exigencias crescentes do meio.

A educação deve prover ao ajustamento da criança no seu ambiente. Ora, formar mocinhas que, mal sahidas dos collegios sonham ser dactylographas para obterem uma maior liberdade financeira e mesmo uma maior liberdade, "tout court", não é prepara-las para a vida. Ao contrario. A educação que visa a felicidade egoista da mulher pode acarretar a sua desgraça. Que ella trabalhe quando precisar, nada mais digno, e mais justo. Mas vendo nisso um novo encargo, compativel com os demais, subordinado ao da maternidade. E nunca uma evasão.

Por isso mesmo que tem de ser mais independente, necessita a menina de hoje de uma formação moral muito mais solidida, mais severa mesma do que a antiga, para não desvirtuar, não trair a sua missão. Os freios internos devem augmentar na razão directa da queda das barreiras externas. Ser livre é uma responsabilidade. Ser livre, em ultima analyse, é saber servir voluntariamente, conscientemente. E' ter o direito de abdicar da liberdade em favor de um mais elevado ideal.

E isso, essa noção intima, arraigada, do dever a cumprir, a educação moderna a estará inculcando na mulher?

Só assim a sua evolução se integrará na evolução social, só assim ella conciliará as suas recentes regalias e as suas velhas e inilludiveis obrigações.

# LETRAS CATHOLICAS

JONATHAS SERRANO

E. VILHENA DE MORAES — (do Instituto Historico) — "*O Duque de Ferro*" — Aspectos da figura de Caxias — 1933 — Calvino Filho editor.

Poucas figuras na historia geral, e certo nenhuma na historia patria, apresentam fé de officio tão longa, tão coherente e de tal valia para a causa da integridade do territorio nacional como Luiz Alves de Lima e Silva. Caxias é sem contestação possivel o vulto maximo do nosso passado militar. Fazer-lhe a biographia é acompanhar a propria historia nacional desde as primeiras horas de vida independente até á plenitude de sua expansão.

Fadado por benigna estrella, já no predestinado local de seu nascimento, teve o Pacificador a ventura suprema de jamais ser vencido. E est'outra, não menos invejavel: a de sempre assegurar com suas victorias a conservação da unidade nacional.

Soldado perfeito, lutou somente pela ordem e pela justiça. Com menos de 20 annos, ensaiava as armas em 1822 na guerra da independencia. Desde então, jamais inflectiu em sua directriz. No cyclo das revoluções que enchem a primeira decada do segundo reinado, é Luiz Alves o vencedor de todas, abstracção feita da Praieira. Nem se sabe quem mais admirar: se o chefe militar ou o cidadão generoso. Porque este, como aquelle, se confundem na sua individualidade excepcional: mesmo entre a fumarada e os estrondos do bombardeio, Caxias não olvida que todos são irmãos, filhos do mesmo Brasil.

No cyclo das guerras externas, culmina a sua influencia na phase mais difficil da mais encarniçada campanha, naquella Dezembroada estupenda, que bastaria para immortalizá-lo.

Sentinella da Ordem, em longa e refulgente carreira inicia-se com o proprio despertar da nacionalidade e attinge o apogeu do Imperio. Sua patente de alferes tem a assignatura

autographa de D. João VI, pouco antes de partir definitivamente de terras brasileiras. A primeira vez que a espada de Luiz Alves se desembainhou foi em pugnas gloriosas da Bahia, pela causa da emancipação nacional. Fiel a Pedro I, até o 7 de Abril, foi Lima e Silva o braço direito de Feijó na Regencia.

No governo de Pedro II, em constante ascensão de incomparáveis meritos, elevou-se á culminancia inattingida. E o tributo que o singularizou Duque exprime bem em sua unicidade o merito sem par que o extremou excepcional em nossa historia.

\* \* \*

A obra de Pinto de Campos dorme nas bibliothecas o somno das velhas paginas esquecidas. Afora as citações occasionaes, ninguem se preocupa de modo especial com biographo e biographado. Só em 1926 um volume de Solidonio Leite procurou arrancar do olvido a figura do autor da "Vida do Duque de Caxias".

Já antes porém do trabalho de Solidonio Leite sobre o esquecido biographo, o insigne biographado vinha sendo objecto de estudos pacientes e laboriosos de outro confrade do Instituto. E hoje, no Brasil e fóra d'elle, ninguem se pode em verdade ufanar de conhecer as multiplas faces da polyedrica individualidade de Caxias como o dr. Eugenio Vilhena de Moraes.

\* \* \*

Escrevia eu, ha sete annos, estas palavras, de que ainda agora não me arrependo: "Tem apenas o dr. Vilhena de Moraes gravissimo defeito: a excessiva modestia, o escrupulo exaggerado, que o leva a não publicar em volume os trabalhos já concluidos, pesquisando sempre, corrigindo e repolindo, na febre da perfeição, privando-nos do muito bom por essa aspiração quasi morbida do ultra-optimo. O seu livro sobre Caxias não deveria tardar mais; desconfio entretanto que será preciso roubar-lhe os originaes e publica-lo á sua revelia".

Somente agora, de facto, ao cabo de tantos annos, é que enfim se resolve o paciente historiador de Caxias a publicar o fruto de suas exhaustivas pesquisas em manuscriptos e de suas eruditas e não raro surprehendedentes conclusões criticas a respeito de certos episodios.

Ha mais de um decenio, todavia, a fecunda actividade do dr. Eugenio Vilhena de Moraes se vem traduzindo em oportunas e felizes realizações. Deve-se-lhe, por exemplo, a iniciativa das commemorações especiaes, que desde 1922, têm sido tributadas no "Gladio da Patria" e de que o Dia do Soldado, a 25 de Agosto, foi consequencia natural. Dou meu

testemunho pessoal no caso: Vilhena de Moraes me confiou em palestras longas, desde a primeira idea que teve a respeito, as propostas e os meios projectados para consecução daquelles objectivos. E naquella occasião, aqui no Rio, ninguem cogitava do assumpto, nem na imprensa, nem na tribuna, nem nos meios eruditos, nem nas rodas militares. A Vilhena de Moraes, entretanto, pouco se lhe dá de receber applausos immediatos. Na sombra e no silencio do gabinete, ou soprando o pó dos archivos, a deletrear vetustos manuscriptos, perseverante como um beneditino e curioso de minucias como um germanico, encontra a melhor das recompensas na justa apotheose do seu proprio Heroe.

Por intermedio de sua abnegada e infatigavel constancia, puderam assim chegar ao Instituto Historico mais de sessenta preciosissimos documentos relativos á longa e fecunda existencia de Luiz Alves de Lima e Silva. Dádiva inestimavel, que só homens da tempera de Vilhena de Moraes sabem olhar com a visão superior e desinteressada do verdadeiro sacerdote da Historia.

\* \* \*

Os trabalhos anteriores do autor do presente volume, qual mais erudito e frutos elles todos de pesquisas pessoaes, a fugir sempre da repetição trivial do elementar e já sabido, comprovam a finura de analyse, o senso da interpretação rigorosa dos textos e a impecavel elegancia moral desse historiador catholico, em genuina accepção dos vocabulos.

Fôra bastante recordar alguns dos typos estudados por elle, com maior ou menor desenvolvimento: Santa Rita Durão, Cayrú, Bartholomeu de Gusmão, Feijó e — acima de todos e mais do que todos—Caxias. A propria selecção dos vultos é significativa.

Note-se que Feijó sai das paginas de Vilhena de Moraes, não direi demolido mas reduzido ás verdadeiras proporções. Historia é sciencia e não sentimentalismo romantico ou patriotico. Os homens são o que são e valem pelo que foram e não pelo que entendemos de affirmar que tenham sido. Para admirar a Feijó não havemos mister falsear-lhe o vulto, hypertrophiando-o ou mutilando-o. E' mais commodo repetir o que já se disse e reforça-lo, encomiasticamente. Mas a verdade historica exige outros rigores e escrupulos. E Vilhena de Moraes não recua deante de taes exigencias.

*O Duque de Ferro* “não é, nem pretende ser”, como nos affirma em nota luminar o proprio autor, “uma biographia completa, systematizada, do Duque de Caxias”. “Nem muito menos, — accrescenta — uma biographia romanceada”. São alguns aspectos, rigorosamente exactos, mas interessantissimos, pensamos nós, da vida agitada e fecunda do “Ve-

xilario da Patria". Aqui nos apparece um Caxias que muitos ignoram ou fingem esquecer, "christão de fé robusta". Surge aqui, atravez da correspondencia intima, um esposo amantissimo, qual no-lo revela aquelle fecho da carta de 10 de Agosto de 1840, escripta do acampamento da Vargem Grande, no Maranhão (*Tal é o cuidado que me dás e o amor que te tenho que cheio de trabalhos me não esqueço de ti*). Um Caxias que se pode, sem hypothese censuravel, dadas as differenças de meio e proporções de scenario, comparar em multiplos aspectos ao grande Foch. Quem o sabe ou o poderia prever? Até com Caxias, não direi poeta, mas que teve os seus peccados veniaes (não fosse elle brasileiro?) em estrophes de mediocre inspiração.

Escolhendo, com tão feliz preferencia, para assumpto central e já agora inesgotavel da sua obra de historiador a figura empolgante de Caxias, natural é que Vilhena de Moraes, com toda a sua admiravel capacidade critica e senso exacto de exegeta, nem sempre logre fugir de todo á seducção do seu heroe. E' typico, penso eu, o caso do capitulo VIII. O episodio que Moreira de Azevedo registrou, entre Caxias e o chefe da revolta de 3 de Abril de 1832, (*Fogo, Miguel!*) não se afigura ao autor do *Duque de Ferro* acceitavel do ponto de vista psychologico. Prefere (e insinua, com habilidade persuasiva, "e com certeza tambem o leitor) a narrativa singela de Pinto de Campos, que não allude ao incitamento de Caxias a Miguel para que fugisse. Mas o proprio Vilhena de Moraes é quem nos confessa que o seu ponto de vista é "ethico e esthetico". Por subtil e bem conduzida que seja a argumentação subsequente, "on reste songeur..." E' porventura a seducção caxiana...

\* \* \*

Em nossa epoca é a historia — aqui e alhures, romançada, falseada ou falsificada e os leitores, ignorantes sem defeza, ingerem — não raro satisfeitos — muito gato por lebre. Em jornaes, revistas e livros de todos os formatos ha especialistas que sabem ás mil maravilhas preparar excellentes pratos ao sabor da freguezia. Alguns pesquisadores já mortos e sem assistencia judiciaria que os defenda, são impunemente saqueados em seu espolio para o varejo dos retalhistas. Se as cinzas de Vieira Fazenda, por exemplo, pudessem protestar?

Felizmente nem tudo está perdido, como dizem com gravidade certos directores de opinião. E aqui temos, digo eu, uma demonstração magnifica nos livros de Vilhena de Moraes: profundamente honestos, vernaculamente escriptos e capazes, em assumptos velhos, de nos ensinar algo de novo.

# CHRONICA DE ARTE

ESCUPTORA ADRIANA JANACOPULOS

JOSE' MARIZ DE MORAES

I) — A arte de Adriana Janacopulos é qualquer coisa alem, ou pelo menos á margem, do nosso meio. Não me atreveria por isso a classificar de brasileira esta arte — que, longe de ser nacional é eminentemente universal. Adriana, porem, descendente de gregos, nasceu no Brasil. E aqui vive actualmente num trabalho incessante, produzindo sempre; num constante heroismo.

Conheci-a ha pouco mais de um anno, numa viagem que fizemos juntos. Voltava de Paris, onde vivera cerca de 18 annos; e as inevitaveis conversas de bordo nos approximaram muito. Desde então as suas idéas serissimas acerca do movimento artistico moderno causaram-me profunda impressão. Pareceu-me logo tratar-se de uma mulher que vinha constituir excepção entre nós. Uma especie de Lucia Miguel Pereira da esculptura.

Pouco depois, sua primeira exposição no Palace Hotel confirmava a minha previsão. Adriana é realmente uma excepção brasileira.

II) — Naquella exposição, quasi toda de bustos-retratos, figuras de uma serenidade sobria, de uma technica simples, as primeiras coisas que se destacavam eram um profundo senso de totalidade, e uma vigorosa unidade de impressão. Exactamente as duas coisas que a critica deliciosa de Baudelaire já accentuava ha muitos annos atrás como basicas na verdadeira esculptura. E isso trahia, na obra de Adriana, uma força prodigiosa, quasi masculina; ou pelo menos essencialmente esculptural.

A esculptura é a mais vigorosa de todas as artes. A que exige mais força do artista. Na verdade, só muita força é capaz de dominar numa sinthese as tres dimensões da materia informe, elevando-a á categoria de obra de arte. Talvez por isso seja a esculptura a menos feminina de todas as artes.

III) — Não basta a força á escultura. Impõe-se o equilibrio. E o equilibrio, aqui pelo menos, tem que ser a força ordenada. Para ordenar a força o artista tem que subjugar a ordem (subjuga-la apenas, não destrui-la); o que só consegue mediante uma rigida disciplina interior. A escultura não permite os devaneios liricos. Nella o espirito se restringe á expressão de idéas e sentimentos por meio do estrictamente visivel. Por isso, a sua linguagem de massas tem que ser uma linguagem essencialmente numerica, ordenada e serena.

IV) — Aqui Força e Numero se defrontam numa luta dramatica. Aqui tambem entre a materia informe e a belleza artistica se interpõe o artista como um traço de união entre pontos oppostos, como um laço de carne entre dois inimigos. Não se limite, porem, a este equilibrio a obra do escultor, que não é um simples trabalho de mera conciliação. Sua criação vae mais longe. E' ao mesmo tempo uma verdadeira luta, onde o espirito toma parte activa. Luta onde o artista ataca a materia em favor da belleza artistica. E onde esta vence por intermedio do Numero. Antes, porém, numa luta previa, ao artista se impõe vencer o proprio Numero. Este só é arma quando dominado intelligentemente pela sensibilidade artistica. Vencedor, o Numero é um inimigo temivel: capaz de gerar o academicismo que nada tem que ver com a belleza artistica.

V) — Adriana soube vencer o Numero, e converte-lo em arma docil. A sobriedade das suas figuras é perfeita como uma equação. Mas não é fria como um soneto academico.

A arte é a corporificação dos instinctos ordenados; a geometrização da carne. Por isso mesmo é um equilibrio — drama permanente. O predomínio da geometria acarretará a esterilização dos instinctos, da força, da vida e a morte da arte, pela mumificação academica. Por sua vez a hipertrophia da carne trará a desordem dos instinctos, e tambem a morte da arte pela violencia cega, pela força desequilibrada. Em ultima analise, o mesmo equilibrio entre o Numero e a Força (a força espiritual, sobretudo) aqui apparece. Apparece tambem convertido em acção nos trabalhos de Adriana Janacopulos.

Para ella a arte é uma nova criação da vida. Uma fusão subjectiva do que existe objectivamente. Por isso os seus retratos são syntheticos, fortes, nitidos, Sem os meios tons impressionistas que acarretaram, com o esquecimento da visão do conjunto ordenado, a desordem rodiniana. Seus retratos-bustos *parecem-se* com o original. Apenas não se limita a sua missão a essa simples parecença photographica. Tem uma finalidade mais nobre, mais artistica. A finalidade da escultura em si: que é a expressão de uma idéa, de um

sentimento, capazes de serem formulados por uma relação visível entre planos e *massas*. O original, o retrato é aqui apenas um pretexto.

Afóra os bustos-retratos de Adriana, poderíamos falar das suas *maquettes* de tumulos e monumentos. Para Graça Aranha, Santos Dumont, Felipe de Oliveira, etc. Iriamos, porém, longe de mais. Accresce que ainda são *maquettes*. Esperemos que passem do projecto á realização em pedra e bronze.

Adriana já foi comparada a Despiau, á Chana Orloff. Lipchitz proprio a considerou grega.

Ao meu ver, porem, as raizes artisticas de Adriana Janacopulos vêm de muito alem da Grecia. Vêm do Egypto, se quizerem. Ella é, eu assim acho, eminentemente egypcia. Pela grande unidade de fórma, pela nitidez e simplicidade de linhas, e pela massicês das suas figuras, que, talhadas em blocos, chegam quasi a tocar ás raias do architectonico.

# SECÇÃO UNIVERSITARIA

A. U. C.

## REFLEXÕES SOBRE O SENTIDO DA VIDA

L. A. A.

Denunciava, num dos volumes de "estudos", o sr. Tristão de Ataíde aquilo que em nossos dias constitue, por assim dizer, a arma de combate e o estandarte do anticatolicismo moderno: — a afirmação de que a disciplina cristã, a concepção católica da Vida seja alguma coisa paradoxalmente contraria á propria Vida. Nada mais falso. Nem mais generalizado e fundo, porém. Coisa instintiva a que muitos procuram ligar uma responsabilidade científica e systematica que a valoriza. (Faz pouco que um vago entrevistado do antigo *O Jornal* tambem lançasse sua opinião sobre a concepção católica da vida. E fulminara a Igreja como aniquiladora dela. O curioso é que, na entrevista, que versava um grave problema de deontologia medica, era o nosso heroe fogueiramente favoravel á... matança dos doentes). Tactica infeliz dos que desejam desacreditar a Igreja como suprema Orientadora dum mundo que escapa ás dimensões comuns dos nossos sentidos externos.

Para contradizer a tal desconhecimento dum plano transcendente, o destacado critico teve oportunidade de analisar a obra dum Jacques d'Arnoux e a dum Joseph Dimier. Isto nos levou a conhece-las tambem. E o que logo transpareceu foi justamente a opulencia singular daquillo que poderiamos chamar verdadeiramente a Vida, pois esta é uma totalidade a que nada deve fugir, e na qual toda limitação equivale a um truncamento aniquilante. Quem leu esses testemunhos varonis da alma cristã ha de compreender que conceito ecumenico da Vida é por força uma expressão do heroismo transcendente vivido laboriosamente em cada momento, pois o sacrificio é para o católico um estado habitual que se prolonga e não um episodio descontínuo. *Paróles D'un Revenant*, de D'Arnoux e *Un régulier chez les joyeux*, de Dimier, servem para revelar subitamente á miopia superficialista toda a realidade cubica dum mundo cujo volume só se defi-

ne plenamente á geometria lucida da Fé. Maritain resumia todo o *programma* cristão da Vida na sintese completa da "vie selon l'esprit" e da "vie selon les sens" (*Dialogues*. In Col. *Le Roseau d'Or*). Todo exclusivismo unilateral seria um erro. Ou melhor e mais precisamente, uma desordem. E isto é que não podem compreender aquelles para quem só pesa o valor que é reductivel ás medidas grosseiras dos sentidos. Ou os que tanto se destacam destes, que ha igualmente uma ruptura da hierarquia, não menos perturbadora no equilibrio. Nunca somos tanto nós mesmos como quando nos ultrapassamos. E isto só se cumpre de todo quando superamos os sentidos. Ha um trecho de Reverdy (em quem Schwob sentiu o "estofado dum santo"), que eu não resisto a tentação de transcrever: "une preuve de la réalité des choses invisibles réside en ce qu'elles sont constamment en question, n'ayant jamais été vues, palpées, et qu'elles sont d'autant plus en question que l'intelligence s'étend, que l'esprit se perfectionne. L'esprit s'éleve et les choses visibles perdent de leur importance. C'est que, si l'esprit domine en nous, il nous rapproche des choses qui sont de sa nature. Si ce sont les sens, nous restons engagés plus bas. (*Le gant de Crin*). Por isto é que a pedra de toque da alma cristã, conciente ou não, é este "germe de grandeza" que se chama o sentido, a "atração" do infinito. A Vida não é uma coluna decepada, mas uma continua integração do "outro lado", que a transfigura sempre sem adultera-la nunca.

Todos conhecem D'Arnoux. Menos numerosos talvez, os que leram Dimier. E este é realmente uma figura nobre de jovem cristão. Lançado violentamente, e sem conhecimento previo, naquella aventureosa e terrivel Legião Extrangeira — de que o americano Bennett Doty nos deu um tão fiel retrato e um tão novelesco reflexo, — Dimier, intellectual e filho de escritor, alma forte mas delicada, sofreu um choque brutal que jamais haverá de desaparecer. E mal poudo voltar daquelle inferno, só tratou de escrever o livro dramatico, para então recolher-se ao silencio fecundo da Trapa. Saído da Legião Extrangeira dos homens, onde não respirava a atmosfera adequada, Dimier meteu-se na Trapa que Paul Morand chama pitorescamente e aqui vem a proposito — "cette légion étrangere de Dieu", donde só sairá para escrever o poema do Amor sem Fim...

Queria lembrar, para que resalte o contraste, a attitude oposta deante da Vida. Um exemplo literario que signifique algo de extremamente humano e sincero. Ha centenas. Eloquentes. Expressivos. E ao apêlo da memoria, acóde-me, leitor retardado, a figura caracteristica de Inocencio, do nosso Enéas Ferraz, em "Adolescence Tropicale". Inocencio não é um episodio singular, é toda uma attitude, é toda uma filosofia da Vida.

O Brasil conheceu também um exemplar prodigioso desse *heroísmo* que se tornará um dia, como diz Maritain, "a única solução dos problemas da vida" (*Prim. Du Spir.*). Foi Jackson de Figueiredo. E essa humanidade violenta, que é o núcleo da lição jacksoniana, é exatamente a medida da extensão que nelle tomou o sentido da Vida. É o sentido de Deus. Tem razão Schwob quando expõe sua idéa do "vacuo" das almas, onde Ele toma o tamanho que elas mesmas têm. Por isto foi que na economia espiritual de Jackson tomou Deus um vulto que raramente vemos. Ele ilustraria, por si só, com vigor, toda uma afirmação da plenitude cristã deante da Vida.

## ACTOS DO CONSELHO DIRECTOR

### COMMUNICADO N. 1

1.º — Tendo resignado seus cargos, por motivos de saúde, o Presidente Dr. Paulo Sá e o Vice-Presidente Sr. Rubens Porto, foi convidado a ocupar o cargo de Presidente o Dr. Alceu Amoroso Lima, presidente do Centro D. Vital, que o acceitou a titulo interino e com plenos poderes.

2.º — Continuam em vigor os Estatutos e o Regimento Interno, em tudo o que não fôr expressa ou implicitamente alterado pelos Actos do Presidente Interino e do Conselho Director.

3.º — Cabem ao Presidente interino as novas nomeações para todos os cargos, que serão exercidos a titulo precario e emquanto bem servirem os seus occupantes.

4.º — O Conselho Director passa a constituir-se do seguinte modo:

- uma Commissão Administrativa;
- uma Commissão executiva.

A Commissão Administrativa constará dos seguintes cargos:

Vice-Presidente, Secretario Geral, 1.º Secretario, The-soureiro e Bibliothecario.

A Commissão Executiva constará dos seguintes:

- Encarregado dos circulos de preparação;
- Encarregado dos circulos de irradiação;
- Encarregado dos departamentos das Escolas;
- Encarregado da Redacção e Propaganda.

5.º — O Presidente e o Vice-Presidente demissionarios terão assento no Conselho Director, nas mesmas condições dos demais membros.

6.º — As duas commissões, presididas pelo Presidente Interino trabalharão em conjuncto, dentro das respectivas funcções dos seus cargos, e reunindo-se semanalmente. Havendo necessidade poderá o Presidente reuni-las separadamente, o maior numero de vezes.

7.º — As resoluções serão tomadas pelo Presidente Interino, ouvidas as duas commissões.

8.º — O Presidente Interino nomeia para esses diferentes cargos:

para Vice-Presidente — Sr. Moacyr de Oliveira

para Secretario-Geral — Dr. Frederico Monteiro de Barros.

para 1.º Secretario — Sr. J. C. Isnard.

para Bibliothecario — Sr. J. M. Penido.

para Thesoureiro — Sr. Jorge Dale.

para Enc. Circ. de Prep. — Sr. Jovino Irineo Joffily.

para Enc. Circ. de Irrad. — Sr. E. Hasselmann.

para Enc. dos Dep. de Escolas — Sr. Renato Accioly.

para Enc. da Red. e Prop. — Sr. A. Brito Pereira.

Supplentes — Srs. Haroldo Mattos, Francisco de la Roquette e Henrique Penido.

9.º — Ficam creadas 7 (sete) series de Circulos de Preparação, a saber:

a) Sciencias sociaes

b) Sciencias naturaes e medicas

c) Philosophia

Mathematica

e) Acção social

f) Piedade

g) Hygiene e Sports.

10.º — Ficam creadas duas (2) series de Circulos de Irradiação, a saber:

a) para operarios

b) para estudantes.

11.º — A presidencia de todas as commissões e circulos será entregue a membros do Centro D. Vital, que trabalharão sempre de accordo com o encarregado da respectiva secção, ficando responsaveis perante o Conselho Director pela efficiencia do seu funcionamento.)

12.º — São designados para esses cargos os seguintes Srs:

(Para os *Circulos de Preparação*: Superintendencia — Dr. Luiz Sucupira.

a) Sciencias Sociaes — Dr. H. Sobral Pinto.

b) Sciencias naturaes e medicas — Dr. Leopoldino Guerra.

c) Philosophia — Dr. José Carlos de Mello e Souza.

d) Mathematica — Dr. Joaquim Ribeiro de Oliveira.

e) Acção Social — Dr. A. A. Lima.

f) Piedade — Durval de Moraes.

g) Hygiene e Sports — Dr. Xavier Pedroza.

Para os *Círculos de Irradiação*:

Operarios e Estudantes — Dr. Hamilton Nogueira.

Para o *Departamento das Escolas*:

Dr. Alcebiades Delamare.

Para a *Redacção e Propaganda*:

Dr. Claudio Ganns.)

13.º — Assim que fôr possível será iniciada a publicação de uma revista mensal ou quinzenal da A. U. C., sendo designado para fazer os estudos necessarios o Sr. José Mariz de Moraes.

14.º — Ficam abertas durante 30 (trinta) dias as inscripções, na Secretaria, para todos os circulos acima apontados, sendo que os circulos de preparação não poderão actualmente ter mais de 15 (quinze) membros, não sendo fixado o limite para as inscripções nos circulos de irradiação.

15.º — Ficam designados para membros da secção de Redacção e Propaganda, os seguintes srs.: Frederico Reis Coutinho, Emmanuel Martins e José Sá.

16.º — Ficam designados para representantes da A. U. C. em cada escola e chefes dos respectivos departamentos os seguintes Srs.

na Escola de Medicina — Sr. Gama Lima.

na Fac. de Direito — Sr. Francisco de La Rocque.

na Escola de B. Artes — Sr. Rubens Porto.

na Escola Polytechnica — Sr. Renato Accioly.

na Acad. de Commercio — Sr. Christiano Ottoni.

na Esc. de Agricultura e Med. Veterinaria — Sr. Evaldo Machado Brandão.

na Fac. Hannemaniana — Sr. Hudson Buck.

17.º — A reunião semanal da A. U. C. é transferida de Quarta-feira á noite, para Sabbado ás 16 ½ horas.

## REGISTRO

### UMA PEREGRINAÇÃO DOS SEM TRABALHO

Um grande jornal londrino, "The Universe", tomou a iniciativa de promover uma subscrição destinada a organizar uma peregrinação, a Roma, de trabalhadores desempregados, no presente Anno Santo. O "Osservatore Romano", reproduzindo essa noticia, applaude a feliz iniciativa e incita os catholicos dos outros paizes a que sigam o exemplo de seus confrades britannicos.

E' incontestavel que a idéa de "The Universe" é generosa e suggestiva. E' generosa porque vae proporcionar a um certo numero de trabalhadores em luta com a immerecida miseria, receber da bocca do proprio Pae espiritual da humanidade a palavra de consolo e de resignação de que tanto necessita para alento de sua vida na presente tribulação. E' suggestiva porque vae dar ensejo ao Santo Padre de acolher sob o seu tecto paternal os representantes dessa multidão de filhos em desgraça, que constituem a preocupação mais profunda e a dor mais viva do actual Pontifice.

Demais, que bello, que commovedor espectaculo não seria o dessas embaixadas de soffrimento, vindas de todsas as partes, de todos os continentes, de terras proximas e de terras longinquas, de paizes de sol ou de neves, para apresentar ao Vigario de Christo a homenagem das lagrimas e das supplicas de milhões de lares desditados!

Ah! si os catholicos de todo o mundo se empenhassem em semelhante commettimento, em uma obra de tal magnitude, teriamos a fortuna de assistir á repetição daquella maravilha da multiplicação dos cinco pães e dous peixes com que o Divino Mestre saciou as turbas que o acompanharam ao deserto!

### HITLER E OS CATHOLICOS

O advento do "Racismo" ao poder na Allemanha, foi objecto de serias apprehensões para os catholicos de todo o mundo. Essas apprehensões se justificavam em virtude da propria ideologia dos "nazzis", fundada no absolutismo estatal, e ainda pela historia das relações das organizações de Hitler com o Centro Catholico, tão prodiga de incidentes e conflictos.

Felizmente esse ambiente de prevenções encontra-se agora desanuviado. A declaração ministerial de Hitler, no Parlamento e, o apoio conferido pelo mencionado Centro á Lei de Plenos Poderes são factos que induzem a concluir que, ao menos quanto ao presente, nada têm que temer do seu Governo, os catholicos allemães,

O discurso de Hitler na abertura do Reichstag, todo o mundo o sabe, pode ser considerado como modelo de temperança de linguagem e moderação de propositos para com as organizações que se mantiverem dentro da ordem, no paiz. E tambem já é sabido que ao firmar os marcos da sua politica religiosa, reconheceu o Catholicismo como um dos factores daquellas virtudes da jovem Allemanha, que seu Governo, segundo affirma, foi chamado a desenvolver.

Estamos certos de que as palavras de sympathia do caudilho da nova Germania se concretizarão em factos positivos. Não olvidemos que o assentimento do Centro Catholico á Lei de Plenos Poderes foi precedido de exhaustivas negociações entre o chefe do "Racismo" e Monsenhor Kaas, presidente do referido Centro. E não se pode deixar de acreditar que essas negociações tenham stido como objecto, principalmente, assegurar á Igreja, em seu culto e em sua acção social, toda a independencia. Alem disto, a solida organização de nossos confrades naquelle paiz, por si só, constitue uma garantia de respeito aos seus direitos.

AS DUAS FACES DO PROTESTANTISMO YANKEE

Uma cousa é o Protestantismo americano nos Estados Unidos e outra é o mesmo Protestantismo nos paizes onde faz sua propaganda, com especialidade nos paizes catholicos. De facto, não deixa o Protestantismo, ali, de combater o Catholicismo. Esse combate, entretanto, costuma ser elevado, no campo dos principios. E não impede aos seus ministros de, uma vez por outra, fazer justiça á Igreja Romana. Não soffre desse prurido de sectarismo anticatholico, que caracteriza o mesmo protestantismo em outras paragens.

Esta conclusão resalta das predicas de pastores eminentes. Ainda ha pouco tempo um desses predicadores, Mr. John Haynes Holmes, falando na Community Church, em 27 de Fevereiro ultimo, referindo-se ao Papa actual, fez-lhe um caloroso elogio. Declarou reconhecer em Pio XI "um dos maiores homens de Estado que governam o mundo actual", e acrescentou que "não se fizeram appellos mais nobres pela paz, nestes ultimos tempos, que os que contém as recentes encyclicas do Santo Padre".

O "New-York-Sun", periodico dos de maior circulação nos Estados Unidos, a despeito de ser fundação de um judeo

e de seus sentimentos protestantes, dedica um editorial ao recente discurso de Pio XI aos pregadores da Quaresma em Roma e conclue com estas respeitosas palavras: "Si os homens, por uma graça especial, podessem se elevar, ainda que por momentos, ás ineffaveis alturas de concentração espiritual a que o Papa os convida, seria isso uma grande benção para todos".

Assim, pois verifica-se que ha uma differença sensível, de mentalidade e de processos, entre os protestantes americanos residentes em sua patria e os que pelo mundo a fóra, disfarçam com a Biblia a propaganda economica e politica da industria e das finanças yankees.

#### CURSOS DE ACÇÃO CATHOLICA

Não se contesta que o catholico tenha o direito de aspirar a ser maioria, e mesmo totalidade, em toda parte. A Igreja não existe para um grupo de privilegiados porém para toda a humanidade, pois Jesus Christo derramou seu preciosissimo sangue e morreu na Cruz para resgatar todo o genero humano. Não obstante, essa aspiração não deve constituir, para nós outros, uma obcessão. Porque afinal que vale ao Catholicismo ser maioria aqui ou ali si seus membros não têm idéa precisa dos seus deveres para com Deus, nem consciencia social formada dos seus direitos e obrigações religiosas?

Deste modo, nosso maior empenho consiste hoje em formar minorias selectas, perfeitamente inteiradas das exigencias de sua fé, portanto aptas para orientar os varios sectores de sua provavel influencia no sentido da unidade espiritual.

Ninguém ignora que por falta desses nucleos de direcção e resistencia frequentemente se constata a inefficacia das actividades catholicas em tantos lugares. E mais ainda, a deserção de tantos elementos de nossas fileiras, que fazem mais damno á Igreja que o ataque dos que nunca pertenceram á sua communhão.

Estas considerações põem em relevo a necessidade de formar os ditos grupos de selecção, perfeitamente instruidos quanto aos objectos de nossa fé e quanto á posição da Igreja em face dos problemas de actualidade.

No Velho Mundo fundam-se e multiplicam-se cursos de Acção Catholica especializados segundo a esphera social a que a acção se dirige: operarios, domesticos, culturaes, de beneficencia, etc. Fundados, a principio, para os nacionaes de seus paizes, passam tomar character internacional, admitindo alumnos de outras nacionalidades. Dentre elles merecem especial referencia os que a Acção Catholica belga fundou em Bruxellas, especialmente os femininos, em que se educam para o apostolado social em seus respectivos paizes, numerosas moças da melhor sociedade europeá.

**MEDICINA OU ZOOTECHNIA? . . .**

O Padre Laburu, em recente conferencia para medicos, dentistas e pharmaceuticos, feita em Madrid, situou com exactidão a sciencia que o commum dessas classes exerce, na enganadora illusão de que presta culto á Medicina. E' sabido que o grosso das classes acima assignaladas, não tem outra preocupação que não sejam as relacionadas com a parte puramente material da sua sciencia: ultimas novidades dos laboratorios, novos processos chirurgicos, theorias engenhosas para proporcionar ao homem uma saude perfeita. Para o medico, em geral, não existe mais que o homem physico. O aborto medico, o controle matrimonial, a "euthanasia", a limitação da natalidade, a eugenia, tudo isso prova que a sciencia dos modernos sanitaristas desconhece que o caracter especifico do ser humano é sua racionalidade, o que equivale a dizer: sua espiritualidade. Do que conclue o orador, muito logicamente, que essa gente labora em um deploravel equivoco. Querendo fazer Medicina, faz apenas, boa, sabia e pura zootechnia . . .

**RUSSIA ENTREGA OS PONTOS . . .**

A Russia sovietica, é sabido, foi prodiga em promessas. E entre os seus mais commovedores accenos á humanidade está, ou melhor dito, estava o de organizar uma nova ordem social de tal modo generosa e seductora que tornasse inutil a existencia das forças armadas. Tambem neste particular suas promessas falharam. E como para melhor accentuar esse fracasso, acontece que precisamente a Russia sovietica sustenta o maior exercito dos nossos dias . . . Sem embargo, ainda que o conhecido Exercito Vermelho seja um dos maiores e mais bem municiados de nosso tempo, nem por isto é dos mais efficientes. Ainda ha poucos dias Kerensky affirmava que tal exercito é magnifico . . . para as paradas de Moscow. E adiantava que tanto era assim que, a despeito delle os japoneses poderiam fazer o que quizessem no Oriente sem que a Russia se animasse a criar-lhe o menor embaraço. E a asserção de Kerensky acaba de receber uma ruidosa confirmação. Com effeito, já foi oficialmente noticiado que a Russia propoz ao Governo de Manchukuo vender-lhe seus direitos sobre o ferro-carril do Este chinez. Quer dizer, forçada pela pressão japonesa, ella renuncia a interesses pelos quaes tanto se bateu em todos os tempos e mesmo na vigencia do regimen communista dado que essa renuncia significa a cessação de uma fonte de renda apreciavel, e, mais que isto, equivale á fallencia de toda a sua politica e de todas as suas pretensões no Extremo Oriente.

O DIREITO DOS PAES E  
DA RELIGIÃO...

O Ministro do Interior allemão, reuniu recentemente em Berlim os titulares da instrucção publica dos diversos Estados germanicos com o fim de assentar com elles o plano geral de ensino, que o novo Governo quer estabelecer para a nação. Em seu discurso-programma, firmando as bases a que dito ensino se deve sujeitar, fez as seguintes declarações: "Não quero diminuir nem reduzir a parte que corresponde aos paes no ensino dos seus filhos. Ao contrario, julgo que se ha de prestar acatamento á grande idéa de que a autoridade dos paes sobre seus filhos é inherente á da educação da familia. Uma ordem social san repousa essencialmente sobre uma ordem familiar sã". E acrescentou: "Segundo affirmou o Chanceller em seu discurso no Parlamento, o Governo nacional considera a manutenção das igrejas christãs como o facto mais importante para a conservação e progresso do nosso povo. Assim, se lhes concederá e assegurará a participação que corresponda a suas igrejas na escola para a educação christã da juventude".

CONSEQUENCIAS MODER-  
NAS DA PERSEGUIÇÃO RE-  
LIGIOSA

O deputado democrata, Sr. Black, apresentou á Camara americana, de que faz parte, uma indicação afim de que na Conferencia Economica Mundial os representantes yankees recusassem qualquer accordo com os Governos dos paizes em que se verifique existir uma politica de perseguição religiosa. E nomeia como incidindo presentemente em tal disposição a Allemanha, a Espanha e o Mexico. Dos tres paizes citados, si alguma duvida póde subsistir em relação á attitude da offensiva na sua questão com os judeos, é certo que não cabe vacillação na que os sectarios dirigentes das outras duas assumiram descaradamente contra os catholicos, ali como em toda parte, gente ordeira e a mais qualificada da sociedade.

PARA IMPEDIR A GUERRA

Haverá, da parte dos Governos uma acção realmente sincera no sentido de impedir a futura guerra? E' innegavel que a idea de um conflicto desta natureza apavora os homens de Estado no Velho Mundo. E é cedendo a esse pavor que vêem reunindo successivamente congresso para estudos de questões technicas e politicas relacionadas com a manutenção da paz. Não obstante permanece livre o commercio de armamentos e os proprietarios da sinistra industria de guerra, os Schneiders, os Creusots, continuam a merecer o mesmo trato amavel e as mesmas regalias de Gran Senhor de que sempre disfrutaram nos meios officiaes de todos os paizes. Não é por outro motivo que o Santo Padre se lastimava, recentemente, do pouco progresso que tem feito em nossos dias a verdadeira politica de concordia universal.

**RUSSIA CONSERVADORA...** Quando se discutia no parlamento espanhol a funesta reforma agraria republicana os deputados catholicos a impugnaram por seu character socialista. O ministro autor dessa monstruosidade, Sr. Marcellino Domingo explicou negando rotundamente que dita reforma tivesse esse character. Não obstante, em um dos seus ultimos discursos o Sr. Azana, chefe do Governo a que pertence o mesmo Marcellino, ennumerando as benemerencias da collaboração socialista á sua gestão inclue a mencionada reforma entre os fructos de tão gabada collaboração...

**A VERDADE ENTRE OS OPERARIOS...** Mais um novo triumpho acaba de conquistar a Verdade entre os operarios espanhoes. Com effeito, um padre carmelita, Frei João

Fernandes, iniciou, ha pouco, em Cordoba, na igreja parochial de S. Francisco de Paula, uma serie de praticas sobre assumptos sociaes. Ao tratar da doutrina catholica sobre a riqueza, a propriedade e as legitimas reivindicações operarias, os trabalhadores affluiram em massa para ouvi-la, de tal modo que a igreja, ainda que de boas proporções, foi insufficiente para conte-los. Installou-se, então, um alto-falante afim de que a multidão que não conseguira entrar no templo, não ficasse privado de ouvir a palavra do Ministro de Christo. No meio dessa gente havia muitos operarios filiados aos partidos socialistas e communistas, que se declaravam illudidos com a doutrinação dos seus chefes, e que foram dos mais entusiastas em applaudir ao orador nas homenagens de que era alvo ao sahir da igreja, depois das praticas. Isto demonstra o abandono em que vivia essa pobre gente, a quem não se pensava em instruir sobre as verdades da fé em relação com os trabalhos e as promessas da sua condição de operarios...

**AS MANOBRAS DOS COMMUNISTAS**

Em dias do mez passado os jornaes de Madrid publicaram um manifesto contendo firmas de varios homens representativos de Espanha, em que se dava conhecimento ao publico da fundação, naquella capital, de uma "Associação de Amigos da União das Republicas Sovieticas". A dita publicação causou escandalo pelo inesperado deste prestigio concedido á propaganda communista por pessoas solventes da sociedade espanhola. Não passaram, porem, muitas horas, sem que o caso se esclarecesse. Segundo declarações de alguns dos firmantes, á imprensa, constata-se que foram victimas de um conhecido ardil. Taes pessoas foram convidadas para fazer parte de um organismo destinado a examinar, sem compromisso, a presente situação russa, e a informar ao publico, com fidelidade, sobre o que se passa nos dominios de Stalin. Posta a

questão nestes termos, concordaram em apoiar a citada iniciativa, convictos, quasi todos, de que de semelhante labor só poderia resultar o desmascaramento dos que fazem a apologia dos Soviets. Em vez disto vêem-se incorporados, por um abuso de confiança, á camarilha dos que fazem industria da sua adhesão ao Communismo! Que a lição aproveite a outros incautos...

TAMBEM OS INCANSAVEIS  
EUGENISTAS...

Igual manobra dos communistas, talvez mais audaciosa, tentaram os eugenistas madrilenos. Organizaram uma Semana Eugenica e, sem consulta previa, porque sabiam que a isto se recusariam, fizeram incluir como conferencistas do movimento, entre os nomes sem significação dos seus adeptos, os de pessoas de responsabilidades scientifica em Espanha, Esses no emtanto, vieram á imprensa protestar contra o procedimento delictuoso dos eugenistas, sendo de notar as declarações do Dr. Bergamin, que attestam a absoluta ausencia de escrupulos desses propagandistas de doutrinas que o bom senso, tanto quanto a moralidade de um povo repelle e condemna.

NUVENS NO CÉO ALLE-  
MÃO

Aqui temos dito, já, que o advento do "racismo" ao Poder, em Allemanha, não deve constituir para nós outros, catholicos, motivo de grandes inquietações. Isto não significa que estejamos convencidos de que as promessas de Hitler, em relação á Igreja, sejam sufficientes para que a opinião catholica mundial descanse, definitivamente, em seus temores pela sorte da Religião em terras germanicas. Por experiencia sabemos que ha sempre que vigilar, qualquer que seja a ideologia dos homens de Governo. E seria um contrasenso que essa vigilancia cedesse precisamente quando passa a vigorar, como doutrina de Estado, um credo tão absorvente quanto o que hoje domina em Allemanha, insaciavel no seu programma de centralização, decidido a imprimir seu cunho a toda manifestação de vida em suas fronteiras e... alem. Assim é que a propria Religião constitue objecto dos planos da preocupação reformadora dos "nazis" nos seus propositos de dar ao povo allemão o rithmo e a expansão que para elle idealizaram. A união das igrejas protestantes promovida por elles com tanto empenho, não esgota esses propositos em materia sagrada, pois que elles sabem que fóra della ficará uma parcella bem consideravel da gente germanica obedecendo a uma autoridade espiritual não allemã, ainda que universal. Assim se explica o movimento hitlerista, embora ainda não official, no sentido de levar os catholicos á convicção de formar uma Igreja nacional, ou cousa semelhante, sobre a qual o Papa exerça apenas um primado honorifico...

A CRISE RELIGIOSA NA  
SUECIA

Não é só o Protestantismo inglez que está em crise espiritual e se volta para Roma attrahido pelo milagre de sua vitalidade e pela firmeza da sua estructura doutrinaria. Por um artigo do Pastor Káre Skredsvick, que "La Vie Intellectuel" de 10 de Abril ultimo transcreve, verifica-se que, sobretudo o clero daquella importante parcella do protestantismo mundial, se encontra em estado de espirito dos mais dolorosos, em conflicto com as mais penosas duvidas sobre a authenticidade da doutrina a que está servindo.

HISTORIAS DIVERTIDAS DE  
ESPIRITISMO...

Quando era Chefe de Policia do Rio o marechal Fontoura, foi atrahido para assistir sessões espiritas em determinado centro do qual fazia parte um official do Exercito de patente menos graduada. Este lhe havia pedido um favor do Governo, relacionado com a sua carreira. O marechal promettera satisfazel-o, porem, por qualquer circumstancia, a promessa não se cumpria. O interessado teve a idéa de levar o marechal ao centro em questão, e ahi o medium, já sufficientemente industriado, interpelou-o sobre o pedido do confrade, como si a isto fôra movido por um habitante do outro mundo. Parece que o marechal comprehendeu o "jogo" e não voltou mais a frequentar o dito centro. Os jornaes europeus occupam-se de um factó de igual natureza occorrido em Copenhague: O celebre medium Zirsén, que se notabilisara com invocações do Rei Salomão e de Beethoven, formara uma clientela numerosa e fanatica. Feito isto, passou a exploral-a valentemente. Assim, a seguir a invocações de espiritos de alta envergadura, vinha sempre a recommendação de que o medium devia ser muito bem alimentado e nada lhe devia faltar afim de que se divertisse. Os fanaticos se cotizavam e entregavam sommas vultuosas que o medium, somente para agradar aos espiritos já se vê, esbanjava pelos cabarets, hoteis e theatros de luxo. Emquanto isto o grupo de seus devotos se arruinava. Umas pobres senhoras empenharam suas joias afim de que o grande medium pudesse adquirir um capote riquissimo. Uma outra empenhou sua apolice de seguro porque o Rei Salomão teve o capricho de recommendar que se proporcionasse ao phantastico Zirsén os recursos necessarios para effectuar um cruzeiro de recreio. Por fim Beethoven, não querendo ficar em plano secundario, exigiu, em altos brados, que os assistentes regaliassem ao pobre Zirsén um automovel de oito cilindros. Iam as cousas marchando neste pé, quando a policia de Copenhague, ao que parece, pouco informada sobre as decantadas liberdades modernas e desconhecendo, sem duvida, os direitos inviolaveis da liberdade de pensamento com que tanto se cobrem os farçantes de hoje, metteu na cadeia tão

lidima celebridade Kardecista com cuja fama devem andar empanturradas todas as revistas e todas as cabeças espiritas daquem e dalem mar...

O ENSINO EM FRANÇA O plano de laicização do ensino em França, iniciado em 1875, depois de varias alternativas passou a progredir sensivelmente nestes ultimos tempos, Já de ha muito a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primario, ali, era um facto. O ensino secundario, no emtanto, continuava sendo remunerado e facultativo. E isto porque os successivos Governos que esse paiz tem tido, desde aquella data, ainda que sectarios, sem embargo reflectiam sobre as immensas difficuldades financeiras e technicas que se oppunham a uma solução do problema em harmonia com seus prejuizos doutrinarios. Não obstante Herriot, em 1930, cedendo ás exigencias de seu partido, a despeito de subsistirem, e de se encontrarem até mais aggravadas, as razões que aconselharam seus antecessores a não alterar o regimen desse ensino, estabeleceu sua gratuidade no primeiro gráo. Agora De Monzie, Ministro da Instrucção, em uma simples disposição orçamentaria estende ousadamente a gratuidade aos demais gráos. E isto precisamente quando o desequilibrio orçamentario do paiz expressa-se em cifras quasi aterradoras! E isto precisamente quando a anarquia do corpo de professores do Estado se manifesta em actos de flagrante rebeldia ás autoridades, aos seus superiores hierarchicos...

A nós outros catholicos pouco importaria que o Estado decretasse a gratuidade de todo o seu ensino, si esse programma não exigisse o sacrificio do ensino livre. Na verdade, a gratuidade do ensino não tem por fim, como alguns incautos suppõem, facilitar ao individuo uma habilitação maior para abrir caminho na vida, porém submete-lo a uma disciplina, a uma doutrina, a uma dominação mais intensiva por parte do Estado, ou melhor, do partido que está no Poder. Por isto a gratuidade exige a obrigatoriedade e esta, o monopolio.

DA LIBERDADE DO ENSINO PARA O ENSINO SEM LIBERDADE

Por mais que se pense ou se diga em contrario, a curva do ensino leigo obedece a esta direcção fatal: parte da liberdade do ensino para o ensino sem liberdade. Reflectamos. Elle apparece em opposição ao ensino confessional para assegurar a liberdade dos que repellem o ensino religioso. Essa liberdade é discutivel, porém não se trata aqui de examina-la, porem de constatar um facto.

Acontece, no emtanto, que apezar da sua pretenção de beneficiar á humanidade, o ensino laico facultativo por si mesmo não faria progresso. Foi necessario que o Estado tomasse o seu partido e o officialisasse. Desta officialisação resultou a sua obrigatoriedade, e como corollario fatal da obri-

gatoriedade, a exclusividade. Que significação tem, aqui, a exclusividade? Esta, apenas: imposição do mestre que o Estado nomeia; imposição das materias que o Estado determina; imposição do methodo que o Estado decreta. E assim perece a liberdade no campo do ensino. E com a liberdade de ensinar sobra a propria liberdade de aprender!

Poderá, acaso, haver negação mais escandalosa de si mesma, que a Democracia faz de si propria no terreno do ensino?

#### OBDIENCIA AO PODER PUBLICO

Exige a escola liberal plena submissão dos catholicos ao Poder Publico. Um padre recentemente excommungado pelo Papa, deputado ás Côrtes espanholas, Lopez Dóriga, sustenta essa doutrina, mesmo na hypothese de que esse Poder esteja francamente dirigido contra a Igreja, como acontece em seu paiz. Para darmos conta do espirito de equidade desta these, basta fazer sua applicação a outras associações. Suppunhamos um syndicato operario, ao qual o Governo, sem que elle haja incorrido em alguma falta prevista pela lei, não permitta que cuide da assistencia dos seus associados. Deve elle, porque a prohibição parte de um dos órgãos do Poder publico, resignar-se a essa gratuita coação?

Sem duvida nenhuma a resposta será negativa, pois que uma tal doutrina repugna, não apenas ao mais cazeiro senso juridico porém, ainda, ao simples bom senso. E porque ao catholico ha de caber o triste privilegio de submeter-se a um regimen que opprime o que elle tem de mais sagrado, isto é, sua consciencia religiosa? E porque os direitos que se reconhecem a um simples syndicato operario se hão de negar a uma sociedade á qual pertencem os homens mais interessados em que se mantenha o prestigio da autoridade, o respeito ás prerogativas da cidadania e a tranquillidade na ordem social?

#### NÃO HA DIREITO CONTRA O ESTADO

Este é o principio que se invoca para sustentar o absurdo juridico acima expressado. Bem sabemos donde elle se origina. Aliás não temos difficuldade em acceita-lo em sua acepção moderada. Não ha direito *contra* o Estado. Mas tambem havemos de admittir que o Estado não tem direitos *contra* a collectividade. O Estado não é nenhum producto de geração expontanea. E é incontestavelmente falsa a presumpção de que elle deva sua origem a uma lendaria combinação individual pela qual os homens, em proveito geral, convencionaram reunir seus bens, suas pessoas, seus direitos e sua liberdade para que os administrara uma nova entidade, o Poder civil. Si assim fôra, realmente o Estado poderia desconhecer a existencia de qualquer direito limitador da sua actividade. E seria legiti-

ma a doutrina do seu absolutismo. Porém não é tal. Seu processo de formação histórica obedece a outros princípios. Em rigor o Estado deve sua existência a uma congregação de personalidades collectivas, mais claramente, de "sociedades infras soberanas", que limitam sua pessoa moral, como por exemplo a família, o municipio, etc. E essas sociedades, no que affecta aos fins para que foram constituídas, dispõem de uma soberania que lhe é propria, e que age como "contensor organico" do Poder soberano supremo. Sim, não ha direito contra o Estado; porém não assiste tambem ao Estado nenhum direito contra a collectividade.

#### A REPLICHA DE LOPEZ DÓRIGA

Está tudo muito bem, diz o excommungado, porém "a ordem é fructo da lei". Assim sendo, ha que obedecer a lei, mesmo contraria á Religião. Vê-se que não lhe interessa a distincção entre lei justa e lei injusta. E de facto, si o criterio da lei depende da maioria occasional de um parlamento, do que metade e mais um dos individuos componentes de uma assembléa politica assentam que deve ser permittido, deve ser legal, todos os elementos moraes como a razão, a justiça, a tradição, os costumes que constituem imperativos sociaes sempre respeitados, se annulla de um mesmo golpe. E a figura do Direito Natural passa a ser uma simples ficção histórica. Ha, entretanto, que reflectir nas consequencias de uma tal façanha. Ella, realmente, annulla os direitos religiosos. Porém deixa o precedente firmado para toda sorte de tyrannias. Negado os direitos da sociedade religiosa, nessa mesma voragem se subvertem os direitos não somente de toda sociedade civil, porém, mesmo, de todas as prerogativas da cidadania. Demais é este um ponto sobre o qual a Igreja tem doutrina firmada. Com effeito, Leão XIII, em sua memoravel Encyclica LIBERTAS declara: "Si as leis dos Estados estão em aberta opposição ao Direito Divino, a resistencia é um dever e a obediencia um crime". E Lopez Dóriga se lamenta de ter sido excommungado injustamente. . .

#### O PARAISO DOS TRABALHADORES

Acaba de chegar á Hespanha uma commissão de operarios que se encontrava na Russia estudando a situação dos trabalhadores daquele paiz sob o regimen dos Soviets. Ao seu desembarque compareceram varios jornalistas em busca das impressões que ali receberam, para os seus respectivos jornaes. Os viajantes, entretanto, mostravam-se demasiados discretos, evitando fazer declarações. Não obstante um delles, falando em um grupo de companheiros, sem se aperceber da presença de um jornalista ao seu lado, manifestou uma decepção pelo que observara na Russia e concluiu, deste modo, sua narrativa: "ao menos por aqui se faz o que se quer; e se alguém chega a

morrer de fome não será porque o governo o obrigue a trabalhar em suas officinas, sem salario e a troco de alimentação insufficiente”.

E' deploravel que esses operarios não tenham querido dar publicidade ao seu desencanto pela Russia bolchevista. Sem duvida os espiritos attentos não deixarão de bem interpretar esse silencio, d'elle deduzindo as conclusões logicas que se impõem dado que é incontestavel, se acaso houvessem os referidos operarios recebido bôa impressão do trato que se dá ali no momento, a seus companheiros russos, não perderiam tão excellente oportunidade de exaltar a sabedoria e os processos do governo communista. A reflexão, no emtanto, não é uma virtude das massas, de modo que muita gente não saberá dar essa justa significação ás reservas daquelles operarios, que deviam regressar maravilhados das maravilhas do maravilhoso paiz dos Soviets. . . Eis porque era de preferir que elles houvessem transmittido com lealdade, com clareza, aos jornalistas que os procuravam, as impressões recebidas no contacto com os trabalhadores russos, com o proletariado dos Soviets.

#### O DESTINO DO SOCIALISMO

Da posição do socialismo no mundo, actualmente, pode-se dizer sem contradicção autorizada, que é a do poente, não obstante ha-

ver estado, não faz ainda uma decada, no zenith. O tempo porém, lhe foi adverso. Ou melhor, sua rapida fortuna só serviu para descobrir suas incoherencias e debilidades. Uma comprovação, principalmente, se impoz em sua experiencia: elle não serve como sistema de governo.

Passemos em revista os exemplos mais concludentes. Lembremos que a Australia, a Allemanha, a Italia, a Belgica e a propria Inglaterra tiveram, não faz muito, governos socialistas. E todavia não somente não lograram elles manterem-se no poder como ainda evitar o mais ruidoso fracasso ao defrontar os graves problemas da administração.

Sem duvida existe ainda naquelles paizes grandes partidos socialistas. E em alguns delles os socialistas conseguiram melhorar sua situação nas ultimas eleições. Sem embargo, não se deve, por isso, alimentar grandes illusões uma vez que essa melhora foi conseguida a custo de agrupamentos politicos secundarios que desapareceram, e tambem porque esta beneficiou igualmente aos partidos oppostos ao socialismo.

O que, sobretudo, ha que fixar é que a antiga disciplina desaparece das fileiras socialistas, e que duas tendencias irreductiveis as dividem: uma de moderados, que rectificam os erros da doutrina, procurando as transformações sociaes sem commoção nem pertubação na vida do Estado, e outra de extremistas, fieis aos principios revolucionarios do partido,

que pugna pelos golpes de força com o fim de precipitar o advento de uma era segundo a sua ideologia.

Isto posto é admiravel que, em futuros proximo, estas duas correntes se desgarem e, neste caso, o socialismo terá desaparecido por que a corrente moderada pode alistar-se no campo catholico e a extremada encontra lugar proprio no communismo.

O ENSINO, SEMPRE O  
ENSINO...

Ter boa intenção ao dizer as coisas nem sempre é o sufficiente para dizel-as com justeza. Ha que juntar tambem á boa inatención o conhecimento cabal do assumpto.

Esta reflexão vem a proposito do que se diz e se escreve tão abundantemente entre nós a respeito de ensino. Vê-se que muita gente trata a materia segundo suas ideas ou melhor segundo suas preferencias, sem contar para nada com esse factor ponderavel: a experiencia. E neste caso encontram-se todos os que se declaram partidarios. O monopolio official do ensino seguido da sua gratuidade sem se dar conta de que isto equivale a dizer-se partidario, por exemplo, de que se ponha o Pão de Assucar, á guisa de chapéo, sobre o pico do obelisco da Avenida...

Dahi porque, para refutal-os, não é necessario oppôr argumentos de ordem especulativa, porventura mais difficeis de assimilar. Bastam os de natureza sensivel, quasi palpaveis, as razões de facto, os proprios factos, pura e simplesmente. Indague-se, por exemplo, porque motivo nações mais ricas do que a nossa, como os Estados Unidos e a França, não estabeleceram o monopolio escolar? Acaso em um e outro paiz teriam faltado pedagogos, publicistas, imprensa e politicos conformes com esse plano? Acaso os governos de um e outros serão extranhos ao espirito democratico e laicista? E porque não se chegou, em ambos, á exclusividade do ensino official?

Pelo simples motivo de que, a tempo, comprehenderam que as rendas publicas não comportam um encargo de tal natureza. O Estado não pode materialmente dispensar a collaboraçãõ particular em assumpto de ensino sob pena de privar dos seus beneficios a maior parte da collectividade.

Até hoje somente dois paizes instituiram o monopolio escolar: a Russia e o Mexico. Da Russia, no emtanto, sabe-se que deixou em abandono, na melhor hypothese (a da viuva de Lenine), nove milhões de meninos; e agora acaba de reduzir de 20% as escolas do Estado. No Mexico, com a supressão do ensino livre, dois milhões de crianças ficaram sem escola!

No Brasil, cujos orçamentos se encontram compromettidos com encargos inadiaveis e onde o *deficit* constitue a regra

em materia de receita e despesa publica, que perspectivas se podem offerecer ao monopolio escolar exercido pelo Estado?

CHRISTO OPERARIO

No congresso dos Syndicatos Catholicos de Hespanha, recentemente reunido em Santander, por proposta da Federação de Mudina, foi pedido que se trabalhasse no sentido da instituição da Festa de Christo Operario, como sendo a legitima Festa do Trabalho dos operarios christãos de todo o mundo.

AD MAJOREM DEI  
GLORIAM

Acaba de ingressar na Ordem dos Jesuitas o illustrado engenheiro patricio, dr. Pedro Belisario Velloso. Jovem ainda, sentindo-se attrahido para os altos caminhos de Deus, o moço engenheiro, de illustre familia, abandonou todos os fascinos do mundo e a brilhante carreira que se lhe apresentava, para entregar-se apenas ao serviço do Senhor.

O dr. Pedro Belisario foi um dos mais fortes baluartes da Liga Eleitoral Catholica na Parochia da Lagoa, era socio do Centro Dom Vital, e occupava logar destacado no exercicio da sua profissão.

A VOLTA DA MULHER AO  
LAR

Reune-se, este mês, em Paris um Congresso Internacional Feminino, tendo por objecto promover a volta da mulher ao lar. Para este fim estudarã principalmente sua situação no quadro do trabalho industrial e os meios praticos de subtrai-la ao ambiente das fabricas e officinas de trabalho extenuante.

Não se pode contestar a transcendencia deste assumpto, pois que a experiencia ha demonstrado, de modo inequivoco, que da participação da mulher em taes centros só têm resultado para ella consequencias funestas: o sacrificio do melhor da sua missão de esposa e mãe, aggravos em sua saude physica e moral.

E' ainda de considerar que para a mulher casada o trabalho externo significa um augmento de encargo, pois que, ao recolher-se ao lar, não vae ali repousar, como o marido, porém retomar os affazeres domesticos.

Em relação á crise de trabalho actual não é para desconsiderar a contribuição feminina, pois alguns milhões de mulheres occupam na industria no commercio lugares que antes eram occupados por homens.

Não olvidemos, por fim, nesta questão, um aspecto dos mais impressionantes: a desorganização da familia e a degradação dos costumes domesticos. Da gravidade deste facto baste-nos dizer que o proprio Santo Padre Pio XI lhe deu re-

levo assignalando-o entre os males inquietantes do nosso tempo na sua magistral *Encyclica Quadragesimo Anno*.

A solução de um tal problema, não occultamos, é sobejamente ardua. A prova porém, de que não é impossivel está na boa vontade com que foi acceita a idéa do Congresso. Sem duvida sua incognita é o salario familiar, isto é, a fixação do salario do operario sobre a base das suas responsabilidades de familia. Esta solução aproveitaria não somente á mulher como ao menor operario, uma das iniquidades da nossa presente organização economica.

Para chegarmos a esse resultado ha que obter larga concessão do egoismo dos homens, patrões e operarios. E lá chegaremos se persistirmos nesta generosa campanha com ardor.

#### CONTRA A ESCOLA LAICA NA PRUSSIA

A escola laica na Prussia soffre, no momento, um grande revez, com o decreto do Governo ordenando sua suppressão. Este acto passa a ser considerado como uma demonstração de intolerancia governamental, precisamente pelos que applaudem a intolerancia governamental de outros paizes como a Hespanha, que supprimiu o ensino confessional. E todavia nada mais defensavel do que a resolução das autoridades prussianas, porque a escola laica é uma aberração. Comprehende-se a escola catholica, a escola protestante, a escola budhista, em summa a escola com fundamento religioso porque é a que subministra educação integral, isto é, forma o individuo intellectual e moralmente. A escola laica se propõe apenas a cultivar a intelligencia (e de que modo, Santo Deus!) descurendo o mundo das consciencias. Das suas entranhas não sahem homens civilizados porem barbaros scientificos, queremos dizer, providos de sciencia balofa. E é tudo.

Tudo, não! Si fossemos a relatar aqui os maleficios da escola laica, em vez de uma desprerenciosa nota teriamos de escrever um livro immenso. E afinal de contas seria um trabalho inutil, porque taes maleficios estão objectivados, materializados na profunda anarchia social do nosso tempo. Só não os vêem os cegos que não enxergam atravez de uma cerca de varas...

Nota-se ademais, que na Allemanha ella acobertava um verdadeiro movimento subversivo contra a sociedade e o Estado.

Deste modo o acto do Governo prussiano é logico, é coherente, merece applausos, e sobretudo, é digno de imitação.

OS INCENDIARIOS NA ES-  
PANHA

Um grupo de incendiarios lançou fogo ao Theatro Imperial e ao Circulo de Bellas Artes de Algeciras, em Espanha. Pelos processos seguidos verifica-se que se trata do mesmo bando que a Maçonaria, com a complacencia do governo, organizou ali para incendiar os templos catholicos.

UM GRANDE CRIME NO  
MEXICO

A policia de Guadalajara effectuou a prisão do temivel Felipe Betencourt, pegado em flagrante quando commettia o monstruoso crime de, sendo sacerdote catholico, celebrar uma Missa sem autorização das autoridades civis da localidade!

O povo, applaudindo o zelo de tão prestimosos agentes do Poder publico naquella Republica, saudou os diligentes belenguins com uma chuva de pedras...

OS INTELLECTUAES E A  
RELIGIÃO

O Presidente da Republica de Tchecoslovaquia, em declarações publicas de que dá noticia a imprensa européa, falando sobre a influencia da Religião no problema da paz mundial, assignala que dependendo esse problema, em mais alto gráo, da educação moral das nações, necessariamente caberia ás varias confissões religiosas preparar os povos para praticar os principios de concordia universal. E accrescenta que se lhe afigura de bom augurio o interesse que, em nossos dias, demonstram os intellectuaes pela vida religiosa.

CONTRA OS LATINOS

Ainda nos recordamos daquella tarde em que o Presidente Epitacio desceu de Petropolis e foi recebido no Rio com um apparatus impressionante de força armada, como um audacioso desafio a essa mesma força em que, segundo se dizia, se conspirava contra a sua autoridade. Lembremo-nos de que naquelle ar de tragedia souu uma nota comica. Foi quando, ao chegar o então Arcebispo Coadjutor desta Archiodicese a estação da Leopoldina, para receber o Presidente, um popular, enthiasmado, ergueu um viva ao clericalismo!

Pois em Espanha, embora com outra intenção, a historia se repetiu. Conta o sr. Ramiro de Martu que no dia da victoria da Republica um democrata, inflammado, percorria as ruas de Madrid dando morras á raça latina. Houve afinal quem conseguisse convencer o exaltado cavalheiro de que os espanhoes pertenciam tambem á mesma raça. Espantado, replicou o cidadão republicano, que seu pensamento era dar morras aos curas, que é a gente que fala o latim...

### PROTESTANTISMO E MAÇONARIA

não se filiam á Maçonaria. Chamamos sua attenção para as seguintes informes:

Entre os nacionalistas brasileiros ha alguns que têm sympathia pelo Protestantismo porque estão convictos de que os protestantes não se filiam á Maçonaria. Chamamos sua attenção para as seguintes informes:

Diz a revista maçónica de Washington "The New Age", (1928), que 40% dos ministros protestantes americanos pertencem á Maçonaria. Varios Bispos das diversas seitas, episcopalianos, methodistas, congregacionistas, etc., como o de Los Angeles não somente estão filiados á Maçonaria como occupam situação de destaque nos seus conventiculos. Só o ramo lutherano, não se sabe porque mysterio, se mantem alheiado ao movimento maçónico.

### O COMMUNISMO NA ALLEMANHA

Todos os bons abservadores internacionaes asseguravam que o communismo tomava uma extensão já excessiva na Allemanha. E

a isto se deve, principalmente o exito do "racismo". Si não houvesse alli um ambiente de violencias a provocar a necessaria reacção por meio de outra violencia que se lhe contrapusesse, Hitler, com todas as suas qualidades, teria fracassado na sua propaganda e nas suas ambições. Mas a verdade é que havia a penetração comunista, com todos os seus perigos e todas as suas audacias. O socialismo, dominante já no Imperio, preparou o terreno, na Allemanha, para os successos do bolchevismo. O rancor da derrota e os soffrimentos em consequencia da grave situação economica que o povo teve de supportar ali depois da guerra, contribuíram de modo decisivo para que uma grande sector da opinião publica resvalasse pelo despenhadeiro das seduções de Moscou. Em tal emergencia, verificada a impotencia do poder publico para impedir que o paiz inteiro se despenhasse naquelle abysmo, uma enorme parcella da sociedade se alistou nas hostes de Hitler, sem investigar muito sobre o alcance da sua ideologia, tendo apenas em vista que se tratava de uma organização, com a finalidade de impedir o triumpho do Communismo na Allemanha. E assim se comprehende que até uma grande parte dos catholicos se tenha alistado nas fileiras do "racismo".

Os ultimos successos verificados naquelle paiz, especialmente o registro praticado pela policia berlinense no centro da organização comunista, a Casa de Karl Lugbnecht, demonstraram, á sociedade, que não se enganavam os que chamavam contra a acção nefasta dos sequazes do bolchevismo no ex-Imperio Central.

Sem duvida Hitler, agora no Poder, não hesitará diante de nenhuma violencia para exterminar o perigo, que a tal

ponto ameaçava o paiz, uma vez que está decidido a acabar com o communismo na Allemanha. Desgraçadamente, como sempre acontece nos momentos em que a força se torna o arbitro de uma situação, é inevitavel que, á margem da repressão indispensavel, se commettam injustiças deploraveis. Esperemos, não obstante, que o governo allemão chegue ao termo dos seus designios sem que tenhamos de lamentar desmandos de autoridade em relação aos que não merecem trato de rigor.

**CURSO SOBRE A CONCORDATA ITALIANA**

No mez passado verificou-se em Roma um acontecimento digno de nota: numerosos sacerdotes, sob a direcção de Monsenhor Bruno, secretario da Congregação do Concilio, tomaram parte em um curso juridico e administrativo versando a Concordata firmada pela Santa Sé e a Italia.

O desconhecimento de umas tantas particularidades desse documento, por parte do clero, poderia dar lugar a desintelligencias com as autoridades civis, e, tambem contribuir para que o Clero permittisse ingerencias dessas autoridades em materia privativa da Igreja. Afim de sanar esses inconvenientes, organizou-se o referido curso que está obtendo um merecido exito entre o Clero italiano.

**UM CONGRESSO CATHOLICO NA ITALIA**

No ultimo mez do anno proximo findo realizou-se em Bengalore um congresso catholico indiano em que tomou parte numeroso Clero e em que se representaram 14 dioceses, com o fim de estudar os meios de por em pratica, naquella immensa região, os principios da Acção Catholica, isto é, por em harmonia a vida publica e privada dos catholicos com as nomas da sua fé.

Não é só a India, desgraçadamente, o unico ponto do globo onde se necessita ensinar, já não dizemos ao povo, porem mesmo a muitas das mais eminentes figuras do Catholicismo, verdades tão elementares. No Brasil, por exemplo...

**COM APPLAUSO QUE É UM CASTIGO**

A Sagrada Congregação do Santo Officio acaba de excommungar o sacerdote Lopes Doriga, ex-Deão da Cathedral de Granada e deputado ás Cortes Constituintes da novissima Republica espanhola. A vida privada do excommungado já, de ha muito, justificava o acto recente da Egreja. Sua escandalosa actuação, porem, como homem publico, votando a favor das leis de compressão á Igreja e de rebeldia á sua doutrina, que o sectarismo impunha e impõe aquella corporação lhe deram uma evidencia tal que somente por criminoso desleixo se comprehenderia que continuasse á salvo das penas canonicas.

Conhecido o acto de excommunhão aquelle sacerdote, entretanto, não deve mostrar de que o mesmo lhe houvera causado o menor incommodo. E no mesmo dia em que a imprensa affixava o decreto da Sagrada Congregação, elle, imperturbavel, comparecia ás cortes onde foi victima de mais um castigo em punição da sua apostasia: o frenetico applauso de todos os sectores anticlericaes do pseudo Parlamento espanhol.

#### ESCOLA LAICA E SUAS DEFINIÇÕES

Tomamos estas definições a um collega nosso, da imprensa europea. A escola laica é: perante a sinceridade, uma mentira; ante a Republica, um descredito; ante a pedagogia, um dispauterio; ante a humanidade, uma inhumanidade; ante a educação, ineducação, e antieducação; ante a sciencia, ignorancia tratada de magisterio; ante a civilização, retrocesso; ante a independencia, escravidão as forças sectarias; ante a liberdade, libertinismo; ante a Patria, contradição e negação; ante a Moral, immoralidade por principio; ante o amor, o odio; ante a natureza, sua negação; ante a logica, a ruina universal; ante a Sociologia, escola de negações; ante a ordem mãe da desordem, etc. etc.

#### ALPHABETISMO E ANALPHABETISMO DE UMA REPUBLICA...

Aqui ou ali se dissera que o analphabetismo é a característica da nova Republica espanhola. Parece que a audaciosa affirmacão impressionou bastante a "El Liberal" de Madrid. O certo é que em sua edição de 1.º de Abril ultimo se tem quasi a sensação de que elle andava a cata de um argumento fulminante com que pulverizar tão desaforada imputação. Assim é que, apenas se noticiou que o Governo daquella Republica adiara de 24 horas as festas natalicias da dita, que este anno coincidiam com Sexta Feira da Paixão, "El Liberal", jubiloso, lançou um editorial em que, entre varias considerações, cada qual mais pittoresca, saca do citado acto a conclusão de que elle "es la prueba de que esta Republica no es analfabéta".

A que proposito vem tal conclusão?

A explicação é simplissima. O prestigioso diario madrileño faz o seguinte raciocinio: dizer Civilização occidental é dizer Christianismo. A Republica espanhola, guardando um grande dia do Christianismo, honra a Civilização a que pertencemos. E tal não faria si fosse analphabeta.

Sem duvida já representa algo que a Republica em apreço reconheça a origem da Civilização que pretende homenagear. Porem não se pode occultar que não são necessarias muitas letras para que alguém se convença de que o Christianismo constitue o facto diferenciador entre duas civilizações, o facto associador e cultural da sociedade após a con-

vulsão do Imperio Romano. Agora, todo espirito não escravizado á vulgaridade, diante de um facto, indaga da sua causa efficiente. O Christianismo, como dissemos, é um facto. Seu principio, sua causa efficiente, todo mundo sabe, é Jesus Christo. Ora, render homenagem á Civilização occidental, homenagear mesmo o Christianismo, sem levar em conta Jesus Christo, como dizia "El Liberal" que a sua desvairada Republica ia fazer, pode ser prova de que ella não é analphabeta, como quer o jornal madrileno, porém pode tambem autorizar a suspeita de que, em materia de cultura, a bellicosissima democracia espanhola não haja passado das primeiras letras...

#### A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEOS

Sem a intenção de pretender intervir na politica interna allemã os catholicos, aqui e ali, têm protestado contra a perseguição de que os judeos estão sendo victimas no ex-Imperio do Kaiser. E' quasi certo que o proprio Santo Padre haja intercedido em favor dos perseguidos.

Procedendo assim a Igreja está coherente com a sua doutrina e a sua propria tradição. Quando accusadores perversos ou levianos affirmam sua solidariedade em actos de violencia praticados pelos governos sob pretexto de religião, como aconteceu com a decantada Inquisição espanhola, occultam que ella, a Igreja, mesmo no caso daquella Inquisição, protestou contra os atropelos commettidos e chegou ao extremo de abrigar em seus proprios dominios os perseguidos que buscavam sua protecção.

O que, no emtanto, causa lastima, é que não possamos nós, catholicos, separar nossos protestos contra a perseguição "racista" aos judeos, daquelles que se fazem, no momento, pelo mundo inteiro, sem sinceridade, por submissão ao poder quasi universal da "judiaria", senhora dos bancos, das finanças, das grandes agencias telegraphicas e da mais consideravel parte da imprensa em todos os continentes.

#### UM CAROÇO DOS SOVIETS NA GARGANTA DOS INGLEZES

A imprensa mundial occupou-se largamente do caso dos engenheiros da Metro Vickers, victimas da justiça sovietica, sob o pretexto de punir suppostos crimes de *sabotage*. Este caso tem uma explicação muito banal: os Soviets necessitam de crear uma versão menos compromettedora para a sua sabedoria, sobre o formidavel fracasso do formidabilissimo Plano Quinquennal, e, tambem, engendrar um meiosinho expedito de deixar de pagar á casa a que pertencem aquelles engenheiros, uma continha de um milhão e quinhentas mil libras esterlinas... A este proposito lembra-se que

manobra igual já os Soviets levaram a effeito com outra firma: Lena Goldfields.

Os inglezes andaram com este carôcinho entalado na garganta. O que é admiravel é que, a despeito da provada e comprovadissima canalhice com que os empresarios da Russia communista abusam da credulidade dos que se aventuram a transigir com elles, sem embargo não aproveita a ninguem lições como a presente. Haverá sempre capitalistas, burgueses avidos de grandes negocios que se, proponham a entabular transações com gente tão descarada, que não disfarça sequer com pretextos engenhosos, sua deliberação de enganar e arruinar os seus credores.

#### BELLEZAS DO ENSINO LAICO

Um dos objectivos do ensino laico, como se sabe é, a pratica da coeducação dos sexos. Para isto se torna obrigatoria, como ninguem ignora, a convivencia escolar, em todas as idades, promiscuamente, dos alumnos masculinos e femininos.

Houve quem acreditasse sinceramente que essa convivencia era possivel sem inconveniente para a moralidade dos estudantes. Não havia provas em contrario, de modo que a hypothese poderia ser admittida, principalmente tratando-se de espiritos pouco perspicazes. O que, no emtanto, era pura theoria, passou ao dominio das realidades. Queremos dizer que a coeducação passou ao dominio da experiencia em alguns paizes. Já agora não é licito julga-la segundo nosso palpite ou nossa boa fé, porém segundo os resultados que tem produzido nos paizes que a adoptaram.

Entre esses paizes figuram os Estados Unidos. Vejamos o que, a seu respeito, diz um educador daquela Republica, o professor Hennine, citado pelo deputado Luis Marin, no parlamento francez: com a coeducação "a moral dos adolescentes é deploravel. Não é raro ver-se desapparecerem durante algumas semanas, e ellas sabem porque, mocinhas de curso secundario, e até do primario; e os factos mais immoraes são commentados como incidentes sentimentaes".

#### QUE SE DIZ EM ITALIA DOS MISSIONARIOS

O deputado Martire, em discurso no Parlamento fascista acaba de fazer uma calorosa apologia do missionario italiano, do qual affirmou que sempre soube conciliar sua condição de catholico e italiano com a obediencia e o fervor ao Santo Padre. A seguir dedicou algumas palavras de tocante homenagem ao Padre Ignacio Ispra, que contraiu a lepra no Brasil, prestando assistencia a lazarentos brasileiros, de quem leu, emocionado, o seguinte trecho de sua ultima carta enviada á terra natal:

“Querida Italia, offereço-te minhas acerbadas dores pelas intenções do Pontífice e pelo Governo de Mussolini”. Esta carta produziu tal emoção ao Chefe do Governo italiano, que elle deliberou enviar ao leprosario brasileiro um valioso do-nativo.

CARIDADE CATHOLICA E  
PHILANTROPIA MAÇONICA

O que dá prestigio á Maçonaria, em certos espiritos, é seu disfarce de philantropia. Em toda parte, encarada em si mesma, essa philantropia pouco representa. Confrontada com a caridade catholica, é simplesmente ridicula. Apreciemos esse cotejo em uma grande cidade americana, que é igualmente um poderoso centro maçonico: Nova York. Pelas estatisticas publicadas verifica-se que a Junta de Caridades Catholicas daquela cidade dispendeu o anno passado em seus soccorros, cerca de um milhão de dollares, ao passo que a Maçonaria dispendeu em igual tempo pouco mais de 400 mil dollares, e, ainda assim, fazendo compras a credito de modo que encerrou seu balanço com um deficit de mais de 300 mil dollares...

A MAÇONARIA NA ALLE-  
MANHA

Os “nazis” declararam a Maçonaria contraria aos interesses da Allemanha. E vão se esforçar pela sua extincção no paiz. Ninguém ignora que a Maçonaria é uma instituição internacional, secreta, submettida a principios ruinosos para o Estado. Seria incomprehensivel que um movimento como o hitlerista, que se destina a revigorar a estrutura politica do paiz, tolrasse a actividade das lojas maçonicas na Allemanha, que têm um programma inteiramente opposto ao seu. A Maçonaria só póde ser admittida nos paizes estupidificados pela imbecilidade democratica, que não distingue bem de mal e que exige se conceda ao mal o direito de existir.

UMA LAMENTAÇÃO OP-  
PORTUNA

O grande diario londrino, de filiação socialista, “The Daily Herald”, mandou um dos seus redactores a Toledo, em Espanha, para effectuar uma reportagem artistica. Esse redactor, sr. H. V. Morton, acaba de publicar no grande rotativo inglez suas impressões, lamentando-se das perdas soffridas pelo patrimonio artistico de Inglaterra em consequencia das perseguições movidas contra a Igreja nos tempos de Henrique VIII. E assim conclue um dos seus artigos: “Vendo-se o Thesouro de Toledo pensa-se, com assombro, que maravilhas de arte medieval desapareceram nos crisoes da Inglaterra durante o reinado de Henrique VIII”. Eis a consequencia fatal de todas as violencias contra o Catholicismo: defraudar, o povo e lezar a Nação nos seus mais altos interesses de cultura e de espiritualidade.

## BIBLIOGRAPHIA

MENOTTI DEL PICCHIA: — *Jesus*.  
Tragedia sacra. Companhia Editora  
Nacional. S. Paulo, 1933.

Menotti Del Picchia, um dos mais fortes e prodigiosos representantes da nova poesia brasileira, acaba de produzir mais uma obra prima: a tragedia sacra *Jesus*. Inspirou ao autor não somente o desejo de reproduzir em versos brilhantes a hora horrenda do deicidio, como a intenção magnifica de dotar o "theatro brasileiro de uma tragedia christã destinada a reevocar, na alma corrupta dos homens, o holocausto do seu Deus, sacrificado por seu amor a todas as criaturas". No maximo de sinthese, quiz, tambem, o Autor, exprimir o choque das duas civilizações que decidiam o destino do mundo no Pretorio de Pilatos:

"... Um milagre se opera:  
duas civilizações se debatem nesta hora,  
a arrogancia de Roma e a piedade de Christo..."

Do Christo que era

"... bom como o trigo  
que nutre, como a luz que a terra toda aclara,  
como a lâ que do frio o corpo nos aquece.  
Seu olhar é um azul rashado em paraisos.  
Sua voz canção que canta no ar o vento.  
Elle prega o perdão, o amor, a caridade.  
Agazalha com as mãos, mais brancas que as ovelhas,  
As crianças sem mãe e os mendigos sem tecto"  
"..... pregava á turba attenta  
e falava no Pae, que é fonte de cordura  
e a cada afflicção achava um lenitivo  
e a cada peccado a comprehensão que salva.  
Milagres operou: tirou Lazaro á tumba,  
multiplicou os pães para matar a fome  
dos famintos e deu o pão do seu espirito  
aos famintos de luz, de ideal, de justiça".

Como se vê, o drama sempre novo do Golgotha deu inspiração para mais uma obra prima. E quantas mil outras

ainda não irão buscar vida e belleza na tragedia sagrada de um Deus crucificado pelos homens !. . .



NINA RODRIGUES:—*“Os Africanos no Brasil”* Companhia Editora Nacional.— S. Paulo, 1932.

O estudo do negro brasileiro tem sido descuradissimo entre nós. Ainda está de pé a opinião de Silvio Romero: “E’ uma vergonha para a sciencia do Brasil que não tenhamos consagrado nada de nossos trabalhos ao estudo das linguas e das religiões africanas. O negro não é só uma machina economica; elle é antes de tudo, e máo grado a sua ignorancia, um objecto de sciencia”. Nina Rodrigues, o grande scientista bahiano, foi o primeiro e talvez o unico a tentar um estudo da raça negra que vive no Brasil. Chegou mesmo a iniciar o estudo do “O problema da raça negra na America Portugueza”, do qual apenas deixou quasi acabado o volume que, agora, sob a direcção de Homero Pires, a Companhia Editora Nacional publica.

Apesar de incompleto e de feito sem uma unidade de sequencia, “Os africanos no Brasil” trata das procedencias africanas dos negros brasileiros, do seu valor social, das sobrevivencias religiosas e tometicas e da sobrevivencia psychica na criminalidade dos negros do Brasil, além de outros estudos sobre as linguas e as boas artes dos colonos pretos.

Livro de profundeza e de pesquisas demoradas, tem algumas fraquezas de observação, o que, no emtanto, não o desmerecem, mesmo porque essas fraquezas não podem ser imputadas ao autor que morreu sem ter tido tempo de proceder a corrigenda do que escrevera. Todos, porém, que se interessam pela formação da raça brasileira não podem deixar de ler este livro, unico, talvez, no Brasil, sobre o assumpto.



PAULO SETUBAL:—*“O Ouro de Cuiabá” e “Os Irmãos Leme”*. — Companhia Editora Nacional.— S. Paulo. 1933.

Paulo Setubal impôs-se nos meios litterarios brasileiros com a publicação de “A Marquiza de Santos”. Foi elle, por assim dizer, quem despertou o gosto pelo romance historico nacional. Alencar já estava como que olvidado. O gosto dos leitores brasileiros se havia voltado para o sensacionalismo duvidoso das copias espurias do garçonismo de Marguerite. As produções estrangeiras continuavam enchendo as prateleiras das nossas livrarias, ou em originaes de poucos

entendidos ou em traducções mambembes, mais traições que traducções. Paulo Setubal surgiu com "A Marquiza de Santos" e em poucos annos, coisa rara no Brasil, teve o seu livro uma tiragem de 50 mil exemplares.

Descobrindo o novo filão de publicidade, Paulo Setubal continuou a explorar o veio promissor, escrevendo "A Bandeira de Fernão Dias", "O Principe de Nassau", "As malquices do Imperador", "Nos bastidores da Historia", e, agora, por ultimo, "O ouro de Cuiabá" e "Os Irmãos Leme".

Com o seu estylo suave e leve, o Autor descreve minudentemente algumas bandeiras paulistas do seculo XVII, destacando varios dos bandeirantes daquella epoca. Embora sem a movimentação e sem a força descriptiva dos seus primeiros livros, as duas ultimas producções de Paulo Setubal mostram que ha muita mina a lavrar ainda em nossa historia, tão desconhecida e tão ignorada de todos nós.



BELMIRO BRAGA:— "*Tarde Florida*".  
Companhia Editora Nacional.—S. Paulo,  
1933.

Em segunda edição, accrescida de novas producções, Belmiro Braga, o mavioso poeta mineiro, acaba de publicar sua "*Tarde Florida*". Delle destacamos este soneto encantador:

### THERESINHA DE JESUS

Teve na vida apenas um cuidado:  
— Subir ao céo e, das mansões radiosas,  
derramar sobre o mundo desolado  
uma chuva de petalas de rosas.

As almas soffredoras, desditosas,  
Teem para Theresinha o olhar voltado,  
e Ella — a santa das santas milagrosas,  
ouve os rogos de todo desgraçado.

Pequenina morreu e se fez grande  
por todo o immenso bem que d'alma expande  
em benções, flores, canticos e luz...

E essa chuva de rosas promettida  
perfuma e enfeita o chão da minha vida  
oh! Santa Teresinha de Jesus!...

**CENTRO DOM VITAL  
BIBLIOTECA**

ORIGENES LESSA :— *"Ilha Grande"*  
Companhia Editora Nacional.—S. Paulo,  
1933.

Mais um depoimento sobre a revolta paulista de 1932. Origenes Lessa, que já escrevera "Não ha de ser nada", descreve, em "Ilha Grande" o que elle chama a mais difficil batalha dos prisioneiros paulistas, a dos braços cruzados. Vida de prisioneiros, que só uma palavra define: angustia. E, acima de tudo, a incerteza: — Os dias passam. As semanas rolam. Irmãos, amigos, ficaram lutando. Vencendo? Morrendo? Ha perguntas angustiosas. O martyrio está todas nas perguntas. Cada prisioneiro tem o pudor do seu soffrimento.

Tudo o que foi esse estado de alma, Origenes Lessas descreve no seu livro "Ilha Grande", que passa, assim, a ser um dos depoimentos mais sensiveis e mais profundamente vividos daquelles dias tragicos de guerra fratricida.

L. S.

### SOBRE A BANCA

Offerecidos pela Companhia Editora Nacional, São Paulo:

EDUCAÇÃO PROGRESSIVA — Anisio Teixeira.

STALIN, O CZAR VERMELHO — C. Windecke.

CASADA POR DINHEIRO (Bibl. Feminina) — Concordia Merrel.

HOMICIDIO OU SUICIDIO? — S. S. van Dine.

O RENEGADO — André Armandy.

Offerecidos pela Civilização Brasileira, Editora: Rio de Janeiro.

CARTAS — Joseph Anchieta.

AS CRUZES DE MADEIRA — Roland Dergeles.

### JORNAES e REVISTAS

Revista da Universidade de Minas Geraes.

Relatorio do Patronato Operario da Gavea.

O COLLEGIAL, de Petropolis.

VOZES DE PETROPOLIS.

TERRA E CE' O, de Petropolis.

O MISSIONARIO, de Caratinga, Minas.

O LEGIONARIO, de São Paulo.

REVISTA DE CULTURA, Rio de Janeiro.

O ASCENSOR, de Jaboticabal.

CARTAS do padre José de Anchieta, S. J. — Colligidas por Afranio Peixoto—Notas e Posfácio de A. Alcântara Machado. — Civilização Brasileira, Editora; — 1933 — Rio.

Por iniciativa da Academia Brasileira de Letras acaba de publicar a Civilização Brasileira, Editora, uma obra monumental, dessas que marcam um passo na vida literaria e na vida historica dos povos. Trata-se das CARTAS do padre José Anchieta, enviadas á Europa, e nas quaes não se encontram apenas documentos historicos, mas, como affirma Afranio Peixoto, a Historia que não passou. Nesse precioso manancial que fala tão alto do Brasil primevo, vemos como na sua infancia possuiu a nossa Patria os melhores mestres do mundo: os jesuitas.

O que devemos aos jesuitas não poderá jamais ser devidamente calculado. Foram elles os civilizadores maximos da nacionalidade em formação. A elles coube tão grande papel na historia do povo brasileiro que Capistrano de Abreu declarava ser presumpção querer escrever a historia do Brasil semquanto não se tivesse escripto a historia dos Jesuitas.

Coordenador das energias nascentes na terra virgem, pacificador nas lutas entre dominadores e dominados, defensor dos indios contra os portuguezes escravistas e defensor dos portuguezes contra os indios sedentos de vingança, sentinella avançada contra a invasão estrangeira, mestre do selvagem e professor do colono, sacerdote e pae, amigo e irmão, o Jesuita fez pelo Brasil o que jamais Portugal, por si, poderia realizar. O Jesuita pacificava os animos, moralizava os costumes, combatia a ignorancia, incentivava o trabalho honesto, ensinando artes e letras, era, emfim, o apoio e a resistencia de uma sociedade heterogenea, que se teria estrçalhado si não fora a omnipotencia humilde e a força persuasiva desses grandes heroes do Christianismo.

Não fosse a actuação energica e decisiva dos filhos de Santo Ignacio, e, conforme já accentuou Joaquim Nabuco, o Brasil não seria, jamais, o grande bloco do Continente, que vae das Guyanas do Amazonas ás Missões do Paraná. Não tivessem os jesuitas empregado o seu esforço constructor em manter intacta a descoberta lusitana e todo o nosso territorio estaria, hoje, dividido, pelo menos, em quatro grandes immensos fragmentos: um huguenote, outro hollandês, o terceiro espanhol e só o quarto brasileiro.

E' o Jesuita que desce até a Guanabara afim de incentivar os portuguezes contra o dominio francês de Villegaignon. E' o Jesuita que penetra o Alto Paraná e funda reduções de

indigenas, para furtá-los á cobiça dos escravizadores. E' o Jesuita que emprega todo o seu prestigio para ver expulso da Patria o hollandês protestante. E' o Jesuita que sobe até o Maranhão e incita os portuguezes e indigenas a destroçar os estabelecimentos calvinistas. E' ainda o Jesuita que funda collegios para brancos e espalha-se pelas tabas dos selvagens, ensinando-os a ler e a rezar, conquistando-os, pacificamente, para Deus e para a Civilização. Afranio Peixoto chama-os de Santos da Companhia de Jesus, — que educaram e criaram o Brasil infante.

E' tambem o Jesuita que lança as bases para a fundação do maior centro de progresso do Brasil moderno, a poderosa cidade de São Paulo, que teve seu berço e origem no antigo collegio do Santo desse nome, fundado pelos filhos da Companhia no povoado de Piratininga.

Os nomes que mais brilham na historia do Brasil colonial são de Jesuitas. E' Nobrega, fundando São Paulo, defendendo o Rio de Janeiro da investida huguenote. E' Vieira, o sabio e o pregador, o mais decidido e o mais energico defensor da liberdade do indio. Vulto magno da força moral da sua Ordem, ainda hoje é o grande mestre do vernaculo, fonte inesgotavel de pureza estilistica e de riqueza verbal. E é tambem Anchieta, o Santo do Brasil, o poeta e o missionario, o pastor e o medico, o professor e o diplomata. Heroe das selvas brasileiras, elle só é um titulo de gloria para a Companhia. Nessas CARTAS, cuja publicação é o pagamento de uma divida antiga, no dizer de Capistrano de Abreu, é que podemos ver que Anchieta não foi apenas o Missionario, o Apostolo, o Santo, mas possui outras coroas de gloria no mundo: de Mestre, de linguista, de historiador e de iniciador da litteratura brasileira, conforme declara Afranio Peixoto.

E quantos outros nomes de jesuitas não poderiam ser citados. Nomes dos unicos e até hoje inegalaveis desbravadores pacificos da terra brasileira. Desses desbravadores christãos que tudo sacrificavam pelo Brasil, entregando-se não somente á catechese dos selvicolas, como pensam muitos, mas realizando obra triplice, de feição perfeitamente definida e acabada: a obra humanitaria, defendendo o indio contra os conquistadores; a obra politica, realizando verdadeiras republicas nos reductos e missões, e a obra catholica, em que se revelaram inexcediveis, entregando á Patria o indigena civilizado e que passava a contribuir com o seu sangue e com o seu trabalho para a construcção da raça brasileira.

Todas essas meditações occorem na leitura dessas CARTAS. Dessas CARTAS que não devem ser apenas manjar inestimavel para os amantes dos raros documentos da nossa historia, mas leitura quotidiana e indispensavel de todos os bons

brasileiros que precisam de saber como se formou e como vingou a Pátria.

Por ellas se fica vendo que tão somente o Catholicismo foi em tempos idos como ainda vem sendo em nossos dias o grande animador do progresso moral e da grandeza material do Brasil. Foi elle que instruiu o brasileiro de hontem e ainda é elle que educa o brasileiro de hoje. E aprendemos a amar ainda mais, si isso for possivel, o filho da Companhia de Jesus, dessa Companhia que, conforme concluiu o Primeiro Congresso Nacional de Historia, "se acha ligada indissolavelmente á Historia do Brasil e de modo tão estreito que, relembrar seus fastos é assignalar ao mesmo tempo os extraordinarios serviços que, na triplice missão humanitaria, politica e social, prestaram os Jesuitas ao pais, durante mais de dois seculos, evangelizando as tribus selvagens, salvaguardando o principio da moralidade, em face da corrupção e execravel cubiça dos colonos, alimentando a chama do patriotismo, que repelliu as invasões estrangeiras, concorrendo efficazmente para a conservação da unidade e integridade da Pátria, e diffundindo, por toda parte, a cultura intellectual que preparou o surto brilhante da nossa literatura".

LUIS SUCUPIRA.



*Stalin — O csar vermelho, — C. WIN-  
DEUKE. — Companhia Editora Na-  
cional — São Paulo, 1933.*

Um livro que merece ser lido, nesse meio de producções contrarias ou favoraveis a Russia bolchevista. Nesse ensaio bibliographico de Stalin, o autor põe á prova as suas qualidades apreciaveis de historiador e de critico. Nem mesmo as suas accentuadas simpathias pelo csar vermelho perturbam o desenvolver do plano traçado. Ha em STALIN, o Csar Vermelho, apreciações profundas e reaes da alma desse dictador rubro da Russia Nova. Lendo-o, comprehendem-se as attitudes verdadeiramente contradictorias desse Papa do Bolchevismo, como lhe chama o autor. A sua luta com Trotzky. O seu golpe de mestre para apropriar-se da herança politica de Lenine. A sua feição dura de administrar. As suas barbaridades para vencer. Pondo á margem tudo que lhe estorve os passos. Seja Trotzky ou a propria viuva de Lenine. Esse desmoronador da familia, que é um dos bons burgueses *pater-familias*, esse destruidor de religiões que formou seu espirito num Seminario, esse destroçador de um Imperio que é, hoje, o maior autocrata da Russia.

L. S.

OSCAR MENDES — “a alma dos livros” — (ensaios de critica) Bello Horizonte, 1932.

Por lamentavel omissão não nos occupámos, em tempo, do livro do sr. Oscar Mendes, livro de ensaios que denotam a aguda visão critica do autor. Os mezes que passaram serviram para testemunhar que o semestre não desfigurou o brilho das paginas que ainda agora relemos com a mesma sympathy despertada pela primeira leitura.

O sr. Oscar Mendes é, realmente, um ensaista, moço e agil, distinguindo bem “a alma dos livros” e a alma dos autores.

A critica, no Brasil, em manifesta crise, dado o declinio de certos valores que até bem pouco tempo concentravam entusiasticas admirações, a par do afastamento occasional de outros, attrahidos pela luminosidade de outros caminhos, a critica, repetimos, necessita da contribuição que nos trazem as figuras da linhagem de um Oscar Mendes, com a sua serenidade e o seu equilibrio.

Occupam-se o sr. Oscar Mendes dos seguintes autores: Carlos Drumond de Andrade, João Lucio, Baptista Pereira, Manoel Bandeira, Godofredo Rangel e Tristão de Athayde.

O modernismo é assim definido: “O movimento modernista nas letras brasileiras caracterisou-se por uma zoadá en-surdecadora, na sua apresentação, e por um fraccionamento, que lhe entrou a arrancada, em pequeninas seitas, em igrejinhas, em falanges, falanginhas e falangetas, com um diluvio de manifestos e programmas, verdadeiras plataformas de governo, isto é, papel só.

Um berreiro damnado. Uma imitação da batalha do “Hernani”, traduzida em brasileiro. E, principalmente, muita molecagem. A revolução em seus peiores aspectos. Só destruir. Na hora de reconstruir, todo o mundo querendo ser chefe. Tudo mestre de obras. Nem um pedreiro”.

A definição do Sr. Oscar Mendes ajusta-se perfeitamente ao juizo que sempre fizemos do modernismo convencional que nos bateu á porta, conduzido por “extraordinarios poetas” cujas produções visavam apenas “zoadá”, reclame. A phase passou... Desejavamos saber, aliás, porque razão o sr. Oscar Mendes preferiu abrir “a alma dos livros” com o estudo sobre o sr. Carlos Drumond de Andrade, precisamente o mais fraco de todos. O que se lhe segue, “A Flôr de uma Raça”, sobre o sr. João Lucio, é evidentemente superior. A investigação do critico entrou em jogo, raciocinando, discutindo, ponderando. “Nossa Formação”, por exemplo, é um capitulo excellente. As proprias paginas sobre o sr. Manoel Bandeira — poeta e modernista como o sr. Carlos Drumond —

affiguram-se-nos bem mais vivas, talvez por evocarem a infância de quem é do Norte, através desta recordação de fundo tão amargo:

*A' distancia as vozes macias das  
meninas politonavam:  
Roseira, dai-me uma rosa,  
Craveiro, dá-me um botão  
(Dessas rosas muita rosa  
Terá morrido em botão...)*

Em "Um descobridor de almas", finalmente, o sr. Oscar Mendes encara a critica e traça o perfil do grande critico que é o sr. Tristão de Athayde, que "não tem preferencias, nem excepções odiosas", lendo "o poemazinho modernista de um poeta de São José da Serrinha e o grosso volume de algum pesadão philosopho germanico.

Ha a lamentar, n' "a alma dos livros", uma falha fundamental: o numero reduzido de paginas, desapontando o leitor avido por novos capitulos. Mas a vingança do leitor não se faz esperar e o livro passa a ser relido com a mesma alegria do primeiro instante.

O. L.

# INDICE

VOLUME IX—Ns. 35 a 40 (Nova serie)

## A

- Acker** (Leonardo van)—Sociologia ou Socialismo?, 22; e Chronica Pedagogica, 256.  
**Andrade** (Mario de)—Noticia de Porto Velho, 234.  
**Almeida** (Bartholomeu de)—A Maçonaria no Brasil, 236 e 409.  
**Athayde** (Tristão de)—Palavras a um padre novo, 426.

## B

- Boverat** (Fernand)—A Demographia da U. R. S. S., 242.

## C

- Celso** (Conde de Affonso)—Imitação de Maria, 86.  
**Coelho** (J. Vieira)—O direito natural de propriedade, 336.

## D

- Dias** (Publio)—Noticia de Porto Velho (Amazonas) 34.

## E

- Ebel** (D. Basilio, O. S. B.)—Encontro de Deus e dos homens na liturgia da Semana Santa, 379.

## G

- Guedes** (Padre J. Ayrton)—Igreja Livre no Estado Livre, 30.  
**Gomes** (Perillo)—Uma traducção do "I Fioretti", 231.  
**Guerra** (Leopoldino)—Origem dos Hospitaes, 403.

## L

- Lubambo** (Manoel)—Em que consiste a Escola Unica, 212.

## M

- Muckermann** (Frederico, S. J.)—Por que tanta frouxidão no combate ao bolchevismo?, 9.  
**Moraes** (José Mariz de)—Chronica de Arte, 439.  
**Moraes** (Durval de)—Imitação de Christo, (trad.,) 418.

## N

- Nery** (Padre J. de Castro)—Possessão, histeria e extase, 328.

## P

- Pinto** (H. Sobral)—Chronica Politica, 43, 124 e 271.  
**Pereira** (Lucia Miguel)—Chronica Feminina, 41, 268 e 432.  
**Prado** (Xavier do)—Tuberculose e Assistencia Social, 103.  
**Pagano** (Sebastião)—Acção Catholica, 195.

## R

- Redacção**—Despertar os Adormecidos, 3; Pedantismo Pedagogico, 83; Um sectario que se ignora, 163 e O pleito de 3 de Maio, 323.

## S

- Sucupira** (Luis)—Imprensa Catholica, 110.  
**Serrano** (Jonathas)—Letras Catholicas, 37, 120, 252 e 435.  
**Secondi** (Fr. Pierre, O. P.)—Santo Alberto Magno, 170 e 355.  
**Silveira** (Tasso da)—O pensamento de René Guénon, 226; Melancolia, 353.  
**Santos** (Arlindo Veiga dos)—Santo Antonio e a Eucharistia, 391.

## V

- Valment** (Ubyratan Luis)—Cordilheira de Nuvens, 390.